

PAUL AUSTER

No País das
Últimas Coisas



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PAUL AUSTER

No País das
Últimas Coisas

Tradução de
Luiz Araújo



Título original: *In The Country of Last Things*
Copyright © Paul Auster, 1987
Publicado originalmente por Viking Penguin Inc.
Todos os direitos reservados.

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil adquiridos por
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.,
que se reserva a propriedade desta tradução.

EDITORA BEST SELLER
uma divisão do Círculo do Livro Ltda.
São Paulo, SP

ISBN 85-7123-177-X

a Siri Hustvedt

Não faz muito tempo, passando pelo portão dos sonhos,
visitei essa região da Terra onde fica a famosa
Cidade da Destruição.

— NATHANIEL HAWTHORNE

Estas são as últimas coisas, escreveu ela. Uma a uma, vão desaparecendo para nunca mais voltar. Podia lhe falar nas que vi, nas que já não existem, mas duvido que haja tempo. Tudo vem acontecendo muito depressa, já não consigo reter os fatos.

Não espero que compreenda. Você não viu nada disso e, mesmo que tentasse, não conseguiria imaginar. São as últimas coisas. Uma casa está aqui um dia e, no outro, sumiu. Uma rua pela qual você passou ontem já não existe hoje. Até mesmo o clima flui constantemente. A um dia de sol, segue-se um de chuva, a um de neve, sucede-se um de neblina. Calor, depois frio, vento, depois calmaria, um período de frio intenso e, de repente, hoje, em pleno inverno, uma tarde luminosa, quente a ponto de só se precisar de um suéter. Quem mora na cidade não tem garantia de nada. Basta fechar os olhos por um instante, voltar-se e olhar para qualquer outra coisa, e o que estava diante de você terá desaparecido subitamente. Nada perdura, compreende? Nem mesmo os pensamentos. E é bobagem perder tempo procurando. O que desaparece acaba.

É assim que eu vivo, prossegue a carta. Não como muito. Só o bastante para continuar caminhando, nada mais. Por vezes, é tanta a minha fraqueza que sinto não ser capaz do próximo passo. Mas vou em frente. Apesar dos lapsos, eu continuo. Precisa ver como vou em frente.

As ruas da cidade estão em toda parte, e não há duas iguais. Coloco um pé diante do outro, depois este diante daquele, e espero poder fazê-lo de novo. Nada mais do que isso. Você precisa entender como estou agora. Caminho. Respiro o ar que me é dado. Como o mínimo possível. Pouco importa o que digam, a única coisa que conta é permanecer de pé.

Você se lembra do que me disse antes de minha partida? William desapareceu, você disse, e, por mais que procurasse, eu nunca o encontraria. Foram suas palavras. Respondi que não me interessavam suas palavras, que haveria de encontrar meu irmão. E, então, parti naquele barco terrível, deixando-o aí. Há quanto tempo isso? Não me lembro. Anos e anos, creio. Mas é só uma suposição. Coisa que não me preocupa. Perdi o rumo, e não há como corrigir isto.

Uma coisa é certa. Se não fosse pela fome, eu não seria capaz de prosseguir. A gente tem de se acostumar a comer o mínimo possível. Querendo menos, se satisfaz com menos; e quanto menos precisar, melhor. Isso é o que a cidade faz com você. Vira as ideias pelo avesso. Faz com que você queira viver e, ao mesmo tempo, tenta lhe tirar a vida. Não há escapatória. Ou você consegue ou não. Se conseguir, não pode ter certeza de que conseguirá da próxima vez. Se não conseguir, não haverá próxima vez.

Não sei bem por que lhe estou escrevendo. Para ser franca, mal voltei a pensar em você desde que cheguei. De repente, contudo, depois de tanto tempo, sinto que tenho algo a dizer, e, se não escrever rapidamente, minha cabeça pode

explodir. Não importa que você não leia a carta. Não importa sequer enviá-la, supondo que seja possível. Talvez se trate apenas disto: escrevo-lhe porque você não sabe nada. Porque está longe de mim e não sabe nada.

Há pessoas tão magras, escreveu ela, que são levadas pelo vento. O vento feroz da cidade, sempre soprando do rio, sempre assobiando em seus ouvidos, sempre a açoitá-lo por trás ou pela frente, sempre fazendo remoinhar os papéis e o lixo em seu caminho. Não é extraordinário ver pessoas magras passarem em grupos de duas ou três, famílias inteiras às vezes, presas umas às outras com cordas e correntes, firmando-se mutuamente contra as lufadas. Outros desistem de vez de sair tendo de agarrar-se aos umbrais e às esquinas, já que até o mais límpido céu parece uma ameaça. Melhor esperar tranquilamente em seu canto, pensam, do que se espedaçar de encontro às pedras. Também é possível aprender tão bem a não comer que, enfim, você consegue se abster completamente.

É até pior lutar contra a fome. Os que pensam demais em comida só têm problemas. São os obsessivos, os que se recusam a admitir os fatos. São os que erram pelas ruas, a qualquer hora, em busca de sustento, correndo enormes riscos até pelas mais ínfimas migalhas. Pouco importa quanto obtenham, nunca será suficiente. Comem sem jamais se saciar, devoram o alimento com voracidade animal, os dedos esqueléticos sempre a esmiuçar, as trêmulas mandíbulas sempre a escancarar-se.

A maior parte do que agarram lhes escorre pelo queixo, e o que conseguem engolir acaba sendo vomitado poucos minutos depois. É uma morte lenta, como se a comida fosse um fogo, uma demência, que os queima por dentro. Pensam que estão comendo para continuar vivos, mas são eles que, por fim, acabam devorados.

Na verdade, comida é um negócio complicado; a menos que aprenda a aceitar o que lhe dão, você nunca estará em paz consigo mesmo. A escassez é frequente e o alimento que lhe deu prazer um dia já não existirá no outro. Os mercados municipais são, provavelmente, os lugares mais seguros e confiáveis onde fazer compras, mas os preços são elevados e a variedade, miserável. Um dia, pode não haver senão rabanetes, no outro, só bolo de chocolate rançoso. Mudar de dieta tão frequente e drasticamente pode ser duro para seu estômago. Mas os mercados municipais têm a vantagem de ser vigiados pela polícia, e, ao menos, você sabe que o que está comprando vai para o seu próprio estômago e não para o dos outros. O roubo de comida, nas ruas, é tão comum que já deixou de ser considerado crime. Além disso, os mercados municipais são a única forma legalmente autorizada de distribuição de gêneros alimentícios. Há muitos vendedores particulares em toda a cidade, mas sua mercadoria pode ser confiscada a qualquer momento. Mesmo os que conseguem subornar a polícia para permanecer no negócio têm de enfrentar a constante ameaça dos ladrões.

Estes atacam também os fregueses dos mercados particulares, e está estatisticamente provado que, em cada duas compras, uma termina em assalto. Não creio que valha a pena arriscar tanto pelo prazer efêmero de uma laranja ou pelo sabor do presunto cozido. Mas as pessoas são insaciáveis: a fome é uma maldição diária e a barriga, um saco sem fundo, um buraco do tamanho do mundo. Por esta razão, os mercados privados fazem bons negócios, apesar dos obstáculos, apesar de terem de ir de um lugar para outro, de estarem em constante mudança, ora aqui, ora ali, por uma ou duas horas, e logo precisarem sumir. Uma advertência, contudo: se você tiver de comprar comida nos mercados privados, tome cuidado com os comerciantes renegados, pois a fraude é desenfreada, e há muita gente capaz de vender qualquer coisa só para obter lucro: ovos ou laranjas recheados com serragem, garrafas de urina como cerveja. Não, não há o que eles não façam, e, quanto mais cedo aprender, melhor para você.

Na rua, prosseguia ela, você precisa se lembrar de dar apenas um passo a cada vez. E de manter os olhos bem abertos, olhando para cima e para baixo, para a frente e para trás, atento aos outros corpos, alerta contra o imprevisível. Colidir com alguém pode ser fatal. Duas pessoas colidem e, logo, começam a se esmurrar. Ou, então, caem no chão e não tentam se levantar. Cedo ou tarde chega o momento em que você não tenta mais se levantar. Dor no corpo, sabe? Não há remédio contra isso.

O chão é um problema especial. Você tem de aprender a evitar os buracos inesperados, os súbitos montes de pedras, as depressões, de modo a não tropeçar ou se machucar. E há também as barreiras, o pior de tudo, e é preciso ter astúcia para escapar a elas. Onde quer que os prédios tenham ruído ou haja lixo acumulado, erguem-se grandes barricadas, obstruindo a passagem. Constroem-nas onde encontram material disponível, e ali ficam entrincheiradas com porretes, fuzis ou tijolos, à espera dos trauseuntes. Tomam o controle da rua. Se quiser passar, você tem de dar o que exigirem. Às vezes é dinheiro; às vezes, comida; às vezes, sexo. Os espancamentos são um lugar-comum, e, a cada instante, você ouve falar em assassinatos.

Novas barreiras se erguem, as antigas desaparecem. A gente nunca sabe que ruas tomar, que ruas evitar. Pouco a pouco, a cidade o saqueia, não há dúvida. Jamais se pode ter uma rota fixa, e você só sobrevive se nada lhe for necessário. Sem aviso prévio, você tem de estar disposto a mudar, a abandonar o que estava fazendo, a inverter as coisas. Consequentemente, tem de aprender a decifrar os sinais. Quando a vista falha, o nariz pode servir, às vezes. Meu sentido do olfato se tornou extraordinariamente apurado. Apesar dos efeitos colaterais, as repentinas náuseas, as tonturas, o medo que vem com o ar que me penetra o corpo, ele me protege ao virar as esquinas, pois aí pode residir o maior perigo. Porque as

barreiras têm um cheiro particular que você aprende a identificar mesmo a uma grande distância. Feitas de pedras, cimento e tábuas, elas também retêm o lixo e as lascas de estuque, e o sol atua sobre o lixo, produzindo um vapor mais intenso que em qualquer outra parte, e a chuva atua sobre a argamassa, emolando-a, derretendo-a, de modo que exale um odor característico, e quando as duas coisas se misturam, interagindo em alternadas adaptações da secura e da umidade, o cheiro das barreiras começa a florescer. O essencial é não se acostumar, pois os hábitos são mortais. Ainda que seja pela centésima vez, você deve tomar as coisas como se nunca as tivesse visto. Pouco importa o número de vezes anteriores, cada uma tem de ser sempre a primeira. Isso é quase impossível, eu sei, mas é uma regra absoluta.

Você pode pensar que, cedo ou tarde, tudo isso tem de acabar. As coisas se desfazem, desaparecem, e nada é reconstruído. As pessoas morrem, e os bebês se recusam a nascer. Nestes anos todos, não me lembro de ter visto um único recém-nascido. No entanto, há sempre gente nova substituindo as que sumiram. Gente que vêm, aos borbotões, do campo ou das cidadezinhas próximas, arrastando carroças abarrotadas com seus pertences, atrapalhados com seus carros estragados, todos famintos, todos flagelados. Enquanto não aprendem a viver na cidade, esses recém-chegados são vítimas fáceis. Muitos são enganados e perdem todo seu dinheiro logo no primeiro dia. Alguns pagam por apartamentos que não existem, outros são levados a dar comissões em troca de serviços que nunca se materializam, e há os que gastam suas economias na compra de alimentos que não passam de papelão pintado. Estes são apenas os golpes mais comuns. Conheço um homem que ganha a vida parado defronte da antiga Câmara Municipal, cobrando uma tarifa cada vez que um imigrante olha para o relógio da torre. Quando surge uma discussão, seu ajudante, que banca o otário, finge que está passando pelo ritual de consultar o relógio e pagar, para que o forasteiro pense que se trata de uma prática habitual. O espantoso não é que existam vigaristas, mas que encontrem, tão facilmente, gente disposta a perder seu dinheiro.

Porque os que têm um lugar onde morar correm, permanentemente, o risco de ficar sem ele. A maioria dos imóveis não é de ninguém, de modo que você não tem direito de propriedade, nenhuma base legal em que se apoiar quando as coisas se voltam contra você. Não raro, as pessoas são expulsas de seus apartamentos e jogadas na rua. Um grupo armado de rifles e porretes invade sua casa e o manda sair; a menos que ache que pode vencê-los, que escolha você tem? Essa prática é conhecida como ocupação de domicílio, e há poucas pessoas na cidade que não tenham perdido sua casa desse modo alguma vez. Mas, mesmo que a sorte lhe permita escapar a esse tipo particular de expropriação, você nunca sabe quando se tornará vítima de um dos proprietários-fantasmas.

Estes são chantagistas que aterrorizam quase todos os bairros da cidade, obrigando as pessoas a pagar uma taxa de proteção simplesmente para poder seguir habitando seus apartamentos. Proclamam-se donos do edifício, enganam os moradores e quase nunca encontram resistência.

Para os que não têm casa, no entanto, a situação ainda é pior. Não há sequer a esperança de uma vaga. Mesmo assim, os corretores imobiliários conseguem fazer bons negócios. Diariamente, anunciam apartamentos fictícios nos jornais, a fim de atrair as pessoas a seus escritórios e ganhar dinheiro. Não são poucos os que se deixam enganar, há muita gente disposta a gastar seu último tostão nessas promessas vazias. Chegam de manhã cedinho, formam pacientes filas e ficam esperando, durante horas, à porta dos escritórios, só para poder sentar-se com um corretor, durante dez minutos, e olhar para fotografias de prédios em ruas arborizadas, de apartamentos acarpetados e com macias poltronas de couro, plácidas cenas que evocam o cheiro do café vindo da cozinha, o vapor de um banho quente, as cores vivas das flores na janela. Ninguém parece se importar com o fato de que esses retratos tenham sido tirados há mais de dez anos.

Quantos de nós não voltamos a ser crianças? E não é que nos esforcemos, entende?, nem que tenhamos, realmente, consciência disso. Mas, quando a esperança desaparece, quando você descobre que desistiu de ter esperança na própria possibilidade de ter esperança, a tendência é a de preencher os espaços vazios com sonhos, com pequenas ideias e histórias infantis que o ajudam a prosseguir. Mesmo as pessoas mais endurecidas têm dificuldade para evitar isso. Sem qualquer introdução, interrompem o que estão fazendo, sentam-se e começam a falar nos desejos que lhes brotam. Comida, naturalmente, é um dos temas favoritos. Muitas vezes, você acaba tendo de ouvir um grupo de pessoas ocupadas em descrever uma refeição com meticulosos detalhes, começando pelas sopas e aperitivos, até chegar lentamente à sobremesa, demorando-se em cada ingrediente, em cada condimento, em todos os variados aromas e sabores, concentrando-se ora na preparação, ora no efeito da própria comida, desde o primeiro contato da língua até a gradual expansão daquele sentimento de paz que nos invade quando o alimento passa pela garganta e chega ao estômago. Tais conversas, às vezes, podem durar horas e têm um protocolo altamente rigoroso. Por exemplo, você jamais deve rir, e nunca pode permitir que a fome o domine. Nada de arrebatamentos, nada de suspiros involuntários. Isto levaria às lágrimas, e não há o que estrague mais uma conversa sobre comida do que lágrimas. Para obter melhores resultados, sua mente deve se deixar conduzir pelas palavras dos outros. Se elas conseguirem envolvê-lo, você é capaz de esquecer sua fome presente e entrar no que costumam chamar de “arena do nimbo sustentador”. Há até mesmo os que afirmam que essas conversas sobre comida têm valor nutritivo, desde que haja a concentração adequada e o desejo de acreditar nas palavras dos participantes.

Tudo isso pertence à linguagem dos fantasmas. Há muitas possibilidades de conversa nessa linguagem. A maioria delas começa quando uma pessoa diz a outra: eu desejo. O que se deseja pode ser absolutamente tudo, desde que não possa acontecer. Desejo que o sol nunca se ponha. Desejo que o dinheiro se multiplique em meu bolso. Desejo que a cidade volte a ser como antigamente. Você capta a ideia. Coisa absurda e infantil, sem sentido e sem realidade. Geralmente, as pessoas se apegam à crença de que as coisas, por péssimas que tenham sido ontem, foram melhores que hoje. E, há dois dias, melhores que ontem. Quanto mais você recua no passado, mais belo e desejável se torna o mundo. Você é arrancado do sono, todas as manhãs, para se confrontar com alguma coisa que é sempre pior do que o que enfrentou no dia anterior; mas, falando no mundo que existia antes que fosse dormir, acaba conseguindo criar a ilusão de que o dia de hoje não passa de uma aparição nem mais nem menos real que as lembranças de todos os outros dias guardados dentro de você.

Compreendo por que as pessoas jogam esse jogo, mas não o aprecio. Recuso-me a empregar a linguagem dos fantasmas, e, sempre que ouço outras pessoas falando-a, afasto-me e tapo os ouvidos. Sim, as coisas mudaram para mim. Você se lembra de como eu era divertida? Nunca me cansava de minhas histórias, dos mundos que costumava inventar para as nossas brincadeiras. O Castelo sem Retorno, o País da Tristeza, a Floresta das Palavras Esquecidas. Lembra? Como gostava de mentir para você, de fazê-lo acreditar em minhas histórias e ver seu rosto ficar sério quando eu o levava de uma tosca cena para outra. Depois, dizia que era tudo invenção, e você começava a chorar. Acho que gostava daquelas suas lágrimas tanto quanto de seu sorriso. Sim, creio que eu era um pouco malvada, mesmo naquele tempo, com aqueles vestidinhos soltos com que minha mãe me vestia, com meus joelhos esfolados ou feridos e minha bocetinha de menina, sem pelos. Mas você gostava de mim, não gostava? Você me amava loucamente.

Agora, eu sou toda bom senso e cálculo frio. Não quero ser como os outros. Vejo o que suas fantasias fazem com eles, e não quero que me aconteça o mesmo. As pessoas-fantasmas sempre morrem dormindo. Passam um ou dois meses vagando com um estranho sorriso nos lábios, uma vibração sobrenatural as rondando e as distingue, como se já tivessem começado a desaparecer. Os sinais são inconfundíveis: o leve rubor na face, os olhos repentinamente algo maiores que de costume, o caminhar estupefado, o mau cheiro da parte baixa do corpo. Contudo, deve ser uma boa morte. Garanto que sim. Por vezes, quase chego a invejá-los. Mas acontece que eu não posso morrer. E não o permitirei. Hei de aguentar quanto puder, mesmo que isso me mate.

Outras mortes são mais dramáticas. Há a seita dos corredores, por exemplo, gente que sai correndo pelas ruas o mais rápido que pode, agitando ferozmente os

braços, esmurrando o ar, gritando com toda a força dos pulmões. Quase sempre vão em grupos: seis, dez, até vinte deles avançam juntos pela rua, sem que nada os possa deter, correndo incessantemente até caírem exaustos. Trata-se de morrer o mais depressa possível, cansar-se até que o coração já não aguentar. Os corredores afirmam que ninguém teria coragem de fazer isso sozinho. Correndo juntos, cada membro do grupo é arrastado pelos demais, estimulado pelos gritos, fustigado num frenesi de sofrimento autopunitivo. E é nisto que reside a ironia. Para se suicidar correndo, você, primeiro, tem de treinar para se tornar um bom corredor, do contrário não teria forças para ir suficientemente longe. Os corredores, em todo caso, têm de passar por árduos exercícios antes de encontrar o seu destino, e, se acaso caem no caminho, sabem como se colocar de pé imediatamente e prosseguir. Creio que é uma espécie de religião. Há muitos escritórios espalhados pela cidade, um em cada uma das nove zonas de recenseamento e, para ingressar nela, você tem de passar por uma série de difíceis iniciações: conter a respiração debaixo da água, jejuar, pôr a mão na chama de uma vela, ficar sete dias sem falar com ninguém. Uma vez admitido, tem de se submeter ao código do grupo. Isto inclui de seis a doze meses de vida comunitária, um severo regime de exercícios e treinamento e uma ingestão gradualmente reduzida de alimento. Na ocasião em que o membro está preparado para executar a corrida da morte, terá alcançado, simultaneamente, um nível de extrema força e de extrema debilidade. Teoricamente, pode correr para sempre, e, ao mesmo tempo, seu corpo já esgotou quase todos os recursos. Esta combinação produz o resultado desejado. Você parte, com seus companheiros, na manhã do dia designado, e corre até escapar de seu próprio corpo, corre e grita até voar para fora de si mesmo. Finalmente, a alma se desprende, o corpo cai, e você está morto. A propaganda dos corredores afirma que seu método oferece mais de noventa por cento de infalibilidade, o que significa que quase ninguém teve de fazer uma segunda corrida da morte.

Mais comuns são as mortes solidárias. Porém, também elas se transformaram numa espécie de rito público. As pessoas sobem aos lugares mais altos com a exclusiva intenção de saltar. Chama-se o Último Salto, e confesso que há algo de excitante no espetáculo, algo que parece estar abrindo todo um mundo novo de liberdade dentro da gente: ver o corpo equilibrando-se à beira de um telhado e, então, infalivelmente, aquele momento de leve hesitação, como se fosse preciso saborear os segundos finais, sentir a vida acumular-se toda na garganta e, depois, inesperadamente (pois a gente nunca pode ter certeza de quando acontecerá), o corpo se arremessa no ar e desce, voando, até a rua. Você acharia divertido o entusiasmo da multidão: ouvir seus frenéticos aplausos, ver sua euforia. É como se a violência e a beleza do espetáculo as tivesse arrebatado de si mesmas, fazendo-as esquecer a mesquinhez de sua própria existência. O Último Salto é algo que qualquer um pode compreender e corresponde aos

íntimos anseios de todos: morrer subitamente, obliterar-se num breve e glorioso momento. Às vezes, acho que esta é a morte que corresponde à nossa sensibilidade: nossa forma de arte, a única maneira de nos expressarmos.

No entanto, há entre nós os que tratam de viver. Porque a morte também se tornou uma fonte de vida. Com tanta gente pensando em dar fim às coisas, meditando sobre os vários modos de abandonar este mundo é fácil imaginar as oportunidades de lucro. Um sujeito esperto pode viver muito bem à custa da morte dos demais. Pois nem todos têm a coragem dos corredores ou dos saltadores, e muitos precisam de auxílio para tomar a decisão. A possibilidade de pagar por tais serviços é, naturalmente, uma condição prévia, e somente as poucas pessoas mais ricas é que podem se permitir esse luxo. Mas os negócios florescem, especialmente nas clínicas de eutanásia. Há inúmeras variedades delas, de acordo com o que você está disposto a pagar. A forma mais simples e barata tem uma ou duas horas de duração e a publicidade lhe dá o nome de Viagem de Volta. Você se interna numa clínica, compra uma entrada no balcão e é levado a um quatinho privado, com uma cama recém-arrumada. Um enfermeiro o ajuda a se deitar e lhe dá uma injeção; lentamente, você pega no sono e nunca mais acorda. A seguinte, na escala de preços, é a Viagem das Maravilhas que, em qualquer lugar, dura de um a três dias. Consiste numa série de injeções a intervalos regulares, que dão ao cliente uma eufórica sensação de abandono e felicidade, até que se aplique a última delas, a injeção fatal. A seguir, vem o Cruzeiro do Prazer, que pode durar cerca de duas semanas. Os clientes são tratados com toda opulência, servidos de um modo que rivaliza com o esplendor dos antigos hotéis de luxo. Refeições requintadas, vinhos, diversões e até mesmo um bordel que serve às necessidades tanto dos homens quanto das mulheres. Custa um bocado de dinheiro, mas, para algumas pessoas, a oportunidade de viver bem, ainda que por pouco tempo, é uma tentação irresistível.

As clínicas de eutanásia, contudo, não são a única maneira de se comprar a própria morte. Há, igualmente, os clubes assassinos, que se vêm tornando muito populares. Uma pessoa que queira morrer, mas é muito medrosa para fazê-lo por si mesma, ingressa num desses clubes, na sua zona de recenseamento, por um preço relativamente módico. Um assassino lhe é então designado. O associado não recebe informação alguma sobre os preparativos, e tudo o que diz respeito a sua morte permanece um mistério para ele: a data, o lugar, o método a ser empregado, a identidade do assassino. De certo modo, a vida prossegue como sempre. A morte continua no horizonte, uma certeza absoluta e, contudo, inescrutável quanto a sua forma específica. Em lugar da velhice, da enfermidade ou de um acidente, o membro de um clube assassino pode prever uma rápida e violenta morte num futuro não muito remoto: uma bala no cérebro, uma faca nas costas, um par de mãos apertando-lhe a garganta no meio da noite. O efeito disso

tudo parece ser o de tornar a gente mais vigilante. A morte já não é uma abstração e sim uma possibilidade real e presente a todos os momentos da vida. Em vez de se submeter passivamente ao inevitável, os que estão marcados tendem a se tornar mais alertas, mais vigorosos em seus movimentos, mais plenos do sentido da vida — como que transformados por uma nova compreensão das coisas. Muitos acabam se arrependendo e optando, novamente, por viver. Mas isso é complicado. Pois, uma vez que você ingresse num clube, não lhe é permitido sair. Por outro lado, se você conseguir matar seu assassino, pode ser dispensado da obrigação e, se quiser, até ser contratado como assassino. Esse é o perigo da profissão e a razão por que é tão bem paga. É, contudo, raro que um deles seja morto, o assassino é, necessariamente, mais experiente que sua pretensa vítima; mas pode acontecer às vezes. Entre os pobres, particularmente entre os mais jovens, há muitos que economizam durante meses e até anos para ingressar num desses clubes. A ideia é ser admitido como assassino e, desse modo, melhorar de vida. Poucos são os que conseguem. Se eu lhe contasse a história de alguns desses rapazes, você ficaria uma semana sem dormir.

Tudo isso leva a muitos problemas práticos. A questão dos corpos, por exemplo. Aqui, as pessoas não morrem como outrora, expirando serenamente em suas camas ou no limpo santuário de um hospital, morrem ali onde estão, o que, na maioria dos casos, significa a rua. Não me refiro apenas aos corredores, aos saltadores, aos membros dos clubes assassinos (que não passam de uma pequena minoria), mas aos vastos segmentos da população. A metade das pessoas são desabrigadas e não têm, absolutamente, aonde ir. Por isso, há cadáveres em toda a parte: na calçada, às portas e até no meio da rua. Não me peça para entrar em detalhes. Já me é bastante falar nisso, mais do que bastante. Independentemente do que você possa pensar, o problema real nunca é a falta de piedade. Aqui, nada é mais fácil do que enternecer um coração.

A maioria dos corpos aparecem nus. Os “abutres” rondam as ruas a qualquer hora, e nunca demora muito para que os cadáveres sejam despojados de seus pertences. O primeiro a desaparecer são os sapatos, sempre muito procurados e difíceis de encontrar. Os bolsos são os próximos a atrair a atenção e, a seguir, simplesmente tudo, as roupas e o que vier com elas. Por último, chegam os homens com os cinzéis e os alicates, para extrair o ouro e a prata da boca. Já que não há como escapar a isto, muitas famílias preferem despir, elas mesmas, seus mortos a deixá-los à mercê de estranhos. Em alguns casos, trata-se do desejo de preservar a dignidade do ente querido; noutros, de egoísmo simplesmente. Mas há também um aspecto sutil. Se o ouro do dente do marido pode sustentar a mulher durante um mês, como dizer que ela faz mal em extrai-lo? Esse tipo de comportamento é imoral, eu sei, mas se você pretende sobreviver aqui tem de fazer concessões em matéria de princípios.

Todas as manhãs, a cidade manda caminhões recolher os corpos. É esta a função principal do governo e também a que mais recursos consome.

Em toda a periferia da cidade há crematórios — os ditos Centros de Transformação — e, a qualquer hora do dia ou da noite, você pode ver a fumaça subindo ao céu. Mas, atualmente, com as ruas em tão mau estado, e com tantas delas reduzidas a entulho, o trabalho se torna cada vez mais difícil. Os homens são obrigados a parar os caminhões e fazer a coleta a pé, o que torna o serviço consideravelmente mais lento. Além disso, há as frequentes panes dos caminhões e as ocasionais incursões dos espectadores. Atirar pedras nos funcionários dos caminhões mortuários é uma atividade comum entre os desabrigados. Embora aqueles andem armados e não hesitem em disparar suas metralhadoras contra a multidão, alguns dos apedrejadores são muito hábeis em se esconder, e sua tática de atacar e fugir é, por vezes, capaz de paralisar completamente a atividade. Não há nenhum motivo coerente por trás desses ataques. Agem movidos pela raiva, pelo ressentimento e pelo tédio, e, como os coletores são os únicos funcionários públicos que aparecem nos bairros, são um alvo adequado. Poder-se-ia dizer que as pedras representam o descontentamento popular diante de um governo que nada faz por eles, a menos que estejam mortos. Mas isto seria ir longe demais. As pedras são uma expressão da infelicidade, e isto é tudo. Pois não há, propriamente, política na cidade. As pessoas estão muito famintas, muito distraídas e com muito ódio umas das outras para pensar nisso.

A travessia durou dez dias e eu era a única passageira. Mas você já sabe disso. Encontrou-se com o capitão e a tripulação, viu minha cabine, não há necessidade de retomar o assunto. Eu passava o tempo olhando para a água e para o céu, dificilmente cheguei a abrir um livro durante todos os dez dias. Entramos na cidade de noite, e só então comecei a ter um pouco de medo. A praia estava completamente escura, não havia luz em parte alguma, e me deu a impressão de estarmos entrando num mundo invisível, num lugar onde só moravam cegos. Mas eu tinha o endereço do escritório de William, isso me dava um pouco de segurança. Só precisava ir até lá, pensei, e, então, as coisas haveriam de caminhar por si mesmas. No fundo, eu acreditava poder encontrar a pista da William. Mas não imaginava que a rua pudesse ter desaparecido. Não era que o escritório estivesse desocupado ou o prédio abandonado. Simplesmente, não havia prédio algum, não havia nada: só pedras e centenas de metros quadrados de entulho.

Mais tarde, fiquei sabendo que aquela era a terceira zona de recenseamento e que, cerca de um ano antes, houvera uma epidemia ali. O governo da cidade entrara, cercara a região com muros e queimara tudo. Pelo menos, foi o que me disseram. Desde então, aprendi a não levar a sério o que me contam. Não que as pessoas tenham por regra mentir para você, simplesmente tudo o que diz respeito

ao passado tende a se obscurecer rapidamente. As lendas nascem em questão de horas, histórias incríveis passam a circular, e os fatos são logo soterrados por uma montanha de teorias ridículas. Na cidade, o melhor é acreditar unicamente em seus próprios olhos. E nem eles são infalíveis. Pois poucas coisas são o que parecem ser, particularmente aqui, com tanta coisa em que se concentra a cada passo, tanta coisa a nos desafiar o entendimento. O que quer que você veja tem a possibilidade de feri-lo, de torná-lo menos do que é, como se o mero fato de ver algo pudesse arrancar uma parte de você. Muitas vezes, a gente sente que pode ser perigoso olhar, e sente uma tendência a desviar os olhos ou até mesmo a fechá-los. Por isso é tão fácil confundir-se, não ter certeza de que está mesmo vendo o objeto para o qual pensa que está olhando. Pode ser que o esteja apenas imaginando, ou misturando-o com outra coisa, ou se lembrando de algo que tenha visto antes — ou talvez até mesmo imaginado. Está vendo como é complicado? Não basta, simplesmente, olhar e dizer a si mesmo “estou olhando para isto”. Porque uma coisa é você ter, sob os olhos, um objeto como um lápis ou um pedaço de pão. Mas, e quando você está olhando para uma criança morta, uma menina caída na rua, despida, a cabeça esmagada e banhada em sangue? Que dizer então? Não se trata apenas de afirmar plena e inequivocamente: “estou olhando para uma criança morta”, entende? Sua mente parece impedida de compor as palavras; de algum modo, você não consegue fazer isso. Porque o que está diante de seus olhos não é algo que você possa facilmente separar de si. Isso é o que quero dizer com ferir-se: você não pode simplesmente ver, pois cada coisa lhe pertence de algum modo, faz parte da história que se desdobra dentro de você. Acho que seria bom se a gente se tornasse dura a ponto de já não se deixar afetar por nada. Mas, então, você ficaria sozinho, de tal modo apartado das outras pessoas que a vida se tornaria impossível. Há, aqui, os que o conseguem, os que encontram forças para se transformar em monstros, mas você se admiraria em saber como são poucos. Ou, para dizê-lo de outro modo: todos nos tornamos monstros, mas não há quase ninguém sem um vestígio da vida anterior dentro de si.

Talvez seja este o maior dos problemas. A vida, tal como a conhecíamos, se acabou, e, entretanto, ninguém é capaz de compreender o que foi que a substituiu. Aqueles que foram criados em outro lugar ou que são velhos o bastante para se lembrar de um mundo diferente deste têm uma luta enorme pela frente, simplesmente para conseguir sobreviver. Confrontado com o fato mais corriqueiro, você já não sabe como agir, e, não podendo agir, acaba se tornando incapaz de pensar. O cérebro é um caos. À sua volta, as mudanças ocorrem uma após outra, cada dia traz uma nova conturbação, as antigas suposições se esfumam no ar, se esvaziam. Este é o dilema. Por um lado, você quer sobreviver, adaptar-se, tornar melhor as coisas. Mas, por outro, parece que, para realizar algo assim, tem de destruir tudo aquilo que, alguma vez, fez de você um

ser humano. Compreende o que estou tentando dizer? Para viver, você tem de morrer. É por isso que tantas pessoas desistem. Porque, por mais que lutem, sabem que estão fadadas a perder. E, neste caso, nada é mais inútil que continuar lutando.

Minha memória tende a se apagar agora: o que aconteceu ou deixou de acontecer, a primeira vez naquelas ruas, os dias, as noites, o céu, as pedras espalhadas. Lembro-me, vagamente, de ter olhado muito para cima, como se estivesse procurando o céu, pois nele faltava ou sobrava alguma coisa, algo que o tornava diferente dos demais, como se o céu pudesse explicar o que via a meu redor. Pode ser que eu me engane, em todo caso. Devo estar transferindo observações de um período posterior a esses primeiros dias. Mas duvido que isso tenha muita importância. Não agora.

Após um longo e cauteloso estudo, posso informar, com certeza, que o céu, aqui, é o mesmo que paira sobre você. Temos as mesmas nuvens e o mesmo resplendor, as mesmas tempestades e os mesmos dias calmos, os mesmos ventos que tudo levam consigo. Os efeitos são algo diferente, mas isso se deve, estritamente, ao que se passa aqui em baixo. As noites, por exemplo, não são tranquilas como aí. São igualmente escuras e vastas, mas sem aquela sensação de quietude; há apenas uma constante ressaca, um murmúrio que o empurra para baixo, que o impele para a frente. Incessantemente. E, durante o dia, há um fulgor por vezes intolerável, um clarão que nos embota e parece empalidecer todas as coisas; as superfícies todas brilham, o próprio ar quase tremula. A luz incide de tal maneira que as cores se tornam mais indefinidas à medida que você se aproxima. Até mesmo as sombras são agitadas, pulsam, nervosamente, nos cantos. Você precisa tomar o cuidado de não abrir muito os olhos a essa luz, de cerrá-los até o grau exato que lhe permita não perder o equilíbrio. Do contrário, há de tropeçar ao caminhar, e nem preciso enumerar os perigos de uma queda. Se não fosse pela escuridão e pelas estranhas noites que se abatem sobre nós, às vezes sinto que o céu se queimaria, se reduziria a cinzas. Os dias terminam quando precisam terminar, quando o sol parece ter exaurido as coisas sobre as quais refulge, quando já nada tem condições de lhe suportar o brilho. O mundo implausível se derreteria todo, e seria o fim.

Lenta e implacavelmente, a cidade parece se autoconsumir, ainda que perdue. Não tenho explicação. Só consigo narrar, não posso fingir compreender. Todos os dias você ouve explosões na rua, como se, em algum lugar distante, um edifício estivesse ruindo ou uma calçada afundando. Mas você nunca vê isso acontecer. Pouco importa quantas vezes ouça tais ruídos, suas origens permanecem invisíveis. Você pode pensar que, de vez em quando, uma explosão há de ocorrer em sua presença. Mas os fatos se sublevam contra as probabilidades. Não pense que eu esteja imaginando coisas, esses ruídos não

começam em minha cabeça. Os outros também os ouvem, ainda que não prestem muita atenção. Às vezes, chegam a se deter para comentá-los, mas nunca parecem preocupados. Está um pouquinho melhor agora, podem dizer. Ou, esta tarde está agitada. Eu costumava fazer muitas perguntas sobre essas explosões, mas nunca obtive resposta. Não mais que um olhar calado ou um dar de ombros. Por fim, compreendi que certas coisas simplesmente não se perguntam, que mesmo aqui existem temas que ninguém deseja discutir.

Para os que já perderam tudo, restam as ruas, os parques e as antigas estações de metrô. O pior são as ruas, pois, ali, você fica exposto a todos os azares e inconveniências. Nos parques, é um pouco melhor, não há o problema do tráfego e dos constantes transeuntes, mas, a menos que seja um dos que têm a sorte de possuir uma tenda ou um barraco, você fica à mercê da intempérie. Somente nas estações de metrô você pode estar seguro de escapar às inclemências do tempo, mas, também ali, é praticamente obrigado a se conformar com inúmeras outras irritações: a umidade, a multidão e os perpétuos gritos das pessoas magnetizadas, ao que parece, pelo eco de suas próprias vozes.

Naquelas primeiras semanas, era a chuva o que eu mais temia. Até mesmo o frio, comparado a ela, é uma ninharia. Pode-se enfrentá-lo com um bom agasalho (eu tinha um) e bastante movimento que estimule o sangue. Também fiquei conhecendo a utilidade dos jornais, certamente o melhor e mais barato material com que isolar as roupas. Nos dias frios, você tem de se levantar bem cedo para entrar numa das filas que se formam diante das bancas de jornal. Deve calcular judiciosamente a demora, pois não há nada pior que ficar parado no ar frio da manhã durante muito tempo. Se acha que tem de esperar mais de vinte ou vinte e cinco minutos, então, é preferível ir embora e esquecer.

Uma vez comprado o jornal, supondo que o tenha conseguido, o melhor é pegar uma folha, rasgá-la em tiras e torcê-las e amassá-las. Com elas, você pode forrar o bico dos sapatos e os espaços por onde penetra o vento ao redor dos tornozelos, ou tapar os buracos da roupa. Para os membros e o tronco, o melhor procedimento é enrolar folhas inteiras. Para a região do pescoço, é bom tomar umas dez dessas tiras torcidas e trançá-las, formando uma espécie de colarinho. Tudo isso lhe dá uma aparência inchada, acolchoada, que tem a vantagem estética de disfarçar a magreza. Pois, para os vaidosos, a “comida de papel”, como é chamada aqui, funciona como uma técnica para salvar as aparências. Gente que está, literalmente, morrendo de fome, com a barriga afundada e os membros feito palitos, anda por aí tentando parecer pesar noventa ou cem quilos. Ninguém se deixa enganar por esse disfarce, pois você consegue distinguir essa gente a quinhentos metros de distância, mas talvez não seja isto o que importa. O que eles parecem estar dizendo é que sabem o que lhes aconteceu e que se envergonham disso. Mais do que tudo, seus corpos dilatados são uma expressão

de conhecimento, de amarga autoconsciência. Transformam-se em grotescas paródias dos prósperos e bem nutridos, e, com essa bofetada frustrada e semidemente na respeitabilidade, provam que são justamente o contrário do que fingem ser, e que sabem disso.

A chuva, no entanto, é invencível. Porque, se você se molhar, há de pagar por isso durante horas ou mesmo dias. Não há erro maior que apanhar um aguaceiro. Você não só corre o risco de se resfriar como sofre inúmeros incômodos: roupas saturadas de umidade, ossos regelados e o eterno perigo de estragar os sapatos. Se a mais importante das tarefas consiste em ficar de pé, imagine as consequências de não contar com sapatos adequados. E nada os afeta mais desastrosamente que molhá-los. Isto pode levar a todo tipo de problemas: bolhas, inchaços, calos, unhas encravadas, feridas, deformações; e quando caminhar se lhe tornar penoso você estará praticamente perdido. Um passo, outro passo e, depois, outro: esta é a regra sagrada. Se você já não conseguir sequer fazer isso, o melhor é deitar-se ali onde estiver e tratar de parar de respirar.

Mas como evitar a chuva, se ela pode cair a qualquer momento? Há ocasiões, muitas ocasiões, em que você se encontra na rua, indo de um lugar a outro, a caminho do que quer que seja, sem outra escolha, e, de repente, o céu escurece, as nuvens se acumulam, e eis que você acaba ensopado até a medula. E, mesmo que consiga abrigo no momento em que a chuva começa, poupando-se por essa vez, precisa ainda ter extremo cuidado depois que ela passar. Pois, então, terá de prestar atenção às poças que se formam nos buracos da calçada, aos lagos que às vezes brotam das fendas, e até mesmo à lama traçoeira que se filtra no chão, podendo lhe chegar aos tornozelos. Com as ruas no estado miserável em que se encontram, com tanta coisa rebentada, escavada, esburacada e rachada, não há como escapar a tais desastres. Cedo ou tarde, você acaba chegando a um lugar onde não há alternativa, onde se vê cercado por todos os lados. E não se trata apenas de observar as superfícies, o mundo em contato com seus pés, trata-se das goteiras e da água que escorre dos telhados, e, o que é pior, dos impetuosos ventos que, geralmente, se sucedem às chuvas, dos ferozes redemoinhos que, roçando a superfície dos lagos e das poças, lançam a água à atmosfera novamente, arremessando-a como alfinetes, como dardos que lhe vêm ferir o rosto e giram a sua volta, tornando-lhe impossível ver o que quer que seja. Quando sopra o vento após uma chuva, as pessoas colidem com mais frequência, surgem mais conflitos nas ruas, e o próprio ar parece carregado de ameaças.

Seria diferente se houvesse como prever o tempo com certo grau de segurança. A gente poderia fazer planos, saber quando evitar as ruas, preparar-se, antecipadamente, para as mudanças. Mas tudo ocorre depressa demais aqui, as alterações são muito bruscas, o que é verdade num minuto já não o é no minuto seguinte. Perdi muito tempo buscando vestígios no ar, tentando estudar a atmosfera à procura de sinais pelos quais me orientar: a cor e a densidade das

nuvens, a velocidade e a direção do vento, os odores a horas determinadas, a consistência do céu à noite, a extensão dos crepúsculos, a intensidade do orvalho ao amanhecer. Mas nada teve utilidade para mim. Correlacionar uma coisa com outra, estabelecer relações entre uma tarde nublada e um vento noturno são bobagens que não conduzem senão à loucura. Você começa a girar no vórtice de seus cálculos e, no momento em que está convencido de que vai chover, o sol continua a brilhar o dia inteiro.

A gente precisa estar preparada para tudo. Mas as opiniões sobre a melhor maneira de proceder variam drasticamente. Há uma pequena minoria, por exemplo, que acredita que o mau tempo é provocado pelos pensamentos maus. Trata-se de uma abordagem um tanto mística da questão, pois implica que os pensamentos são capazes de se traduzir, diretamente, em fenômenos do mundo físico. De acordo com essa gente, se você tem um pensamento sombrio ou pessimista, produzir-se-ão nuvens no céu. Se muita gente se entregar a tais pensamentos, a chuva começará a cair. Esta é a causa das espantosas mudanças de tempo, afirmam, e a razão por que ninguém foi capaz de dar uma explicação científica às extravagâncias de nosso clima. A solução que propõem consiste em manter uma jovialidade constante, por mais funestas que sejam as condições em que se encontrem. Nada de testas franzidas, nada de suspiros profundos, nada de lágrimas. Essas pessoas são conhecidas como “os sorridentes”, e nenhuma das seitas da cidade é mais inocente e pueril. Estão convencidas de que, se conseguissem converter a maior parte da população a sua crença, o tempo começaria ao menos a se estabilizar, e a vida melhoraria. Por isso, passam o tempo todo fazendo proselitismo, na contínua busca de novos adeptos; as maneiras suaves, porém, que elas se impõem a si mesmas, as tornam pouco persuasivas. Raramente conseguem convencer e, conseqüentemente, suas ideias jamais foram testadas, pois, sem um elevado número de crentes, não haverá pensamentos bons em volume suficiente para alterar as coisas. E é justamente essa ausência de provas que os torna mais obstinados em sua fé. Posso imaginá-lo sacudindo a cabeça e, sem dúvida, também acho ridícula e desorientada essa gente. Mas, no contexto cotidiano da cidade, seus argumentos não deixam de ter alguma força, por absurdos que sejam. Como pessoas, os sorridentes tendem a ser uma companhia agradável, já que sua gentileza e seu otimismo representam um antídoto bem-vindo contra a irritada amargura que nos rodeia.

Em compensação, há um outro grupo chamado “os reptantes”, que acredita que a situação continuará a piorar até que demonstremos, de maneira plenamente convincente, o quanto nos envergonhamos da maneira como vivíamos no passado. A solução que preconizam consiste em prostrar-se no chão e recusar-se a se levantar novamente até que lhes seja dado um sinal de que sua penitência foi considerada suficiente. Que sinal será esse é tema de longas discussões teóricas. Algumas acham que será um mês inteiro de chuva; outros,

um mês inteiro de bom tempo; e há ainda os que dizem que ele permanecerá um mistério até que lhes seja revelado ao coração. Essa seita conta com duas facções principais — “os cães” e “as serpentes”. Os primeiros argumentam que o ato de contrição adequado consiste em engatinhar, enquanto os segundos sustentam que o melhor é arrastar-se sobre o próprio ventre. Com muita frequência, dão-se lutas sangrentas entre os dois grupos — um tratando de obter o controle sobre o outro —, mas nenhuma das facções conquistou suficientes adeptos e, ao que parece, a seita está em extinção.

A conclusão é que a maioria das pessoas carece de opiniões firmadas sobre essas questões. Mesmo se eu enumerasse os vários grupos que têm uma teoria coerente a respeito do tempo (“os tamborileiros”, a Seita do Fim do Mundo, os “livre-associacionistas”), duvido que chegassem a representar mais do que uma gota no oceano. Penso que, na verdade, tudo se deve ao puro acaso. O céu é governado aleatoriamente por forças tão complexas e obscuras que ninguém o pode explicar de maneira completa. Se você apanhar uma chuva e ficar molhado, azar seu, eis tudo o que se pode dizer. Se conseguir não se molhar, tanto melhor, mas isso nada tem a ver com suas atitudes e convicções. A chuva não faz distinções. Numa ocasião ou noutra acaba caindo sobre a gente, e, neste caso, todos somos iguais, ninguém é melhor nem pior, somos todos a mesma coisa.

Tenho muitíssimo a lhe dizer. Quando começo a contar alguma coisa, percebo o pouco que compreendo. Estou falando de fatos e imagens, de informações precisas sobre como vivemos aqui na cidade. Este teria sido o trabalho de William. O jornal o mandou para cá para fazer a cobertura, e ele enviaria uma reportagem semanal. Passado histórico, artigos de interesse geral, tudo. Mas não foi muito o que recebemos, foi? Alguns breves despachos e, depois, silêncio. Se William não conseguiu, não sei como hei de conseguir. Não tenho ideia de como a cidade sobrevive e, mesmo que investigasse o assunto, demoraria tanto que toda a situação teria mudado quando o descobrisse. Onde crescem as verduras, por exemplo, e como são transportadas à cidade. Não sou capaz de responder e nunca vi quem fosse. Falam em zonas agrícolas no interior, a oeste, mas isso pode não ser verdade. Fala-se sobre tudo aqui, principalmente sobre as coisas que se desconhece. O que me intriga não é que tudo esteja ruindo, mas que tanta coisa continue a existir. Demora muito para que um mundo desapareça, muito mais do que a gente pode imaginar. A vida continua a ser vivida, e cada um de nós é a testemunha de seu pequeno drama. É verdade que já não existem escolas; é verdade que o último filme foi exibido há cinco anos; é verdade que o vinho é tão escasso atualmente que só os ricos o podem adquirir. Mas será isto o que chamamos vida? Deixemos que tudo morra e, então, vejamos o que resta. Talvez seja esta a mais interessante das questões: ver o que acontecerá quando já nada existir, e se sobreviveremos também a isso.

As consequências podem ser bem curiosas e, muitas vezes, contrariam nossas expectativas. O extremo desespero pode coexistir com a mais deslumbrante invenção; a entropia e a eflorescência se fundem. Como foi tão pouco o que restou, nada mais é jogado fora e se encontra utilidade em tudo o que, outrora, era desprezado como lixo. Isso tem a ver com uma nova maneira de pensar. A escassez inclina sua mente a buscar novas soluções, e você se vê disposto a entreter ideias que jamais lhe teriam ocorrido. Examine o tema dejetos humanos, sim, literalmente, dejetos humanos. Já quase não existem encanamentos. Os canos se corroeram, os banheiros entupiram ou vazaram, o sistema de esgotos deixou de funcionar. Em vez de permitir que as pessoas resolvam o problema por si mesmas, desfazendo-se desordenadamente da imundície, o que, em pouco tempo, nos levaria ao caos e às epidemias, criou-se um sistema elaborado, mediante o qual os bairros são patrulhados por equipes noturnas de coletores. Passam, ruidosamente, pelas ruas três vezes por noite, arrastando e empurrando seus aparelhos enferrujados no pavimento coberto de gretas, fazendo tilintar os sinos para que as pessoas saiam e esvaziem seus baldes nos tanques. O cheiro é, naturalmente, insuportável e, quando o sistema foi implantado, as únicas pessoas dispostas a prestar o serviço eram os presos, aos quais se oferecia a duvidosa escolha entre uma pena prolongada, se recusassem, e uma mais curta, caso aceitassem. Desde então as coisas mudaram, os fecalistas, atualmente, têm o status de funcionários públicos e moram em casas iguais às da polícia. Parece-me correto. Se não houvesse alguma vantagem, quem se disporia a fazer o trabalho? Isto mostra o quão eficaz pode ser o governo em determinadas circunstâncias. Cadáveres e merda — quando se trata de remover ameaças à saúde, nossos administradores são positivamente romanos em sua organização, um modelo de pensamento claro e eficiência.

Mas a coisa não termina aí. Depois de recolher os excrementos, os fecalistas não os jogam simplesmente fora. A merda e o lixo tornaram-se importantes recursos; com a redução de nossas reservas de petróleo e carvão a níveis perigosamente baixos, são os dejetos que nos fornecem boa parte da energia que ainda somos capazes de produzir. Cada zona de recenseamento tem a sua usina inteiramente alimentada por esse material. O combustível dos carros, o aquecimento das casas; tudo vem do gás metano produzido em tais usinas. Pode lhe parecer engraçado, eu sei, mas, aqui, ninguém faz piada sobre isso. A merda é um negócio sério, e quem se deixa surpreender evacuando na rua vai preso. E a reincidência significa a automática pena de morte. Um tal sistema tende a desalentar o bom humor. Você passa a atender as exigências que lhe são impostas e, em breve, já nem sequer volta a pensar no assunto.

O essencial é sobreviver. E, para viver aqui, é preciso encontrar um modo de ganhar dinheiro, embora haja poucos empregos no antigo sentido da palavra. Sem proteção, você não consegue se candidatar nem ao mais humilde cargo

público (escriturário, porteiro, funcionário dos centros de transformação etc.). O mesmo se dá com os diversos negócios legais ou ilegais da cidade (as clínicas de eutanásia, o comércio ilegal de gêneros, os proprietários-fantasmas). A menos que tenha algum conhecido, é inútil procurar emprego. Por esta razão, para os pobres a solução mais comum é a coleta de lixo. É o trabalho dos que não têm trabalho, e eu sou da opinião que pelo menos dez a vinte por cento da população depende dessa atividade. Eu mesma me dediquei a ela durante algum tempo, e o fato é muito simples: se você começar é quase impossível parar. Exige tanto da gente que não sobra tempo para pensar em qualquer outra coisa.

Os lixeiros se dividem em duas categorias básicas: os coletores de lixo propriamente e os caçadores de objetos. O primeiro grupo é consideravelmente maior que o segundo e, trabalhando bastante, dedicando doze a catorze horas diárias à atividade, você consegue viver disso. Há muitos anos, havia um serviço municipal de coleta de lixo. Hoje, a cidade está dividida entre alguns coletores privados, um para cada zona de recenseamento, que adquiriram do governo o direito de recolher o despejo de sua região. Para conseguir o emprego de lixeiro, você tem, primeiramente, de obter autorização de um dos coletores privados, a quem deve pagar uma quota mensal, às vezes cinquenta por cento de seus ganhos. Trabalhar sem autorização é tentador, mas também extremamente perigoso, pois cada coletor tem sua equipe de inspetores que patrulham as ruas e controlam cada um dos que vêm recolhendo o lixo. Se você não tiver os documentos exigidos, os fiscais estão legalmente autorizados a multá-lo e, se não puder pagar a multa, vai preso. Isto significa a deportação a um campo de trabalho a oeste da cidade, e sete anos de prisão. Há quem diga que a vida nos campos é melhor que aqui, mas isso não passa de especulação. Alguns chegaram a se fazer prender deliberadamente, mas ninguém voltou a vê-los.

Estando devidamente registrado como lixeiro, com todos os documentos em ordem, você pode ganhar a vida recolhendo o máximo de lixo possível e levando-o à usina mais próxima. Ali, pagam uma determinada quantia por quilo — pouca coisa — e todo o material é despejado nos tanques de processamento. O meio preferido para transportá-lo são os carrinhos de compras — parecidos com os que existem aí. Essas cestas de metal com rodas são muito robustas e, sem dúvida, funcionam melhor que qualquer outra coisa. Seria penoso empurrar um carrinho maior quando completamente cheio, e um menor exigiria demasiadas viagens ao depósito. (Há alguns anos, publicaram um artigo sobre o assunto, provando que tais suposições eram corretas.) Consequentemente, os tais carrinhos são muito procurados e o primeiro objetivo de todo lixeiro é adquirir um. Pode levar meses, por vezes anos, mas, a menos que você possua um carrinho, é impossível progredir. Um problema terrível se esconde por trás disso. Como o trabalho rende pouquíssimo, você raramente tem a possibilidade de fazer economias; e isto significa que se está privando de algo essencial: da comida, por

exemplo, sem a qual não teria força para trabalhar o bastante para ganhar dinheiro e comprar um carrinho. Entende a questão? Quanto mais trabalha, mais fraco você fica; quanto mais fraco ficar, mais exaustivo passa a ser o trabalho. Mas isto é apenas o começo. Pois, mesmo que consiga obter um carrinho, você tem de tomar o cuidado de mantê-lo em boas condições. As ruas são péssimas e as rodas, em particular, precisam ser tratadas com muita atenção. E, ainda que você consiga controlar esses problemas, há a necessidade adicional de nunca perder o carrinho de vista. Como eles se tornaram valiosos, são muito cobiçados pelos ladrões, e nada seria mais calamitoso que perder o seu. Por isso, a maioria dos lixeiros lança mão de um estratagema chamado “cordão umbilical”, que não passa de uma corda, uma correia de cachorro ou uma corrente que você prende à cintura e amarra ao carrinho. Isto torna incômodo o caminhar, mas vale a pena. Por causa do ruído produzido pelas correntes quando o carrinho passa aos solavancos pela rua, os lixeiros são frequentemente chamados de “músicos”.

Um caçador de objetos tem de se submeter aos mesmos procedimentos do lixeiro para obter o registro e está sujeito à mesma fiscalização, mas seu trabalho é diferente. O lixeiro recolhe as coisas imprestáveis, o caçador de objetos procura o que se pode aproveitar. Busca bens específicos e material suscetível de ser utilizado novamente e, embora tenha a liberdade de fazer o que quiser com os objetos encontrados, geralmente os vende a um dos agentes de ressurreição da cidade, ou seja, empresários privados que transformam essas bugigangas em novas mercadorias e, por fim, as vendem. Tais agentes exercem uma múltipla função. São, em parte, traficantes de droga, fabricantes e comerciantes. Com os demais modos de produção atualmente quase extintos aqui, esses agentes estão entre os mais ricos e poderosos, chegando a rivalizar com os próprios coletores de lixo. Um bom caçador de objetos está, por essa razão, em condições de viver bem de seu trabalho. Mas você precisa ser rápido e esperto, e deve saber onde procurar. Os jovens tendem a ser os melhores, e é raro encontrar um caçador de objetos com mais de vinte ou vinte e cinco anos. Os que não conseguem alcançar os níveis desejados têm de procurar logo outra atividade, pois não há garantia de obter qualquer remuneração por seu trabalho. Os lixeiros são mais antigos e conservadores, contentam-se com sua atividade porque poderão viver dela — ao menos se trabalharem ao máximo. Mas nada é verdadeiramente seguro, pois a concorrência vem se tornando terrível em todos os níveis. Quanto maior é a escassez na cidade, mais relutantes se tornam as pessoas em se desfazer do que quer que seja. Se, antigamente, você não pensava duas vezes antes de jogar na rua uma casca de laranja, hoje, até mesmo das cascas se faz um mingau de que muitos se alimentam. Uma camiseta puída, uma cueca rasgada, a aba de um chapéu, tudo se guarda atualmente e serve para se fazer novas roupas. Você vê pessoas vestidas das maneiras mais variegadas e esquisitas, e, cada vez que uma

dessas figuras remendadas passa, a gente sabe que, provavelmente, um caçador de objetos acaba de ficar sem emprego.

No entanto, foi isso o que me tornei: caçadora de objetos. Tive a sorte de começar antes que meu dinheiro acabasse. Mesmo depois de ter comprado a licença (dezesete gletes), o carrinho (sessenta e seis gletes), uma correia e um novo par de sapatos (cinco e setenta e cinco gletes respectivamente), ainda pude guardar mais de duzentos gletes. Isso foi uma sorte; garantiu-me certa margem de erro num momento em que eu precisava de toda a ajuda possível. Cedo ou tarde a gente se afoga ou aprende a nadar — mas, provisoriamente, eu tinha em que me segurar: um tronco flutuante, uma tábua capaz de sustentar meu peso.

Não fui bem no começo. A cidade era nova para mim e eu sempre me sentia desorientada. Perdi tempo em coisas que nada rendiam, indo para o lugar errado nos momentos errados. Se cheguei a encontrar algo, foi porque nele tropecei acidentalmente. Só contava com a sorte, com o ato puramente gratuito de ver alguma coisa e me curvar para apanhá-la. Não dispunha de método como os demais, não tinha como saber antecipadamente aonde ir, nenhuma previsão de quando e onde encontrar o quê. É preciso ter passado anos na cidade para se chegar a tanto, e eu era apenas uma novata, uma recém-chegada ignorante que mal sabia se deslocar de uma zona de recenseamento a outra.

Contudo, não cheguei a ser um fracasso total. Afinal, eu contava com minhas pernas e com certo entusiasmo juvenil que me ajudavam a prosseguir. Percorria a cidade impetuosamente, evitando os atalhos perigosos e as barreiras, vasculhando delicadamente uma rua após a outra, sem jamais perder a esperança de encontrar algo extraordinário ao dobrar a próxima esquina. Acho estranho ficar permanentemente olhando para o chão, sempre à cata de objetos quebrados e rejeitados. Depois de algum tempo, isso acaba afetando seu cérebro. Pois já nada é o que era. Há pedaços disto e pedaços daquilo, porém nada combina com nada. Mesmo assim, curiosamente, no limite de todo esse caos tudo começa a se fundir novamente. Uma maçã e uma laranja pulverizadas são, afinal, a mesma coisa, não são? Você não pode notar a diferença entre um bom e um mau vestido se ambos se transformaram em trapos, pode? A partir de certo ponto, tudo se desintegra em detritos, poeira ou migalhas, e o que você obtém é algo de novo, uma partícula ou um aglomerado de matéria que já não pode ser identificada; um pedaço, um átomo, um fragmento do mundo que já não tem lugar: um zero à esquerda. Como caçador de objetos, você tem de resgatar as coisas antes que atinjam esse grau de deterioração. Não pode jamais esperar encontrar algo inteiro, pois isto só pode acontecer por acidente, por erro da pessoa que o perdeu, mas tampouco pode desperdiçar tempo em busca do que já foi totalmente usado. Você vagueia entre os dois extremos, à procura de coisas que ainda guardem alguma semelhança com sua forma original, mesmo que sua utilidade já tenha desaparecido. É preciso examinar, dissecar e devolver à vida

aquilo que os outros acharam que podiam jogar fora. Um pedaço de barbante, uma tampinha, uma tábua intacta de um caixote quebrado, nada disso pode ser negligenciado. Tudo se desfaz em pedaços, mas nem todos os pedaços se desfazem, pelo menos, não ao mesmo tempo. O trabalho consiste em pesquisar essas pequenas ilhas de integridade, imaginá-las combinadas com outras e estas últimas com outras ainda, e, assim, criar novos arquipélagos de matéria. Tem de recuperar o recuperável e aprender a ignorar o resto. E o segredo está em fazê-lo o mais depressa possível.

Pouco a pouco, minhas incursões foram se tornando quase adequadas. Porcarias, é claro, mas também algumas coisas totalmente inesperadas: um telescópio com uma lente quebrada; uma máquina de escrever à qual faltavam somente cinco teclas além da de espaços; o passaporte de um homem chamado Quinn. Esses tesouros me ajudaram muito nos momentos difíceis, e, com o tempo, comecei a ganhar tão bem que não precisei tocar em minhas economias. Acho que podia ter ganhado mais, porém eu me impunha certos limites e me recusava a transpô-los. Tocar nos mortos, por exemplo. Despir cadáveres é um dos aspectos mais lucrativos da atividade, e são poucos os caçadores de objetos que não aproveitam tais oportunidades. Eu vivia me autocensurando, dizendo que era louca, que não passava de uma garotinha rica e melindrosa incapaz de ganhar a vida, mas não adiantou. Tentei. Uma ou duas vezes cheguei a me aproximar, mas, quando estava prestes a fazê-lo, faltou-me a coragem. Lembrome de um velho e de uma adolescente: eu agachando-me perto deles, acercando as mãos daqueles corpos, tentando convencer-me de que não tinha importância. Depois, certa manhã na Lampshade Road, foi um menininho de cerca de seis anos. Simplesmente não fui capaz. Não se tratava de uma atitude moral da qual pudesse me orgulhar: apenas não era capaz de ir tão longe.

Outra coisa que me magoava era o meu isolamento. Não me misturava com os demais lixeiros, não me esforçava por fazer amigos. Todavia, você precisa de aliados, principalmente para se proteger contra os abutres, os lixeiros que vivem de roubar outros lixeiros. Os fiscais não se importam com tais vilanias, concentram sua atenção unicamente nos que recolhem o lixo sem licença. Para os lixeiros de boa-fé, contudo, o trabalho é um vale-tudo com permanentes ataques e contra-ataques e a sensação de que qualquer coisa pode lhe acontecer a qualquer momento. Eu costumava ser roubada, em média, uma vez por semana, a ponto de começar a calcular as perdas antecipadamente, como se fizessem parte da rotina. Se contasse com amigos, podia ter evitado algumas dessas incursões. Mas, a longo prazo, não achava que valia a pena. Os lixeiros são asquerosos — abutres ou não abutres, tanto faz — e me dava náuseas ouvir-lhes os planos, as bravatas e as mentiras. O importante foi nunca ter perdido o carrinho. Eram meus primeiros dias na cidade, eu ainda estava forte o bastante

para defendê-lo e era rápida o suficiente para fugir do perigo onde quer que se apresentasse.

Tenha paciência. Sei que às vezes me desvio do tema, mas, se não escrever as coisas como me acontecem, sinto que as perderei para sempre. Minha mente já não é como antes; tornou-se mais lenta, indolente, canhestra, e me cansa reter durante muito tempo mesmo os mais simples pensamentos. É assim que começa, apesar de meus esforços. As palavras só me ocorrem quando já não acredito poder encontrá-las, quando já perdi a esperança de conseguir expressá-las. Todo dia é a mesma luta, o mesmo vazio, o mesmo desejo de esquecer e, depois, de não esquecer. Quando começa, é sempre neste ponto, sempre neste limite que o lápis se põe a escrever. A história principia e se paralisa, avança e depois se perde, e, entre um vocábulo e outro, que silêncios, que palavras escapam e se eclipsam para sempre!

Durante muito tempo, tentei não me lembrar de nada. Limitando meus pensamentos ao presente, era mais fácil evitar o mau humor. A memória é uma grande armadilha, sabe?, e eu fazia o que podia para me conter, para impedir que meu pensamento voasse para os velhos tempos. Mais tarde, comecei a deslizar aparentemente cada vez mais, e agora há momentos em que não consigo esquecer: meus pais, William, você. Eu era uma garota terrível, não era? Cresci rápido demais, por sorte, e não havia quem pudesse me contar alguma coisa que eu já não soubesse. Agora, só consigo recordar o quanto magoei meus pais, o quanto minha mãe chorou quando anunciei que ia partir. Como se não lhes bastasse terem perdido William, iam me perder também. Por favor, se você se encontrar com eles, peça-lhes que me desculpem. Alguém precisa fazer isso para mim, e eu só posso contar com você.

Sim, há muitas coisas de que me envergonho. Por vezes, minha vida parece não ser mais que uma coleção de remorsos e erros; de irreversíveis equívocos. Este é o problema quando a gente começa a olhar para trás. Você se vê como era e fica arrasado. Mas é tarde demais para pedir desculpas agora, eu o percebo. Tarde demais para tudo que não seja seguir em frente. São estas, pois, as palavras. Cedo ou tarde, tentarei dizer tudo, e pouco importa o que há de acontecer caso a primeira coisa venha a ser a segunda e a segunda a última. Tudo gira em minha cabeça ao mesmo tempo, e já é uma vitória reter o que quer que seja o tempo suficiente para exprimi-lo. Lamento se o estou confundindo, mas eu não tenho outra escolha. Devo me contentar estritamente com o possível.

Jamais encontrei William, prosseguia ela. Talvez isto seja óbvio. Jamais o encontrei, nem a ele nem a ninguém que me pudesse dizer onde estava. O mais

lógico é que tenha morrido, mas não posso ter certeza. Não há evidência capaz de sustentar a mais absurda das suposições e, enquanto não tiver uma prova, prefiro continuar aberta a tudo. Sem conhecimento, a gente não pode esperar nem desesperar. O melhor a fazer é duvidar e, em certas circunstâncias, a dúvida chega a ser uma bênção.

Mesmo que William não esteja na cidade, pode estar noutra lugar. Este país é enorme, compreende?, e não há como saber aonde possa ter ido. Para além da zona agrícola, a oeste, há, supostamente, muitas centenas de quilômetros de deserto. E mais além, contudo, falam em outras cidades, em cadeias de montanhas, em minas e fábricas, em vastos territórios que se estendem até um outro oceano. Talvez haja alguma verdade nessas histórias. Sendo assim, William pode muito bem ter ido tentar a sorte num desses lugares. Não estou me esquecendo de como é difícil sair da cidade, mas nós sabemos como era William. Se houvesse a menor possibilidade de sair daqui, ele teria encontrado a maneira.

Nunca lhe contei, mas, durante minha última semana aí, encontrei-me com o editor do jornal de William. Deve ter sido três ou quatro dias antes de nossa despedida, e eu não lhe disse nada porque não queria ter outra discussão com você. As coisas já estavam bastante ruins e isso só teria estragado aqueles últimos momentos que passamos juntos. Peço que não se zangue comigo agora, eu não suportaria.

O nome do editor era Bogat, um homem careca e barrigudo, que usava suspensórios antiquados e relógio de bolso. Lembrava meu avô: ocupadíssimo, lambia a ponta do lápis antes de escrever, tinha um ar de abstrata benevolência eivada de astúcia, uma alegria que chegava às raias da crueldade. Esperei quase uma hora na recepção. Quando ele enfim se dispôs a me receber, levou-me pelo braço a seu escritório, fez com que me sentasse em sua cadeira e me ouviu. Deixou-me falar durante cinco ou dez minutos, depois me interrompeu. Fazia mais de nove meses que William não mandava um despacho, disse ele. Sim, sabia que todas as máquinas, na cidade, estavam quebradas, mas não era esse o problema. Um bom repórter sempre conseguia enviar sua matéria, e William era o seu melhor jornalista. Um silêncio de nove meses só podia significar uma coisa: William tivera problemas e não voltaria mais. Sem rodeios, diretamente. Dei de ombros e respondi que aquilo era apenas uma suposição.

— Não faça isso, menina — aconselhou-me. — Seria uma loucura ir para lá.

— Não sou uma menina — retruquei. — Tenho dezenove anos e sei cuidar de mim mesma melhor do que o senhor imagina.

— Mesmo que tivesse cem anos. Ninguém sai de lá. Aquilo é o fim do mundo.

Sabia que ele tinha razão. Mas minha decisão estava tomada e ninguém haveria de me forçar a mudar de ideia. Ante minha obstinação, Bogat adotou

uma nova tática.

— Olhe — disse —, mandei outro homem para lá há cerca de um mês. Logo devo receber notícias dele. Por que não espera? Talvez obtenha todas as respostas sem ter de ir para lá.

— Que tem isso a ver com meu irmão?

— William também faz parte da reportagem. Se esse jornalista fizer um bom trabalho, descobrirá o que aconteceu a ele.

Mas era inútil. Bogat sabia disso. Eu me mantive firme, decidida a rejeitar seu arrogante paternalismo e, pouco a pouco, ele começou a ceder. Sem que eu tivesse perguntado, deu-me o nome do novo repórter e, a seguir, num derradeiro gesto, abriu a gaveta de um arquivo atrás da escrivaninha e tirou a fotografia de um jovem.

— Talvez deva levá-la consigo — disse ele, atirando-a sobre a mesa. — Só por segurança.

Era um retrato do repórter. Olhei-o brevemente e o guardei na bolsa, a fim de constrangê-lo. Foi o que encerrou nossa conversa. A entrevista fora inútil, nenhum de nós fizera concessões. Creio que Bogat ficou irritado e, ao mesmo tempo, algo impressionado.

— Lembre-se de que eu a avisei — advertiu-me.

— Não vou esquecer — respondi. — Quanto trouxer William de volta, virei recordá-lo de nossa conversa.

Bogat esteve a ponto de dizer mais alguma coisa, mas deve ter mudado de ideia. Deu um suspiro, bateu de leve no tampo da escrivaninha e se levantou.

— Não me entenda mal — acrescentou. — Não estou contra você. Apenas acho que está cometendo um erro. Há uma diferença, sabe?

— Talvez haja. Mas continua sendo errado não fazer nada. A gente precisa de tempo, e o senhor não devia tirar conclusões precipitadas antes de saber do que está falando.

— Este é o problema — replicou Bogat. — Sei muito bem do que estou falando.

Nesse momento, creio que nos apertamos as mãos, ou talvez só nos tenhamos entrelhado por cima da mesa. Então, ele me acompanhou pela sala de redação até o elevador. Esperamos em silêncio, sem sequer nos olharmos. Bogat balançava o corpo para a frente e para trás, cantarolando quase imperceptivelmente. Era óbvio que já estava pensando noutra coisa. Quando as portas se abriram e eu entrei, ele disse em tom enfadado:

— Boa sorte, menina.

Antes que lhe pudesse responder, as portas se fecharam e eu desci.

Afinal, essa fotografia mudou tudo. Eu nem sequer tencionava levá-la comigo, mas, numa espécie de reflexão tardia, acabei guardando-a na mala no último

minuto. Naquela ocasião, eu não sabia que William havia desaparecido, é claro. Esperava encontrar seu substituto na sucursal do jornal e, então, começar minhas investigações. Mas nada ocorreu como o planejado. Quando cheguei à terceira zona de recenseamento e vi o que acontecera, compreendi que aquela fotografia se tornara, subitamente, a única coisa com que ainda podia contar. Era meu último vínculo com William.

O nome do homem era Samuel Farr, mas isso era tudo o que eu sabia sobre ele. Minha excessiva arrogância impedira-me de pedir detalhes a Bogat e, agora, quase não tinha com que prosseguir. Um nome e um rosto, nada mais. Com um pouco de modéstia, eu teria evitado muitos problemas. Recentemente, encontrei-me de fato com Sam, mas por pura casualidade, por um desses caprichos da sorte que nos surpreendem de vez em quando. E muito tempo passou antes disso; mais do que eu gostaria de me lembrar.

O primeiro dia foi o pior. Vaguei como uma sonâmbula, sem saber onde estava, sem mesmo me atrever a falar com quem quer que fosse. Houve uma ocasião em que vendi minhas malas a um agente de ressurreição, o que me proporcionou comida por um bom tempo, mas, mesmo depois de ter começado a trabalhar como lixeira, continuei sem moradia. Dormia ao relento, à mercê da intempérie, procurando cada noite um nervo lugar onde me deitar. Só Deus sabe o quanto durou esse período, mas, sem dúvida, foi o pior de todos, o que quase me liquidou. Duas ou três semanas no mínimo, talvez vários meses. Era tamanha a minha miséria que já não conseguia pensar. Tornei-me estúpida, toda instinto e egoísmo. Aconteceram-me coisas terríveis, e ainda não sei como logrei sobreviver àquilo. Quase fui estuprada numa barreira, na esquina da Praça Dicionário com o Bulevar Muldoon. Roubei a comida de um velho que, certa noite, tentou me assaltar no átrio do antigo Teatro dos Hipnotizadores. Arrebatei-lhe o mingau das mãos e nem cheguei a sentir pena. Não tinha amigos, ninguém com quem conversar, ninguém com quem repartir uma refeição. Não fosse pelo retrato de Sam, creio que não teria suportado. O simples fato de saber que ele estava na cidade me dava esperanças. Esse é o homem que há de ajudá-la, dizia para comigo, e, quando você o encontrar, tudo será diferente. Acho que tirava a fotografia do bolso mais de cem vezes por dia. Depois de algum tempo, estava tão manuseada e amassada que o rosto se apagou. Em compensação, eu já o sabia de cor, não tinha mais necessidade da fotografia. Guardei-a como um amuleto, um minúsculo escudo com que me defender contra o desespero.

Mais tarde minha sorte mudou. Deve ter sido um ou dois meses depois de eu ter começado a trabalhar como catadora de objetos, se bem que isto não passa de uma suposição. Um dia, quando ia caminhando na periferia da quinta zona de recenseamento, perto do lugar que fora a Praça do Filamento, vi uma mulher alta, de meia-idade, que estava empurrando um carrinho de compras nas pedras. Desajeitada, ela avançava aos tropeções, evidentemente distraída. O sol estava

forte, o tipo do sol que ofusca a gente e torna as coisas invisíveis, e me lembro de que o ar estava quente, muito quente, a ponto de provocar tonturas. Bem quando a mulher estava tentando empurrar o carrinho para o meio da rua, um bando de corredores surgiu na esquina. Eram uns doze ou quinze e vinham correndo a toda velocidade, quase encostados uns nos outros, dando aqueles seus brados de morte. Vi que a mulher os fitou como que subitamente arrancada de um devaneio, mas, em vez de recuar, abrindo-lhes caminho, ficou paralisada como um veado ofuscado pelos faróis de um automóvel. Por alguma razão que até agora desconheço, soltei o cordão umbilical de minha cintura, corri, agarrei a mulher e a afastei dali um ou dois segundos antes que os corredores passassem. Se não o tivesse feito, ela provavelmente teria sido atropelada e morta.

Foi assim que conheci Isabel. Bem ou mal, minha verdadeira vida na cidade começou naquele momento. Tudo mais fora um prólogo, uma coleção de passos incertos, de dias e noites, de pensamentos que já não recordo. Não fosse por esse momento irracional, a história que estou lhe contando seria outra. A julgar pelo estado em que me encontrava então, creio que não haveria história alguma.

Caímos na sarjeta e ali ficamos ofegantes e ainda abraçadas. Quando o último corredor desapareceu na esquina, Isabel começou a compreender, pouco a pouco, o que lhe acontecera. Sentando-se, olhou a sua volta, fitou-me e, então, muito lentamente, começou a chorar. Foi, para ela, um horrível momento de revelação, não porque tivesse estado tão perto da morte, mas porque não sabia onde se encontrava. Senti pena dela e também fiquei com um pouco de medo. Quem era aquela mulher trêmula e magra, de rosto comprido e olhos côncavos, e o que estava fazendo estendida a seu lado em plena rua? Ela parecia meio fora de si, e, assim que recuperei o fôlego, meu primeiro impulso foi o de ir embora.

— Oh, minha filha querida — disse ela, tentando me tocar no rosto. — Oh, minha querida e boa filhinha, você se cortou. Saltou para ajudar uma velha e acabou se machucando. Sabe por que isto aconteceu? Porque eu dou azar. Todo mundo sabe disso, mas não tem coragem de me dizer. Mas eu sei. Sei de tudo, mesmo que ninguém me conte nada.

Eu havia me arranhado numa das pedras ao cair, e minha têmpora esquerda estava sangrando um pouco. Mas não era nada grave, não havia razão para pânico. Ia despedir-me e partir, mas senti uma ligeira angústia de deixá-la. Talvez devesse levá-la para casa, pensei, para que nada lhe acontecesse. Ajudei-a a levantar-se e apanhei o carrinho do outro lado da praça.

— Ferdinand vai ficar furioso comigo — disse ela. — É o terceiro dia seguido que volto de mãos vazias. Mais alguns dias assim, e estaremos liquidados.

— Acho que você deve voltar para casa assim mesmo — repliquei. — Ao menos por algum tempo. Você não está em condições de ficar empurrando esse carrinho agora.

— Mas Ferdinand vai enlouquecer quando vir que não consegui nada.

— Não se preocupe — disse eu. — Explicarei o que aconteceu.

Não tinha ideia do que estava falando, é claro, mas alguma coisa incontrollável parecia ter me dominado: um repentino ímpeto de piedade, uma estúpida necessidade de cuidar daquela mulher. Talvez sejam verdadeiras as antigas histórias sobre salvar a vida alheia. Uma vez que isso aconteça, dizem, aquela pessoa se torna responsabilidade sua, e, queira ou não, a gente fica ligada para sempre.

Demorou quase três horas para chegarmos a sua casa. Em circunstâncias normais, teria demorado apenas meia hora, mas Isabel caminhava tão devagar, com passos tão hesitantes, que o sol já estava se pondo quando chegamos. Ela não levava o cordão umbilical (disse-me que o perdera dias antes) e, a toda hora, o carrinho lhe escapava das mãos e voltava a descer a rua aos solavancos. Houve um momento em que quase o roubaram. Depois disso, resolvi segurar seu carrinho com uma das mãos e o meu com a outra, coisa que tornou ainda mais lenta nossa caminhada. Fomos pela periferia da sexta zona de recenseamento, evitando as barreiras levantadas na Avenida da Memória e, então, seguimos pelo Setor Oficial, na Avenida Pirâmide, onde atualmente fica o quartel da polícia. Balbuciando de maneira desconexa, Isabel me contou um pouco de sua vida. Ferdinand, seu marido, fora pintor de cartazes, mas, com a falência ou a insolvência de tantos negócios, ficara desempregado havia muitos anos. Durante algum tempo, tornara-se alcoólatra, roubava o dinheiro da bolsa de Isabel, durante a noite, para sustentar suas bebedeiras, ou ia vaguear nas proximidades do alambique, na quarta zona de recenseamento, para pedir esmola aos operários, diante dos quais dançava ou contava piadas — até que, um dia, um grupo de homens o espancou e ele nunca mais voltou a sair. Atualmente, recusava-se a deixar o pequeno apartamento onde passava os dias sem quase nada dizer e sem se importar com a sobrevivência de ambos. Os problemas práticos ficavam a cargo de Isabel, pois ele não considerava tais detalhes dignos de sua atenção. A única coisa por que se interessava era seu passatempo: fazer miniaturas de navios e colocá-las dentro de garrafas.

— São tão lindas — disse Isabel —, você quase lhe perdoa sua maneira de ser. Cada naviozinho tão bonito, tão perfeito e tão pequeno. A gente fica com vontade de encolher até o tamanho de um alfinete e, então, subir a bordo e navegar... Ferdinand é um artista — prossegui —, e mesmo antigamente já era genioso e imprevisível. Bem num minuto, mal no seguinte, sempre havia alguma coisa capaz de desviá-lo de uma direção a outra. Mas você precisava ver os cartazes que pintava! Todos reclamavam os serviços de Ferdinand, e ele trabalhava para qualquer tipo de loja: drogarias, mercearias, tabacarias, joalherias, tabernas, livrarias, tudo. Tinha seu próprio ateliê naquela época, em pleno distrito comercial, no centro, um lugarzinho adorável. Mas tudo isso acabou: os serrotes, os pincéis, as latas de tinta, o cheiro de serragem e verniz.

Tudo foi varrido durante a segunda purificação da oitava zona de recenseamento. Foi o fim.

Eu não compreendia a metade do que dizia Isabel. Mas, lendo nas entrelinhas e tentando preencher as lacunas, concluí que tinha três ou quatro filhos, os quais haviam morrido ou fugido de casa.

Depois que Ferdinand perdeu seu negócio, ela se tornara lixeira. Você deve imaginar que uma mulher de sua idade se tenha feito registrar como coletora de lixo, mas, estranhamente, preferira ser catadora de objetos. Pareceu-me uma péssima escolha. Isabel não era rápida nem esperta, não tinha vigor. Sim, respondeu ela, sabia disso, mas compensava as deficiências com outras qualidades, uma incrível habilidade para saber aonde ir, um instinto para farejar as coisas em locais esquecidos, como um imã secreto que a atraía ao lugar certo. Não era capaz de explicar, mas o fato é que fizera descobertas preciosas. Um saco cheio de roupa de baixo de renda, do qual Ferdinand e ela puderam viver durante quase um mês, um saxofone intacto, uma caixa lacrada com cintas de couro novas em folha (aparentemente recém-saídas da fábrica, muito embora o último fabricante de cintas tivesse encerrado as atividades havia mais de cinco anos), e um Velho Testamento impresso em papel da China, encadernado em couro e com folhas douradas. Mas isso ocorrera havia algum tempo, disse ela, e, nos últimos seis meses, perdera a habilidade. Estava esgotada, cansada demais para caminhar durante muito tempo, e seus pensamentos, agora, voavam constantemente para longe do trabalho. Quase todo dia se surpreendia numa rua que não conseguia reconhecer, ou virando uma esquina sem se lembrar de onde estivera pouco antes, ou entrando num bairro e julgando-se noutra.

— Foi um milagre você estar ali — disse quando paramos para descansar no degrau de uma porta. — Mas não foi uma casualidade. Havia rezado durante muito tempo a Deus para que mandasse alguém em meu socorro. Sei que ninguém mais fala em Deus, mas, que hei de fazer? Penso Nele todos os dias, e rezo de noite quando Ferdinand está dormindo, converso com Ele, intimamente, o tempo todo. Agora que Ferdinand já não fala comigo, Deus é meu único companheiro, o único que me ouve. Sei que anda ocupado e não tem tempo para velhas como eu, mas Ele é um cavalheiro e me tem em sua lista. Hoje, depois de muito tempo, resolveu me visitar. Mandou-a para mim em sinal de seu amor. Você é a doce e querida filha que Deus me enviou e, agora, vou cuidar de você, vou fazer tudo que puder por você. Chega de dormir ao relento, chega de errar pelas ruas da manhã à noite, chega de pesadelos. Tudo isso acabou, prometo. Enquanto eu viver, você terá onde morar, e pouco importa o que diga Ferdinand. De agora em diante, você terá um teto e o que comer. É assim que vou agradecer a Deus pelo que me fez. Atendeu às minhas preces e, agora, você é minha doce e querida filhinha, minha querida Anna que veio de Deus.

Sua casa ficava em Circus Lane, incrustada num emaranhado de caminhos estreitos e ruelas que penetravam o coração da segunda zona de recenseamento. Era a parte mais antiga da cidade, e eu só havia estado ali uma ou duas vezes. Aquele bairro não oferecia muito a um catador de objetos, e eu temia me perder naqueles labirintos. A maioria das casas era de madeira, o que provocava curiosos efeitos. Em vez dos ásperos amontoados de tijolos carcomidos e pedras esmigalhadas com seus poeirentos resíduos, ali tudo parecia inclinar-se e descair-se, as construções davam a impressão de curvar-se sob seu próprio peso, retorcendo-se lentamente, afundando no solo. Se, de algum modo, os outros edifícios se partiam em pedaços, estes mirravam como velhos que perderam a força, artríticos que já não conseguiam ficar de pé. Muitos dos telhados haviam ruído, as vigas apodrecidas tinham a consistência de uma esponja e, aqui e ali, a gente via casas inteiras inclinadas em direções opostas, sustentando-se precariamente feito gigantescos paralelogramos — o toque de um dedo, um leve sopro bastaria para lançá-las, estrepitosamente, ao chão.

O prédio de Isabel era, no entanto, de tijolos. Tratava-se de uma construção de seis andares, com quatro pequenos apartamentos em cada um, uma escura escadaria de degraus vacilantes e gastos, e paredes com a pintura descascada. Formigas e baratas passeavam despreocupadamente por ali, e toda a atmosfera recendia a comida azeda, a roupa suja e a poeira. Mas o edifício em si parecia razoavelmente sólido, e eu só conseguia pensar na sorte que tivera. Veja com que rapidez as coisas podem mudar. Se, antes de vir para cá, alguém tivesse me dito que era este o lugar onde acabaria, eu não teria acreditado. Mas, agora, eu estava me sentindo privilegiada, como se uma grande bênção me tivesse sido outorgada. Sordidez e conforto são conceitos relativos, afinal. Somente três ou quatro meses após minha chegada à cidade, eu estava disposta a aceitar esse meu novo lar sem a menor hesitação.

Ferdinand não fez muito barulho quando Isabel anunciou que eu passaria a morar com eles. Acho que, taticamente, ela abordou o assunto de maneira correta. Não lhe pediu autorização para que eu ficasse, informou-o simplesmente de que, a partir de então, haveria três pessoas na casa em vez de duas. Como fazia tempo que Ferdinand abdicara a todas as decisões de ordem prática, teria sido difícil para ele restabelecer sua autoridade naquela área, sem admitir, tacitamente, que assumiria maiores responsabilidades nas outras. Isabel tampouco introduziu a questão de Deus como fizera comigo. Limitou-se a um inexpressivo relato dos fatos, contou-lhe como eu a salvara, acrescentando a hora e o lugar, mas sem floreios ou comentários. Ferdinand a ouviu em silêncio, fingindo não prestar atenção, espiando-me furtivamente de vez em quando, mas olhando, a maior parte do tempo, pela janela, como se nada daquilo lhe dissesse respeito. Quando Isabel terminou, ele pareceu refletir por um momento e, por

fim, deu de ombros. Olhando diretamente para mim pela primeira vez, resmungou:

— Pena que você se meteu nessa confusão. O velho saco de ossos estaria melhor morto.

E, sem esperar resposta, foi sentar-se no canto da sala e retomou o trabalho em suas miniaturas de navios.

Ferdinand, entretanto, não era tão mau quanto eu esperava, pelo menos no começo. Uma presença nada colaboradora, sem dúvida, mas desprovida da malícia descarada com que eu contava. Seus acessos de mau humor eram breves, meras implicâncias; a maior parte do tempo, contudo, não dizia nada, recusava-se obstinadamente a falar com os outros, limitando-se a ficar encolhido em seu canto, feito uma aberrante criatura de péssima vontade. Era feio, e não havia nada capaz de fazer a gente esquecer sua feiura, nenhum charme, nenhuma generosidade, nenhuma graça compensadora. Esquelético e corcunda, tinha um enorme nariz adunco e cabeça meio calva. O pouco cabelo que lhe restava era crespo e revoltado, furiosamente espetado para todos os lados, e sua pele apresentava uma palidez doentia. Uma aterradora brancura que parecia ainda mais branca em contraste com os pelos pretos que lhe cobriam o corpo — os braços, as pernas e o peito. Com a barba sempre por fazer, vestindo farrapos e permanentemente descalço, parecia a versão caricatural de um naufrago. Era como se sua obsessão por navios o tivesse levado a representar o papel de um homem abandonado numa ilha deserta. Ou, quem sabe, o contrário: já enalhado, talvez tivesse começado a construir navios como expressão de sua miséria interior, como um secreto pedido de socorro eternamente sem resposta. Ferdinand jamais iria a lugar algum, e sabia disso. Num de seus mais afáveis momentos, confessou-me certa vez que não punha os pés fora do apartamento havia quatro anos.

— Só há morte lá fora — disse, fazendo um gesto em direção à janela. — Há tubarões nessas águas, e baleias capazes de engoli-la inteira. Agarrar-se à praia é o meu conselho, agarrar-se à praia e mandar todos os sinais de fumaça possíveis.

Isabel, todavia, não exagerara quanto a seu talento. Os navios eram notáveis pecinhas de engenharia, construídos com impressionante habilidade, engenhosamente desenhados e montados e, enquanto dispunha do material necessário — pedaços de madeira e de papel, cola, barbante e uma garrafa ocasional —, ficava por demais absorvido no trabalho para criar problemas em casa. Descobri que a melhor maneira de me relacionar com ele era fingir que não estava ali. A princípio, mudei meus próprios modos a fim de demonstrar minhas intenções pacíficas, mas Ferdinand era tão hostil, tão completamente desgostoso consigo mesmo e com o mundo, que meus esforços resultaram inúteis. Palavras amáveis nada lhe significavam e, com muita frequência, ele as transformava em ameaças. Uma vez, por exemplo, cometi o erro de expressar

em voz alta minha admiração por seus navios, sugerindo que ele poderia ganhar muito dinheiro se estivesse disposto a vendê-los. Mas Ferdinand ficou ofendido. Saltando da cadeira, começou a dar trôpegos passos pela sala, brandindo o canivete ante meu rosto:

— Vender minha frota! — exclamou. — Está louca? Você vai ter de me matar primeiro. Não me desfarei de nenhum deles, nunca! Isto é um motim, um motim! Uma insurreição! Uma palavra mais, e você será lançada ao mar!

Sua segunda paixão parecia ser a caça aos ratos que viviam nas paredes da casa. Ouvíamos seu barulho durante a noite, roendo alguma das ínfimas migalhas que encontravam. O ruído era tão alto, às vezes, que chegava a nos perturbar o sono, mas tratava-se de camundongos espertos, pouco inclinados a se deixarem capturar facilmente. Ferdinand construíra uma pequena ratoeira de tela de arame e madeira e, toda noite, armava-a diligentemente com uma isca. A armadilha não matava os roedores. Quando entravam, em busca de alimento, uma portinhola se fechava atrás deles, prendendo-os na gaiola. Isto só acontecia uma ou duas vezes por mês, mas, nas manhãs em que Ferdinand acordava e encontrava uma presa, quase enlouquecia de felicidade, pulava ao redor da gaiola, batendo palmas e bufando turbulentamente em roucos acessos de riso. Pegava o rato pela cauda e, a seguir, com todo vagar, tostava-o nas chamas do fogão. Era um espetáculo terrível, o animal retorcendo-se e guinchando de dor, enquanto Ferdinand, absorto no que estava fazendo, limitava-se a rir e a murmurar consigo mesmo sobre os prazeres da carne. Depois, anunciando “o banquete matinal do capitão!” e babando com um sorriso demoníaco nos lábios, devorava o bichinho com pelo e tudo. Os ossos, que ele cuspiu cuidadosamente enquanto mastigava, eram depois colocados na janela para secar e, enfim, utilizados como peças de algum navio, mastros, hastes de bandeiras ou arpões. Lembro de uma vez em que separou as costelas de um camundongo e as usou como remos de uma galé. Noutra ocasião, fez do crânio de um rato uma carranca e a colou na proa de uma galera pirata. Era um trabalhinho notável, tenho de admiti-lo por mais que me desagradasse olhar para ele.

Quando fazia bom tempo, Ferdinand instalava a cadeira diante da janela aberta, colocava o travesseiro no peitoril, e ficava ali sentado durante horas, inclinado para a frente, com o queixo nas mãos, olhando para a rua. Era impossível saber o que pensava, já que não proferia uma única palavra, mas, de vez em quando, uma ou duas horas após o término de tais vigílias, começava a vituperar ferozmente, vomitando torrentes de beligerâncias desprovidas de sentido:

— Triturem-nos a todos! — gritava abruptamente. — Triturem-nos e espalhem a poeira! Porcos, são todos uns porcos! Façam-me vacilar, meus pretensiosos inimigos, vocês nunca me pegarão aqui. Fanfarrões, estou a salvo neste lugar.

Um disparate após o outro se expelia dele, como um veneno que se lhe tivesse acumulado no sangue. Era capaz de gritar e tresvariar assim durante quinze ou vinte minutos e, então, bruscamente, sem qualquer aviso, silenciava de novo, como se se tivessem amainado as tempestades dentro dele.

Durante os meses que passei ali, os navios de Ferdinand foram se tornando cada vez menores. De garrafas de uísque ou cerveja, ele evoluiu para frascos de xarope e tubos de ensaio e, depois, para vidrinhos de perfume, até chegar a construir navios de proporções quase microscópicas. Ele jamais parecia cansar-se daquele trabalho, no entanto, inconcebível para mim. E, quanto menor o navio, maior o afeto que sentia. Uma ou duas vezes, tendo acordado um pouco mais cedo que de costume, cheguei a vê-lo sentado à janela, segurando uma miniatura no ar, brincando feito uma criança de seis anos; deslocando-a no vazio, ele singrava oceanos imaginários ao mesmo tempo que murmurava consigo mesmo em diferentes vozes, como se estivesse representando papéis numa peça por ele mesmo inventada. Pobre e estúpido Ferdinand...

— Quanto menor melhor — disse-me certa noite, orgulhoso de suas proezas de artista. — Qualquer dia hei de fazer um navio tão pequeno que ninguém vai conseguir vê-lo. Então, você vai saber com quem está lidando. Escreverão um livro a meu respeito, ficarei famoso. Então, você vai ver como é que é, sua putinha suja. Nunca vai entender nada. Ha, ha! Nem vai ter ideia!

Morávamos num quarto de tamanho médio, de cerca de quatro metros e meio por seis. Havia uma pia, um fogãozinho portátil, uma mesa, duas cadeiras, mais tarde uma terceira, e um urinol a um canto, isolado do resto do quarto por um fino lençol. Ferdinand e Isabel dormiam separados, cada um a um canto, e eu ficava noutra. Não havia camas, mas não chegava a ser incômodo deitar-se num cobertor dobrado no chão. Em comparação com os meses que passara ao relento, aquilo era um luxo.

Minha presença facilitava as coisas para Isabel que, durante algum tempo, pareceu ter recuperado algo de sua energia. Ela costumava fazer todo o serviço sozinha, catar objetos na rua, transportá-los aos agentes de ressurreição, comprar comida no mercado municipal, jogar fora a imundície de manhã, e, pelo menos, agora havia quem dividisse com ela a carga. Nas primeiras semanas, fazíamos tudo juntas. Olhando para trás agora, acho que aqueles foram nossos melhores tempos: saíamos as duas antes do amanhecer, vagueávamos na quietude do crepúsculo matutino, percorrendo as ruelas desertas e as amplas avenidas. Era primavera, creio que final de abril, e o tempo era ilusoriamente bom, tanto que você tinha a impressão de que nunca mais ia chover, de que o frio e o vento haviam desaparecido para sempre. Deixávamos um dos carrinhos em casa e só levávamos o outro, que eu empurrava lentamente, ao passo de Isabel, esperando que ela se orientasse e avaliasse as perspectivas a nossa volta. Tudo o que dissera

sobre si era verdade. Tinha um talento extraordinário para aquele tipo de trabalho e, mesmo debilitada, era tão eficiente quanto qualquer outra pessoa que eu observara. Por vezes, parecia um demônio, uma verdadeira bruxa que achava as coisas como por um passe de mágica. Eu vivia pedindo que me explicasse como o conseguia, mas ela jamais era capaz de dizer muita coisa. Parava, refletia seriamente durante alguns momentos e, então, fazia um comentário genérico sobre não se distrair ou não perder a esperança, em termos tão vagos que de nada me serviam. O que aprendi foi observando-a, não ouvindo-a, algo que absorvi por uma espécie de osmose, do mesmo modo como se aprende uma língua estrangeira. Saíamos às cegas, caminhávamos mais ou menos ao acaso, até que Isabel tivesse uma intuição sobre o lugar onde devíamos procurar; então, eu me adiantava, enquanto ela ficava cuidando do carrinho. Levando em conta a escassez nas ruas naquela época, nossos achados eram bastante bons, suficientes para que prosseguíssemos e, sem dúvida, fazíamos um excelente trabalho juntas. Não conversávamos muito na rua, contudo. Era um perigo contra o qual Isabel me alertava com frequência. Nunca pense em nada, dizia. Simplesmente, dissolva-se na rua e finja que seu corpo não existe. Nada de meditações; nada de tristezas ou alegrias; nada a não ser a rua; esvazie-se por dentro, concentre-se unicamente no próximo passo a ser dado. Dentre todos os seus conselhos, esse foi o que nunca cheguei a compreender.

Apesar de minha ajuda, no entanto, e dos muitos quilômetros a menos que tinha de caminhar diariamente, a energia começou a lhe faltar. Pouco a pouco, foi se tornando mais difícil para ela sair, caminhar longas horas e, certa manhã, inevitavelmente, atacada de fortes dores nas pernas, não conseguiu se levantar. Saí sozinha e, desse dia em diante, passei a fazer todo o trabalho.

São esses os fatos que, um a um, vou lhe relatando. Assumi as ocupações domésticas do dia a dia. Passei a ser a responsável, a que fazia tudo. Tenho certeza de que isto vai lhe fazer rir. Você se lembra de como era lá em casa: a cozinheira, a empregada, a roupa limpa e dobrada em minhas gavetas todas as sextas-feiras. Nunca precisei levantar um dedo. O mundo inteiro estava a minha disposição e eu jamais questioneei isso: aulas de piano, aulas de pintura, verões junto ao lago no campo, viagens ao exterior com meus amigos. Aqui, eu me tornei uma escrava, o único sustento de duas pessoas que mal conhecia. Isabel, com sua pureza lunática e sua devoção; Ferdinand, à mercê de seus rudes e dementes acessos de fúria. Era tudo tão estranho, tão inverossímil. Mas o fato era que Isabel salvara minha vida tanto quanto eu a dela, e nunca me ocorreu deixar de fazer o que podia. Eu, a pequena indigente que eles tiraram da rua, passei a ser o exato limite que os separava da ruína total. Sem mim, não teriam durado dez dias. Não o digo para me vangloriar do que fiz, mas é que, pela primeira vez na vida, havia gente que dependia de mim, e eu não os abandonei.

No começo, Isabel se pôs a insistir em que estava bem, em que se curaria com alguns dias de repouso.

— Estarei de pé antes que você possa imaginar — dizia ao ver-me sair de manhã. — É apenas um problema temporário.

Mas essa ilusão não demorou a ruir. Passaram-se semanas e seu estado não se alterou. Na metade da primavera, ficou claro para nós que ela não ia melhorar. O pior golpe veio quando tive de vender seu carrinho e sua licença de lixeira a um traficante do mercado negro, na quarta zona de recenseamento. Foi o reconhecimento definitivo de sua enfermidade, mas já não havia o que fazer. O carrinho ficava o tempo todo em casa, inutilmente, e estávamos precisando muito de dinheiro então. Na verdade, foi a própria Isabel quem, afinal, sugeriu que eu o fizesse, mas isso não tornava o golpe menos duro para ela.

Depois disso, nossa relação mudou um pouco. Já não éramos parceiras iguais e, devido a seu sentimento de culpa pelo meu excesso de trabalho, ela se tornou extremamente protetora, quase histérica no que dizia respeito a meu bem-estar. Pouco depois de eu ter começado a catar objetos sozinha, ela iniciou uma campanha para mudar minha aparência. Eu era muito bonita para o contato diário com as ruas, dizia, e precisava fazer alguma coisa.

— Não suporto ver você saindo assim todas as manhãs — explicou. — Tem acontecido coisas terríveis às jovens a toda hora, coisas tão terríveis que nem consigo falar nelas. Oh, Anna, minha filhinha querida, se eu a perder, nunca me perdoarei, morrerei no mesmo instante. Não há mais lugar para a vaidade, meu anjo: você tem de renunciar a tudo isso.

Isabel falava com tanta convicção que começava a chorar, e eu compreendi que era melhor aceitar sua opinião do que discuti-la. Para falar a verdade, fiquei muito contrariada. Mas eu já havia visto algumas daquelas coisas sobre as quais ela nem conseguia falar, e não contava com muitos argumentos para contradizê-la. O primeiro a desaparecer foi meu cabelo — e foi terrível. Tudo o que consegui foi conter as lágrimas, e Isabel com a tesoura, pedindo que me comportasse bem e estremecendo a cada instante, choramingando sua funesta melancolia maternal, tornava as coisas piores. Ferdinand estava presente, é claro, sentado em seu canto, os braços cruzados sobre o peito, observando a cena com cruel distanciamento. Ria ao ver meu cabelo no chão, e, à medida que caía, afirmava que eu estava começando a parecer um sapatão, e que era sacanagem Isabel fazer aquilo comigo agora que sua boceta estava mais seca que um pedaço de couro.

— Não lhe dê atenção, meu anjo — dizia Isabel em meu ouvido —, não escute o que esse ogro está dizendo.

Mas era difícil não escutar, difícil não me deixar afetar por aquele riso malicioso.

Ao terminar, Isabel me entregou um espelhinho e mandou-me dar uma olhada. Os primeiros momentos foram espantosos. Eu estava tão feia que nem me reconhecia. Era como se me tivesse transformado noutra pessoa. “Que aconteceu comigo?”, pensei. “Onde estou?” Naquele preciso momento, Ferdinand deu uma nova e rancorosa gargalhada que foi a gota d’água para mim. Atirei nele o espelho, quase atingindo-o no rosto. O objeto passou voando perto de seu ombro, chocou-se contra a parede e se espatifou no chão. Por um momento, Ferdinand ficou apenas boquiaberto, sem acreditar no que eu fizera; depois, voltando-se para Isabel, todo sacudido de raiva, todo fora de si, gritou:

— Você viu? Ela tentou me matar! A filha da puta tentou me matar!

Mas, como Isabel não estava disposta a tomar seu partido, não demorou mais que alguns segundos para que se calasse. Desde então, não voltou a dizer palavra sobre o assunto, nunca mais se referiu a meu cabelo.

Aprendi, enfim, a conviver com aquilo. Era mais a ideia que me incomodava; porém, quando me acostumei, achei que não estava tão feia. Isabel não pretendia fazer com que eu parecesse um rapaz — não se tratava de um disfarce, de colocar um bigode postiço —, mas, somente, queria tornar menos aparente a minha feminilidade, minhas “protuberâncias”, como ela dizia. Eu nunca tive nada de masculino e seria inútil tentar fingir agora. Você se lembra de meu batom, de meus brincos atrevidos, de minhas blusas justas e de minhas saias curtas. Sempre gostei de me vestir e de representar a mulher fatal, mesmo quando éramos crianças. O que Isabel queria era que eu chamasse o mínimo possível a atenção, ler certeza de que não me notariam quando eu passasse. De modo que, depois de me cortar o cabelo, deu-me um boné, um paletó largo, calças de lã e um par de sapatos desprezíveis que recentemente comprara para si. Eles eram um número maior que o meu, mas, com dois pares de meias, o problema das bolhas ficou eliminado. Com o corpo assim coberto, meus seios e minhas nádegas ficaram invisíveis, não havia o que cobiçar em mim. Seria preciso ter muita imaginação para saber o que realmente havia dentro daquelas roupas, e o que há de mais escasso na cidade é justamente imaginação.

Era assim que eu vivia. Levantava-me cedo e saía; passava um longo dia na rua e, à noite, voltava para casa. Andava muito ocupada para pensar em qualquer outra coisa, muito exausta para me retirar daquela rotina e olhar para a frente; à noite, após o jantar, eu só desejava deitar-me em meu canto e dormir. Desgraçadamente, o incidente com o espelho causara uma mudança em Ferdinand, e, entre nós, cresceu uma tensão que se tornou praticamente intolerável. Pelo fato de ter, agora, de passar os dias em companhia de Isabel, o que o privava de sua liberdade e solidão, eu fui me tornando o centro de sua atenção quando estava por perto. Não estou me referindo apenas a seu resmungar ou a suas constantes observações sobre o dinheiro que eu ganhava ou a comida que levava para casa. Não, tudo isso era mesmo de esperar. O

problema era bem mais pernicioso e devastador na fúria que ocultava. Subitamente, passei a ser o único alívio para Ferdinand, a única via pela qual podia escapar de Isabel e, como ele me desprezava, como a minha simples presença o torturava, ele começou a mudar, a fim de tornar as coisas tão difíceis quanto possível. Sabotava, literalmente, a minha vida, atormentando-me a cada oportunidade, assediando-me com milhares de pequenos ataques dos quais eu não tinha como me prevenir. Logo percebi aonde poderíamos chegar, mas não estava preparada para aquele tipo de coisa e não sabia me defender.

Você me conhece bem. Sabe o que meu corpo reclama ou não, que tempestades e anseios nele se ocultam. Essas coisas não desaparecem nem mesmo em lugares como este. Certamente, há pouquíssimas oportunidades para satisfazer seus pensamentos aqui, e, quando você está na rua, tem de se proteger contra sua própria sensibilidade, esvaziando a mente de toda fantasia erótica — no entanto, há momentos em que você está a sós, na cama, à noite por exemplo, com o mundo a sua volta mergulhado em sombras, e se torna difícil não se imaginar a si mesmo em várias situações. Não vou negar o quanto me sentia só em meu canto. Essas coisas podem enlouquecer a gente, às vezes. Rompe uma dor dentro de você, uma dor horrenda e clamorosa e, a menos que faça alguma coisa, o tormento não tem fim. Deus sabe o quanto tentei me controlar, mas havia ocasiões em que já não podia aguentar, ocasiões em que pensava que meu coração ia explodir. Fechava os olhos e dizia para mim mesma que dormisse, mas meu cérebro estava de tal modo perturbado, evocando as imagens do dia que tinha de passar, agitando-me com um pandemônio de ruas e corpos que se somavam aos insultos ainda recentes de Ferdinand, e aquele caos não me deixava dormir. A única coisa que parecia ter algum efeito era a masturbação. Desculpe se lhe pareço rude, mas não vejo por que medir as palavras. É uma solução comum a todos nós e, naquelas circunstâncias, eu não tinha muita escolha. Quase inconscientemente, começava a tocar em meu corpo, fingindo que minhas mãos eram as de outra pessoa — roçando-as de leve na barriga, acariciando a parte interna das coxas, por vezes agarrando minhas nádegas, manipulando minha carne com os dedos, como se houvesse duas de mim, uma nos braços da outra. Eu sabia que tudo não passava de um triste jogo, porém, mesmo assim, meu corpo aceitava aqueles truques, e eu não demorava a sentir a úmida secreção. Meu dedo médio fazia o resto e, ao terminar, a languidez me invadia, minhas pálpebras começavam a pesar e eu, finalmente, adormecia.

Até aí, tudo bem. O problema era que, naquele minúsculo recinto, era perigoso fazer barulho, por leve que fosse, e, algumas vezes, eu devo ter me descuidado, deixando escapar um suspiro ou um gemido no momento crucial. Estou dizendo isso porque logo fiquei sabendo que Ferdinand me escutava e, com uma mente sórdida como a dele, não demorou a imaginar o que eu estava fazendo. Pouco a pouco, seus insultos foram adquirindo um matiz sexual,

tornaram-se uma avalanche de insinuações obscenas. Ora me chamava de putinha depravada, ora afirmava que homem algum haveria de tocar numa cadela frígida como eu — numa saraivada permanente de injúrias contraditórias. Era uma imundície, e eu sabia que aquilo terminaria mal para todos nós. Uma ideia fixa se plantara no cérebro de Ferdinand, e não havia como removê-la. Ele estava testando sua coragem, preparando-se para agir e, dia a dia, eu o notava mais descarado, mais seguro de si, mais confiante. Eu tivera essa experiência com um sujeito que levantava barreiras no Bulevar Muldoon, mas fora ao ar livre e conseguira fugir. Agora era diferente. Naquele apartamento tão pequeno, se acontecesse alguma coisa eu estaria perdida. A única ideia que me ocorria era nunca mais voltar a dormir.

Era verão, já não me lembro do mês, só me lembro do calor, dos longos dias sufocantes, das noites sem ar. O sol se punha, mas a tórrida atmosfera perdurava, densa e irrespirável. Foi numa dessas noites que Ferdinand atacou, enfim. Engatinhando, atravessou a sala e se aproximou furtivamente. Por razões que ainda não compreendo, todo o meu pavor desapareceu no momento em que ele me tocou. Deitada na escuridão, fiquei paralisada, fingindo dormir, sem saber se devia tentar lutar com ele ou simplesmente gritar com toda a força dos pulmões. De repente, ficou claro para mim que não devia fazer nem uma coisa nem outra. Pousando a mão em meu peito, Ferdinand soltou um risinho sufocado, um desses ruídos abjetos que só podem provir de pessoas que, na verdade, já estão mortas; naquele preciso momento eu soube o que fazer. Soube-o com uma certeza que jamais provara antes. Não lutei, não gritei, não esbocei qualquer reação. Nada mais importava. Aquela certeza dentro de mim destruiu tudo. No momento em que Ferdinand me tocou, eu soube que ia matá-lo, e tão grande e poderosa foi essa certeza que quase desejei deter-me e contar-lhe, fazê-lo entender o que eu pensava dele e por que merecia estar morto.

Escurregando o corpo para mais perto do meu, ele se estendeu junto a mim e começou a esfregar o áspero rosto em meu pescoço, murmurando que tinha toda razão, sim, e que a gente ia foder, sim, e que eu adoraria. Seu hálito estava impregnado do cheiro da carne seca com nabos que comera no jantar, e nossos corpos estavam úmidos de suor. Sufocada no ar estagnado do quarto, eu sentia a transpiração escorrer em minha pele cada vez que ele me tocava. Nada fiz para contê-lo, simplesmente permaneci deitada, mole e insensível, sem nada dizer. Depois de algum tempo, ele começou a se esquecer de si mesmo, eu senti sua agitação, e, então, quando ele se dispôs a subir em cima de mim, coloquei os dedos ao redor de seu pescoço, bem de leve a princípio, como se estivesse brincando, como se tivesse sucumbido a seu irresistível encanto, de modo que Ferdinand de nada suspeitou. Então, comecei a apertar, e um som agudo e sufocado lhe saiu da garganta. Senti uma felicidade imensa, um arrebatamento, uma incontrolável sensação de êxtase. Era como se tivesse cruzado uma

fronteira íntima, como se o mundo tivesse mudado repentinamente, transformando-se na sede de uma inimaginável simplicidade. Fechei os olhos e comecei a sentir como se estivesse voando no espaço vazio, na negra e constelada imensidão da noite. Agarrando a garganta de Ferdinand, eu era livre, estava além da força de gravidade, além da noite, além de qualquer pensamento meu.

Então veio a pior parte. Percebendo que, com mais alguns momentos de pressão, o trabalho estaria terminado, eu o soltei. Não se tratava de fraqueza, de piedade. A força com que o segurava era invencível; por mais que se debatesse e esperneasse, ele não conseguiria livrar-se. Mas, subitamente, eu tomei consciência do prazer que estava sentindo. Não sei explicar de outra maneira. Bem no final, quando, deitada de costas e abafada na escuridão, eu estava tirando lentamente a vida de Ferdinand, compreendi que não o estava matando em autodefesa: eu o estava matando por puro prazer. Horrível percepção, horrível, horrível percepção. Soltei-lhe a garganta e o empurrei para longe de mim com toda violência de que era capaz. Não sentia senão desgosto, indignação e amargura. Pouco importava que me tivesse contido. De qualquer modo, fora tudo uma questão de poucos segundos, mas agora eu compreendia que não era melhor que ele, não era melhor que ninguém.

Um tremendo ruído asfíxiado veio dos pulmões de Ferdinand, um ruído miserável e inumano, feito o zurrar de um asno. Apavorado, estorcendo-se no chão, agarrando a própria garganta e arfando, babando, tossindo, vomitando sobre si mesmo a catástrofe, tratou de colher ar.

— Agora você entendeu — disse a ele. — Agora sabe com quem está lidando. Da próxima vez que tentar, não vou ser tão generosa.

Não esperei que se recuperasse completamente. Estava vivo e isso me bastava, era mais que suficiente. Vesti-me às pressas e, abandonando o apartamento, desci as escadas e saí ao ar livre. Tudo acontecera tão depressa, não durara mais que alguns minutos. E Isabel continuava dormindo. Era um milagre. Eu estivera a um passo de lhe matar o marido, e ela nem se movera.

Caminhei sem rumo durante duas ou três horas e, então, voltei ao apartamento. Eram quase quatro da madrugada, Ferdinand e Isabel estavam dormindo em seus respectivos cantos. Às seis, a loucura se iniciaria: Ferdinand rondando tempestuosamente a sala, agitando os braços, espumando pela boca, acusando-me de uma infinidade de crimes. Tinha de ser assim. Minha única dúvida era como Isabel haveria de reagir. O instinto me dizia que ficaria do meu lado, mas não tinha certeza. A gente nunca sabe o que a fidelidade pode provocar num momento crítico, que conflitos são capazes de emergir quando você menos espera. Tentei me preparar para o pior, sabendo que, se as coisas se voltassem contra mim, eu estaria novamente na rua naquele mesmo dia.

Isabel acordou mais cedo que de costume. Não era fácil para ela, uma vez que as dores nas pernas eram geralmente mais agudas de manhã e faziam, muitas vezes, com que demorasse vinte ou trinta minutos para tomar coragem de se levantar. Aquela manhã foi particularmente dura e, enquanto ela iniciava o trabalho de ficar de pé, eu me entreguei a minhas ocupações habituais no apartamento, tentando agir como se nada tivesse acontecido: fervendo a água, cortando o pão em fatias, pondo a mesa, mergulhada na rotina normal. Na maior parte das vezes, Ferdinand continuava dormindo até o último instante, só se mexia ao sentir o cheiro do mingau cozinhando no fogão, e nenhuma de nós estava lhe dando atenção naquela ocasião. Com o rosto voltado para a parede, parecia simplesmente querer dormir um pouco mais teimosamente que de costume. Considerando o que enfrentara na noite anterior, parecia bastante lógico, e eu não cheguei a me preocupar.

Finalmente, contudo, seu silêncio se tornou conspícuo. Isabel e eu havíamos terminado nossos preparativos e estávamos prontas para nos sentar à mesa e tomar o café da manhã. Normalmente, uma de nós o teria acordado mas, naquele dia em particular, nem ela nem eu proferimos uma palavra. Uma curiosa espécie de relutância parecia estar no ar, e, depois de algum tempo, comecei a perceber que estávamos evitando o tema em questão, que ambas decidíamos esperar que a outra falasse primeiro. Eu tinha minhas razões para ficar em silêncio, é claro, mas o comportamento de Isabel não tinha precedentes. Havia certa timidez em seu comportamento, algo de provocação, de guerra de nervos, como se uma imperceptível mudança lhe tivesse ocorrido. Eu não sabia o que fazer. Talvez tivesse me equivocado quanto à noite anterior, pensei. Talvez ela estivesse acordada e, de olhos abertos, tivesse visto toda aquela porcaria.

— Você está bem, Isabel? — perguntei.

— Sim, querida, claro que estou bem — respondeu ela, endereçando-me seu sorriso imbecil e angelical.

— Não acha que devíamos acordar Ferdinand? Você sabe como ele fica quando começamos a comer sem ele. Não vamos querer que pense que estamos comendo a sua parte.

— Não, acho que não — suspirou ela. — Só estava aproveitando este momento de camaradagem. Quase não ficamos sozinhas. Há algo de mágico numa casa silenciosa, não acha?

— Sim, Isabel, acho. Mas também acho que está na hora de acordar Ferdinand.

— Se você faz questão. Só estava tentando adiar o momento do ajuste de contas. A vida pode ser tão maravilhosa afinal, mesmo em tempos como estes. É uma pena que algumas pessoas só pensem em estragá-la.

Não respondi a tais observações enigmáticas. Alguma coisa, obviamente, estava errada, e eu começava a suspeitar o que era. Fui até o canto de Ferdinand,

agachei-me a seu lado e coloquei a mão em seu ombro. Ele não se moveu. Sacudi-o, mas Ferdinand continuou imóvel, puxei-o, fazendo com que ficasse de costas. No primeiro momento, não vi absolutamente nada. Foi só uma sensação, uma urgente e tumultuosa sensação que me invadiu. “Este homem está morto”, disse para mim mesma. “Ferdinand está morto, e eu estou olhando para ele com meus próprios olhos.” Só então, depois de ter dito essas palavras, que realmente vi o estado de seu rosto: os olhos saltados das órbitas, a língua de fora, o sangue coagulado no nariz. Não era possível que estivesse morto, pensei. Estava vivo quando saí, e não era possível que minhas mãos tivessem feito aquilo. Tentei fechar-lhe a boca, mas sua mandíbula já estava rija, não consegui movê-la. Precisaria quebrar-lhe os ossos da face e não tinha força para tanto.

— Isabel — chamei com voz calma —, acho melhor você vir até aqui.

— Algum problema, querida? — quis saber ela.

Sua voz nada denunciava, era impossível dizer se sabia ou não o que eu ia lhe mostrar.

— Venha cá e veja você mesma.

Como era obrigada a fazer ultimamente, Isabel veio arrastando os pés, apoiada em sua cadeira. Ao chegar ao canto de Ferdinand, voltou a sentar-se, tomou fôlego e, então, fitou o cadáver. Ficou olhando para ele durante um longo momento, alheia, sem demonstrar qualquer emoção. De repente, sem o menor gesto ou ruído, começou a chorar. As lágrimas pareciam brotar-lhe inconscientemente dos olhos e lhe rolavam na face. Era como choram as crianças às vezes, sem soluços ou respiração entrecortada: água escorrendo de duas torneiras semelhantes.

— Acho que Ferdinand não vai acordar mais — disse ela, ainda fitando o corpo.

Era como se não pudesse olhar para mais nada, como se seus olhos se tivessem fixado para sempre naquele lugar.

— Que acha que aconteceu?

— Só Deus sabe, querida. Não posso adivinhar.

— Deve ter morrido dormindo.

— Sim, acho que sim. Deve ter morrido dormindo.

— Como está se sentindo, Isabel?

— Não sei. É muito cedo para dizer. Agora, no entanto, acho que estou feliz. Sei que é terrível dizer isso, mas acho que estou feliz.

— Não é tão terrível. Você merece um pouco de paz como qualquer outra pessoa.

— Não, querida, é terrível. Mas eu não posso fazer nada. Espero que Deus me perdoe. Espero que, em Sua bondade, não me castigue pelo que estou sentindo agora.

Isabel passou o resto da manhã tratando, nervosamente, do corpo de Ferdinand. Recusava toda ajuda e eu, durante várias horas, fiquei sentada em meu canto, observando-a. Era obviamente inútil vesti-lo, mas ela insistia em fazê-lo. Queria que se parecesse com o homem que fora no passado, antes que o ódio e a autocomiseração o tivessem destruído.

Lavou-o com sabonete, barbeou-o, cortou-lhe as unhas e o vestiu com o terno azul-marinho que outrora costumava usar nas ocasiões especiais. Durante muitos anos ela mantivera aquele terno escondido sob uma tábua solta do assoalho, com medo de que Ferdinand a obrigasse a vendê-lo caso o encontrasse. Como a roupa estava, agora, muito grande para ele, Isabel teve de fazer um novo buraco na cinta para lhe prender as calças. Seu trabalho era incrivelmente lento, ocupava-se de cada detalhe com desvairada precisão, sem descanso nem pressa, coisa que me deixou nervosa após algum tempo. Eu queria que tudo fosse feito o mais depressa possível, porém ela não me dava atenção. Estava tão envolvida com o que fazia que se esquecera de minha existência. Conversava com o marido enquanto o arrumava, censurava-o com voz branda, falava como se ele pudesse ouvir cada uma de suas palavras. Com o rosto horrivelmente desfigurado pela morte, Ferdinand não tinha outra escolha senão deixá-la falar. Afinal, era sua última oportunidade e, pelo menos daquela vez, ele nada podia fazer para calá-la.

Aquilo se prolongou até o fim da manhã. Penteou-lhe o cabelo, escovou-lhe o paletó, arrumou-o e tornou a arrumá-lo como se estivesse cuidando de uma boneca. Quando enfim terminou, tivemos de decidir o que fazer com o corpo. Eu preferia carregá-lo escada abaixo e deixá-lo na rua, mas Isabel achava aquilo muito impiedoso. “Pelo menos, disse, poderíamos colocá-lo num carrinho e levá-lo a um dos Centros de Transformação.” Eu me opunha por várias razões. Primeiramente, porque Ferdinand era grande demais, e levá-lo pelas ruas era arriscado. Imaginei o carrinho tombando, vi Ferdinand caindo, e ambos, ele e o carrinho, sendo roubados pelos “abutres”. E, o que era mais importante, Isabel não tinha forças para sair e eu temia as consequências. Passar todo o dia caminhando podia destruir o que lhe restava da saúde, e eu não estava disposta a ceder, por mais que ela chorasse e suplicasse.

Finalmente, encontramos uma solução que, na época, me pareceu bastante sensata, embora agora, olhando para trás, choque-me a sua extravagância. Após muita hesitação, decidimos arrastar Ferdinand até o telhado e atirá-lo do alto. A ideia era fazê-lo parecer um saltador. Pelo menos, disse Isabel, os vizinhos pensariam que ele ainda conservava algo de sua combatividade. Vê-lo iam precipitar-se do alto do telhado e haveriam de dizer que aquele era um homem com coragem de resolver seus problemas por si só. Era fácil notar o quanto aquela ideia a comovia. Nós duas, sugeri, poderíamos fingir estar atirando-o ao mar. É o que acontece quando morre um marinheiro no navio: seus companheiros o lançam à água. Sim, Isabel gostou muito daquilo. Subiriamos ao

telhado e fariamos de conta que estávamos na cobertura de um navio. O ar seria a água e a calçada, o fundo do oceano. Ferdinand teria um funeral de marujo e, a partir de então, pertenceria ao mar. O plano parecia tão perfeito que cessou toda a discussão. Ferdinand repousaria na sepultura dos afogados e, finalmente, os tubarões se apropriariam dele.

Infelizmente, não foi tão fácil quanto esperávamos. O apartamento ficava no último andar do prédio, mas não havia como subir ao telhado. O único acesso era por meio de uma estreita escada metálica de mão, que dava para a entrada do desvão do telhado, uma espécie de alçapão que se abria empurrando-o para cima. A escada, de cerca de doze degraus, não tinha mais de dois metros ou dois metros e meio de altura, mas eu precisava carregar o cadáver para cima, sustentando-o com uma das mãos enquanto me segurava com a outra. Como Isabel não podia ajudar muito, eu era obrigada a fazer tudo sozinha. Tentei empurrá-lo do chão e, depois, puxá-lo do teto, mas simplesmente não tinha força. Era muito pesado para mim, muito grande, muito desajeitado e, no sufocante calor do verão, com o suor a me escorrer para dentro dos olhos, eu não sabia o que fazer. Comecei a me perguntar se não obteríamos o mesmo efeito arrastando Ferdinand de volta ao apartamento e lançando-o pela janela. Não seria tão dramático, é claro, mas, naquelas circunstâncias, pareceu-me a alternativa mais plausível. Eu já estava a ponto de desistir quando Isabel teve uma ideia. Embrulharíamos o cadáver num lençol que atariamos a outro, e trataríamos de içá-lo. Não seria fácil, tampouco, mas pelo menos eu não teria de subir e ao mesmo tempo carregá-lo. Do desvão, comecei a puxar Ferdinand degrau a degrau. Com Isabel lá em baixo, dirigindo o volume e cuidando para que não ficasse preso, conseguimos transportá-lo até o alto. A seguir, deitando-me de bruços, estendi as mãos para baixo e a ajudei a subir. Não vou mencionar os escorregões, os iminentes desastres, as dificuldades da operação. Quando ela enfim conseguiu entrar pelo alçapão e, lentamente, se aproximou de mim, estávamos tão cansadas que caímos prostradas na quente superfície cimentada, e ali ficamos durante vários minutos incapazes de nos levantar, incapazes de nos mover. Lembro-me de ter estado de costas, olhando para o céu, acreditando-me a ponto de flutuar para fora de meu próprio corpo, lutando para recuperar o fôlego, sentindo-me esmagada pela fulgurante e louca truculência do sol.

O prédio não era muito alto, mas era a primeira vez que me via tão longe do solo desde que chegara à cidade. Uma brisa leve fazia oscilarem as coisas e, quando finalmente me levantei e me pus a contemplar o mundo confuso lá em baixo, surpreendeu-me a vista do mar, uma nesga de luz azul-acinzentada a tremular, longínqua, no horizonte. Era estranho ver o mar daquele modo, não sei dizer o efeito que teve sobre mim. Pela primeira vez desde minha chegada, tive provas de que a cidade não estava em toda parte, de que algo existia além de suas fronteiras, de que outros mundos havia além deste. Foi como uma

revelação, como um banho de oxigênio em meus pulmões, e aquele pensamento me deixou atordoada. Vi a fileira de telhados. Vi a fumaça que subia dos crematórios e das usinas de energia. Ouvi uma explosão numa rua próxima. Vi as pessoas caminhando lá em baixo, pequenas demais para ainda serem humanas. Senti o vento no rosto e respirei o cheiro forte do ar. Tudo aquilo me era estranho e, de pé no telhado, ao lado de Isabel, ainda exausta para conseguir dizer alguma coisa, senti subitamente que estava morta, tão morta quanto Ferdinand com seu terno azul-marinho, tão morta quanto as pessoas que estavam sendo queimadas na periferia da cidade. Senti uma calma que havia muito não me visitava; senti-me quase feliz, na verdade, mas feliz de um modo impalpável, como se aquela felicidade nada tivesse a ver comigo. Então, sem razão alguma, comecei a chorar, a chorar mesmo, a soluçar profundamente, com a respiração entrecortada, sufocada quase, a gritar como quando eu era menina. Isabel me envolveu nos braços e eu, com o rosto escondido em seu ombro, passei muito tempo chorando apenas, sem saber por quê. Não tinha ideia de onde vinham aquelas lágrimas, mas, durante muitos meses depois disso, não voltei a me sentir eu mesma. Continuava vivendo e respirando, deslocando-me de um lugar a outro, mas não conseguia escapar à ideia de que estava morta, de que nada me poderia devolver à vida.

Enfim, retomamos o trabalho no telhado. O calor da tarde começara a derreter o piche, transformando-o num espesso e viscoso colchão. O terno de Ferdinand não suportara bem a viagem escada acima e, quando o desembulhamos, Isabel inaugurou uma nova e longa sessão de preparativos e murmúrios. Quando chegou o momento de carregá-lo até a borda, ela insistiu em que o colocássemos em posição vertical, do contrário todo aquele esforço não teria tido razão de ser. Precisávamos criar a ilusão de que Ferdinand era um saltador, dizia ela, e os saltadores não engatinhavam, caminhavam ousadamente para o abismo, de cabeça erguida. Não havia como discutir aquela lógica, de modo que passamos os longos minutos seguintes lidando com aquele corpo inerte, puxando-o, empurrando-o, até conseguirmos alçá-lo precariamente e pô-lo de pé. Foi uma comediazinha macabra, garanto: o falecido Ferdinand parado entre nós, oscilando feito um gigantesco boneco de mola, cabelos ao vento, a calça caindo e, no rosto, ainda aquela expressão assombrada, aterrorizada. Enquanto o levávamos para o canto do telhado, seus joelhos se prendiam e se agarravam, e, quando lá chegamos, perdera ambos os sapatos. Nenhuma de nós tinha coragem de se aproximar muito da beira e, assim, não podíamos saber se alguém, na rua, veria o que ia acontecer. A um metro do precipício, sem ousar avançar mais, contamos juntas para sincronizar nossos esforços e, então, tendo imprimido em Ferdinand um forte impulso, deixamo-nos cair imediatamente de costas, com medo de ser levadas com ele pelo ímpeto. Sua barriga se chocou com a extremidade do telhado, de modo que o corpo deu um pequeno salto antes de

cair. Lembro-me de ter procurado escutar o baque na calçada, mas não ouvi senão o palpar de meu coração. Foi a última vez que vimos aquele homem. Nenhuma de nós desceu à rua aquele dia e, na manhã seguinte, quando saí para minhas incursões com o carrinho, ele e toda sua roupa haviam desaparecido.

Fiquei com Isabel até o fim. Quer dizer: durante o verão, o outono e um pouco mais, até a metade do inverno, quando o frio começou a ficar mais sério. Em todos esses meses, não voltamos a falar em Ferdinand, nem em sua vida nem em sua morte nem em nada. Era difícil acreditar que Isabel tivesse tido força ou coragem para matá-lo, mas essa era a única explicação que fazia sentido para mim. Muitas vezes me senti tentada a perguntar-lhe sobre aquela noite, mas nunca cheguei a fazê-lo. Em todo caso, era problema de Isabel e, a menos que ela quisesse falar no assunto, não me julgava no direito de interrogá-la.

Uma coisa era certa: nenhuma de nós lamentava sua morte. Um ou dois dias após a cerimônia no telhado, juntei todas as suas coisas e as vendi, tanto os navios em miniatura quanto meio tubo de cola, e Isabel não disse uma palavra. Aquela ocasião podia ter oferecido novas possibilidades para ela, mas não foi assim. Sua saúde continuava a se deteriorar, de modo que não chegou a aproveitar a vida sem Ferdinand. Na verdade, depois daquele dia no telhado, nem voltou a sair do apartamento.

Eu sabia que Isabel estava morrendo, mas não achava que seria tão rápido. Começou com sua incapacidade para voltar a andar e, depois, pouco a pouco, a fraqueza foi se generalizando até que nada nela funcionava; dos braços à espinha e, por fim, nem mesmo a garganta ou a boca. Era uma espécie de esclerose, disse-me ela, que não tinha cura. Sua avó morreria, havia muito, da mesma doença a que Isabel se referia simplesmente como “o colapso” ou “a desintegração”. Tudo o que eu podia fazer era tentar lhe dar algum conforto, nada mais.

O pior é que eu ainda precisava trabalhar. Ainda tinha de me levantar de manhã bem cedo e percorrer as ruas à cata do que quer que fosse. Contudo, já não conseguia me concentrar, era cada vez mais difícil encontrar alguma coisa de valor. Eu vivia me arrastando atrás de mim mesma, os pensamentos numa direção e os passos noutra, incapaz de um movimento rápido ou seguro. Frequentemente era agredida por outros caçadores de objetos que, como aves de rapina vindas de lugar nenhum, me atacavam e me arrebatavam as coisas que estava catando; isso me obrigava a ficar mais tempo na rua para preencher minha quota, sempre atormentada pela ideia de que devia estar em casa cuidando de Isabel. Imaginava que algo podia lhe acontecer enquanto eu estivesse fora, que morreria sem mim, e isso bastava para me sacudir, para me fazer esquecer o trabalho. E, acredite, aquele trabalho precisava ser feito, do contrário nada teríamos para comer.

No final, Isabel já não conseguia andar sozinha. Eu tentava firmá-la na cama mas, como lhe faltava o controle muscular, em poucos minutos ela começava, inevitavelmente, a escorregar. Tais mudanças de posição eram uma agonia para ela, o peso de seu próprio corpo no chão fazia com que se sentisse como sendo queimada viva. Mas a dor era apenas uma parte do problema. O colapso dos músculos e dos ossos atingiram-lhe, finalmente, a garganta, e Isabel foi perdendo a faculdade de falar. Um corpo que se desintegra é uma coisa, mas quando a voz também desaparece, é como se a pessoa já não estivesse ali. Começou com uma dificuldade de articulação, suas palavras se quebravam, as consoantes se tornavam mais fracas e indistintas, soavam como vogais. Não dei muita atenção àquilo a princípio, havia muitas outras coisas mais urgentes sobre que pensar e, naquela época, ainda era possível compreendê-la sem muito esforço. Mas ela continuava piorando e me custava cada vez mais perceber o significado do que estava tentando me dizer; por mais que lidasse para captá-lo, as dificuldades cresciam com o passar dos dias. Certa manhã, dei-me conta de que já não conseguia falar. Salivava e gemia na tentativa de expressar alguma coisa, mas não chegava a produzir mais que um gorgolejar incoerente, um barulho horrível que era o próprio caos. A baba lhe escorria dos cantos da boca e, com ela, o ruído, um lamento de inimaginável confusão e dor. Isabel chorou, naquela manhã, ao ouvir a si mesma e ao ver meu olhar perplexo: acho que nunca tive tanta pena de alguém como então. Pouco a pouco, o mundo todo se lhe escapara e nada restava agora.

Mas não cheguei ao fim. Durante cerca de dez dias Isabel ainda teve forças para me escrever bilhetes a lápis. Uma tarde, fui a um agente de ressurreição e comprei um belo caderno de anotações de capa azul. Saiu-me caro porque todas as páginas estavam em branco, e é muito difícil encontrar um bom caderno na cidade. Mas eu achava, definitivamente, que valia a pena e não me importei com o preço. O agente era um homem a quem eu prestara serviços antes — o sr. Gambino, o corcunda da Rua China — e eu me lembro de ter regateado obstinadamente, numa discussão que durou quase meia hora. Não consegui fazê-lo baixar o preço, mas, no final, ele me deu seis lápis e um pequeno apontador de plástico como brinde.

Por estranho que pareça, estou escrevendo neste mesmo caderno agora. Isabel jamais conseguiu usá-lo muito, não mais que cinco ou seis páginas e, depois que morreu, não tive coragem de jogá-lo fora. Levava-o comigo em minhas viagens e, desde então, sempre o conservei — o caderno azul, os seis lápis amarelos e o apontador verde. Se não tivesse encontrado essas coisas em minha mala outro dia, acho que não teria começado a lhe escrever. Mas ali estava o caderno com todas aquelas páginas em branco e, de repente, senti o irresistível impulso de pegar um dos lápis e iniciar esta carta. Agora, é a única coisa que me interessa: tomar finalmente a palavra, registrar tudo nestas páginas

antes que seja tarde demais. Estremeço ao pensar em como tudo está intimamente relacionado. Se Isabel não tivesse perdido a voz, nenhuma destas palavras existiria. Como ela já não tinha palavras, estas outras saíram de mim. Quero que você se lembre disso. Não fosse por Isabel, nada existiria agora. Nunca teria começado.

Enfim, o que a matou foi a mesma coisa que lhe tirara a voz. Sua garganta deixou de funcionar completamente, e ela não pôde mais engolir. Os alimentos sólidos foram desde então eliminados, mas, pouco tempo depois, ela já nem conseguia tomar água. Não me restava senão umedecer-lhe os lábios com algumas gotas para evitar que sua boca se ressecasse, porém, então, ambas sabíamos que era tudo uma questão de tempo: ela estava morrendo de fome e de sede, definhando por falta de alimentação. Incrivelmente, uma vez cheguei a acreditar que Isabel estava sorrindo para mim. Foi bem no final, quando eu estava sentada a seu lado, umedecendo-lhe os lábios. Não posso ter plena certeza, ela já estava muito longe de mim então, mas gosto de pensar que foi mesmo um sorriso, ainda que ela não soubesse o que estava fazendo. Isabel se culpava por estar doente, envergonhava-se de ter de depender de meus cuidados, mas a verdade é que eu precisava dela tanto quanto ela de mim. Depois daquele sorriso, ela começou a se asfíxiar com a própria saliva. Já não conseguia engolir e, embora tentasse enxugar-lhe a boca com os dedos, muito do líquido escorria pela garganta, deixando-a sem ar. Os sons, ainda que horríveis, foram tão débeis, tão impotentes, que pouco duraram.

Mais tarde, naquele mesmo dia, peguei algumas coisas do apartamento, coloquei-as no carrinho e as levei para o Projeto Ozônio, na oitava zona de recenseamento. Eu não estava pensando com clareza — lembro-me inclusive de ter tido consciência disso na ocasião —, mas não me importei. Vendi pratos, roupas, panelas, frigideiras, roupa de cama, sei lá — tudo o que tinha podido carregar. Era um alívio desembaraçar-me daquilo e, de algum modo, foi o que me ajudou a evitar as lágrimas. Já não conseguia chorar, sabe?, desde aquele dia no telhado; e, após a morte de Isabel, eu tinha vontade de quebrar tudo, de pôr a casa de pernas para o ar. Peguei o dinheiro e atravessei a cidade até o Projeto Ozônio, onde comprei o vestido mais bonito que encontrei. Era branco, com um laço na gola, mangas compridas e uma larga faixa de cetim na cintura. Acho que Isabel teria ficado feliz em saber que o estava usando.

Depois disso, as coisas ficaram um tanto confusas para mim. Estava exausta, compreende?, e tinha aquele nevoeiro na mente que faz você pensar que já não é você mesmo, uma espécie de semiconsciência, ainda que em estado de vigília. Lembro-me de ter erguido Isabel nos braços, estremeçando ao notar o quanto se tornara leve. Era como carregar uma criança; aqueles ossos de pluma, aquele corpo mole e flexível. Saí à rua e atravessei a cidade com ela no carrinho;

recordo-me de meus sustos, a sensação de que cada transeunte estava olhando para o carrinho, pensando em como me atacar e roubar o vestido de Isabel. Depois disso, vejo-me entrando no Terceiro Centro de Transformação e esperando, na fila, com muitos outros. E, então, quando chegou a minha vez, recebendo a taxa normal de um dos funcionários. Ele também olhou para o vestido de Isabel com extraordinário interesse, e eu adivinhei os pensamentos que brincavam em sua sórdida cabecinha. Devolvi o dinheiro que acabava de me entregar, dizendo-lhe que poderia ficar com ele se promettesse queimar o vestido junto com Isabel. O homem concordou, naturalmente, com uma piscadela vulgar e conivente, mas eu não tinha como saber se cumpriria a palavra. Inclina-me a acreditar que não, o que explica por que prefiro não pensar a respeito.

Deixando o Centro de Transformação, devo ter errado durante algum tempo, com a cabeça confusa, sem prestar atenção aonde ia. Mais tarde, adormeci em algum lugar, junto a uma porta, provavelmente, mas, ao despertar, não me sentia melhor, creio que até pior. Pensei em voltar ao apartamento, mas achei que não me encontrava em condições de enfrentá-lo. Espantava-me a perspectiva de estar sozinha ali, de voltar àquele quarto e ficar sentada a um canto, sem ter o que fazer. Achei que, talvez, mais algumas horas de ar fresco me fariam bem. Então, estando um pouco mais desperta, descobri que já não tinha o carrinho. O cordão umbilical ainda estava preso a minha cintura, mas o carrinho desaparecera. Olhei a meu redor procurando-o, corri freneticamente de uma porta a outra, mas foi inútil. Ou o esquecera no crematório ou fora roubada enquanto dormia. Sentia a mente tão nublada que não podia ter certeza. É assim. Um momento de desatenção, um mero segundo em que você se esquece de estar alerta, e tudo se perde, todo o seu trabalho se desfaz instantaneamente. O carrinho era o que eu mais precisava para sobreviver, e, agora, estava perdido. Eu não teria podido encontrar melhor maneira de sabotar minha própria vida.

Era lamentável, mas, curiosamente, não cheguei a me importar. Em termos objetivos, a perda do carrinho era um desastre, mas me proporcionava algo que eu vinha esperando havia muito: um pretexto para abandonar aquele trabalho. Dedicara-me a ele por causa de Isabel, mas, agora que ela estava morta, já não conseguia me imaginar naquela atividade. Era uma fase da vida que terminara para mim, e, agora, tinha a oportunidade de tomar um novo caminho, de me encarregar de minha própria existência e fazer alguma coisa por mim.

Sem esperar mais, procurei um dos fiscais da quinta zona de recenseamento e vendi minha licença por trinta glotes. O dinheiro que ganhara aquele dia daria para viver durante, pelo menos, duas ou três semanas. Mas, já que havia começado, não tinha intenção de me deter. Voltei ao apartamento carregada de planos, calculando quanto ainda poderia ganhar vendendo mais alguns artigos domésticos. Trabalhei a noite toda empilhando objetos no centro do quarto.

Vasculhei o armário em busca do que pudesse ser útil, revirando caixas, esquadrinhando as gavetas, até que, por volta das cinco horas da manhã, encontrei um inesperado tesouro no esconderijo de Isabel sob as tábuas do assoalho: uma faca e um garfo de prata, a Bíblia de páginas douradas e um saquinho com quarenta e oito glotes. Passei o resto do dia ocupada em guardar os artigos vendíveis numa mala, com a qual percorria os diversos agentes de ressurreição da cidade e, depois de vender um lote, retornava ao apartamento e preparava outro. Por fim, cheguei a obter mais de trezentos glotes (os talheres representaram quase um terço da quantia), o que significava que, de uma hora para outra, eu estava em condições de passar uns cinco ou seis meses de folga. Naquelas circunstâncias, era bem mais do que eu podia esperar. Sentia-me rica, positivamente no mais alto patamar.

Meu otimismo, contudo, não durou muito. Deitei-me, aquela noite, exausta de tanto trabalho e, justamente na manhã seguinte, menos de uma hora após o amanhecer, fui despertada por fortes pancadas na porta. É curioso o quão depressa a gente compreende essas coisas, mas, ao ouvir aquele ruído, pensei unicamente em ter esperança de que não me matassem. Nem tive tempo de me levantar. Os invasores arrombaram a porta e entraram armados dos habituais porretes e bastões. Eram três, e eu reconheci dois dos rapazes da família Gunderson, do térreo. “As notícias voam”, pensei. Isabel morreria havia apenas dois dias e os vizinhos já estavam atacando.

— Levante-se, garota — disse um deles. — É hora de dar o fora. Vá saindo direitinho e de bico calado, se não quiser se machucar.

Era tudo tão frustrante, tão insuportável.

— Me dê alguns minutos para arrumar minha mala — pedi, levantando-me do cobertor. Fazia o possível para manter a calma, para reprimir o ódio, sabendo que a menor menção de violência de minha parte faria com que me atacassem.

— Tudo bem — disse outro deles —, você tem três minutos. Mas somente uma mala. Pegue suas coisas e suma.

Por sorte, a temperatura caíra drasticamente durante a noite, obrigando-me a ir para a cama com toda a roupa no corpo. Isto não só me evitou a indignidade de ter de me vestir diante deles como me salvou a vida, uma vez que eu guardara os trezentos glotes no bolso da calça. Embora não acreditasse em premonição, até parecia que eu soubera, antecipadamente, o que ia acontecer. Os delinquentes me observaram com toda atenção enquanto eu punha as coisas na mochila, mas nenhum deles foi inteligente o bastante para imaginar onde o dinheiro estava escondido. Tratei de sair dali o mais depressa possível, desci as escadas aos saltos e, após uma breve pausa para tomar fôlego, abri a porta. O ar glacial me golpeou com violência. Era medonho o uivar do vento em meus ouvidos; o sopro hibernal, em toda parte, fazia voar com louca veemência os objetos que, agitando-se na rua, chocavam-se precipitadamente contra as paredes e se partiam como

incontáveis fragmentos de gelo. Fazia, então, mais de um ano que chegara à cidade, e nada mudara. Levava algum dinheiro no bolso, mas não tinha emprego nem onde morar. Depois de tantas idas e vindas, retornava ao ponto de partida.

Ao contrário do que você possa imaginar, nada aqui é reversível. O fato de conseguir entrar não significa que conseguirá sair. As entradas não servem de saída, e nada pode garantir que a porta pela qual passou há um momento ainda estará ali quando você se voltar a sua procura. Assim é que funciona a cidade. Toda vez que a gente pensa saber a resposta de uma questão, descobre que a própria questão não tem sentido.

Passei várias semanas tentando fugir. A princípio, parecia haver inúmeras possibilidades, toda uma série de maneiras de voltar para aí e, dado que eu contava com algum dinheiro, não pensei que fosse muito difícil. Estava equivocada, é claro, mas demorei a admiti-lo. Eu viera num navio caritativo estrangeiro, parecia-me, portanto, lógico que pudesse voltar do mesmo modo. Assim, fui às docas, disposta a subornar quem fosse necessário para obter uma passagem. Entretanto, não vi embarcação alguma por ali, nem mesmo os pequenos barcos de pesca que notara um mês antes. Em compensação, todo o porto estava apinhado de operários — muitas centenas deles, mais do que eu era capaz de contar. Alguns estavam descarregando pedras de caminhões, outros transportando tijolos à beira da água, outros ainda fazendo os alicerces do que parecia ser uma gigantesca muralha ou fortificação. Policiais armados postados em plataformas vigiavam os trabalhadores, e o lugar parecia um ruidoso e confuso formigueiro — o roncar dos motores, o ir e vir das pessoas, as vozes dos chefes de equipe gritando ordens. Era o Projeto Amurada, uma obra pública recentemente iniciada pelo novo governo. Os governos, aqui, entram e saem muito depressa, é quase impossível acompanhar as mudanças. Era a primeira vez que ouvia falar naquele empreendimento e, quando perguntei a alguém o objetivo da amurada, ele me respondeu que se tratava de uma proteção para caso de guerra. A ameaça de uma invasão estrangeira estava crescendo e era nosso dever de cidadão defender a pátria. Graças aos esforços do grande Fulano de Tal — sei lá qual era o nome do novo líder —, o entulho dos prédios desabados estava sendo, agora, recolhido e aproveitado na defesa, e o projeto haveria de dar trabalho a milhares de pessoas. Que tipo de pagamento estavam oferecendo?, perguntei. Nada de dinheiro, foi a resposta, mas um lugar para morar e uma refeição quente por dia. Eu estava interessada em me inscrever? Não, obrigada, respondi, tinha outras coisas que fazer. Bem, acrescentou ele, eu teria muito tempo para mudar de ideia. O governo estimava que demoraria pelo menos cinquenta anos para concluir a muralha. Ótimo, disse eu, mas, durante todo aquele tempo, como se faria para sair dali? Oh, não, replicou ele sacudindo a cabeça, aquilo era impossível. Os navios já não estavam autorizados a aportar na

cidade — e, se nenhum navio chegava, nenhum navio poderia partir. E de avião?, perguntei. “Que é um avião?”, surpreendeu-se ele, sorrindo de maneira confusa, como se eu tivesse contado uma piada incompreensível. “Um avião”, disse eu, “um aparelho que voa no ar e leva passageiros de um lugar a outro.” Aquilo era ridículo, atalhou ele, fitando-me com desconfiança. Não existia nada assim. Era impossível. “Você não se lembra?”, insisti. “Não sei de que está falando”, disse ele. “Você vai acabar tendo problemas se continuar a divulgar esse tipo de absurdo. O governo não gosta que inventem histórias. Não é bom para o moral.”

Está vendo com o que a gente tem de se confrontar aqui? Não é só que as coisas desapareçam, mas, uma vez desaparecidas, esfuma-se também a lembrança delas. Formam-se zonas escuras no cérebro, e, a menos que você faça um esforço constante para guardá-lo na memória, o que se perdeu em breve terá desaparecido para você. Para sempre. Não sou mais imune que os outros a essa doença e, sem dúvida, há muitos desses vazios em mim. Algo desaparece e, se você passar muito tempo sem pensar nele, nada haverá de trazê-lo de volta. Recordar não é um ato de vontade, afinal. É algo que ocorre a despeito de nós, e, quando há muita coisa mudando ao mesmo tempo, o cérebro vacila e os objetos lhe escapam. Às vezes, quando me vejo tateando em busca de um pensamento que fugiu, começo a evocar os velhos tempos aí, a me lembrar de quando eu era menina e toda a família viajava de trem para o norte, nas férias de verão. William, meu irmão mais velho, sempre deixava para mim o assento da janela e, a maior parte do tempo, eu não falava com ninguém, viajava com o rosto comprimido na vidraça, contemplando a paisagem, estudando o céu, as árvores e a água, enquanto o trem percorria os campos. Achava tudo tão bonito, tão mais bonito que as coisas da cidade, e, todos os anos, dizia para mim mesma: “Arma, você nunca viu nada mais lindo. Tente se lembrar disso, tente memorizar as belas coisas que está vendo, para que fiquem para sempre com você, mesmo quando já não as possa ver”. Não creio que tenha olhado para o mundo com mais interesse que naquelas viagens ao norte. Queria que tudo me pertencesse, que tudo se tornasse parte de meu ser, e recordo que tentava guardar aquela beleza na memória, armazená-la para depois, quando me fosse real mente necessária. O diabo é que não consegui. Tentava tanto, mas, de um modo ou de outro, sempre acabava me esquecendo e, por fim, só conseguia me lembrar do quanto tentara me lembrar. As coisas passavam muito depressa e, mal as via, já se haviam escapado, substituídas por outras que também desapareciam antes mesmo que chegasse a vê-las. Tudo o que me resta é uma névoa, uma clara e bela névoa. Mas as árvores, o céu e a água, tudo desapareceu. Sempre desapareciam antes mesmo que as pudesse reter na lembrança. De nada serve contrariar-se, todos estamos sujeitos a esquecer-nos, mesmo sob as mais favoráveis condições. Num lugar como este, onde é tanto o que, de fato, desaparece do mundo físico, você pode imaginar

quanta coisa acaba sendo esquecida o tempo todo. Enfim, o problema não é tanto que as pessoas se esqueçam, mas que nem sempre se esquecem da mesma coisa. O que ainda existe como recordação para uma pessoa pode estar irreparavelmente perdido para outra, e isto cria dificuldades, barreiras insuperáveis ao entendimento. Como você pode conversar com alguém sobre aviões, por exemplo, se essa pessoa não sabe o que é um avião? É um vagaroso mas inelutável processo de esmorecimento. As palavras tendem a durar um pouco mais que as coisas, porém, também se esvanecem com a imagem que outrora evocavam. Categorias inteiras de objetos desaparecem — vasos de flores, por exemplo, ou filtros de cigarro ou elásticos — e, durante algum tempo, você continua capaz de reconhecer tais palavras, mesmo que já não possa saber o que significam. Depois, no entanto, pouco a pouco, elas passam a ser apenas sons, uma arbitrária coleção de palatais e fricativas, um turbilhão de fonemas que, finalmente, se torna ininteligível. A palavra “vaso”, para você, já não faz mais sentido que a palavra “esplandigo”. Você pode ouvi-la, mas sua mente a registrará como algo incompreensível, pertencente a um idioma desconhecido. À medida que esses vocábulos estrangeiros se fazem presentes, a conversa vai se tornando mais laboriosa. Com efeito, cada pessoa passa a falar sua linguagem particular e, com a diminuição do entendimento mútuo, torna-se mais difícil qualquer comunicação.

Tive de renunciar à ideia de regressar. Dentre tudo o que me aconteceu, creio que foi isto o mais difícil de admitir. Até então, vinha me enganando com a ideia de poder voltar para aí quando quisesse. Mas, com a construção da muralha, com tanta gente mobilizada para impedir minha partida, aquela ilusão reconfortante se desfez em pedaços. Primeiro, morrera Isabel; depois, eu perdera o apartamento; meu único consolo era a ideia de voltar, e, agora, também ela me fora arrebatada. Pela primeira vez desde que chegara me entreguei ao pessimismo.

Pensei em fugir na direção oposta. A Muralha do Violinista no extremo ocidental da cidade, e eu supunha que bastava uma autorização de viagem para atravessá-la. Para mim, qualquer lugar, por desconhecido que fosse, devia ser melhor que aquele, mas, depois de percorrer as diversas repartições públicas, enfrentando filas diárias, sem conseguir senão que me mandassem levar a solicitação a outra repartição, fui finalmente informada de que o preço de uma autorização de viagem subira a duzentos glotes. Eu não estava disposta a gastar a maior parte de minhas economias de uma vez. Ouvira falar numa organização clandestina que retirava as pessoas da cidade por um décimo daquele preço, mas muitos eram da opinião de que se tratava de uma cilada, um conto do vigário aplicado pelo próprio governo. Diziam que havia policiais postados na extremidade do túnel, de modo que, quando você acabava de percorrê-lo, era agarrado e preso, e, então, imediatamente enviado a um dos campos de trabalho forçado na região mineira do sul. Eu não tinha como saber se esse boato era

verdadeiro ou falso, e não valia a pena tentar verificá-lo. Com a chegada do inverno, tive de desistir. Qualquer plano de fuga precisaria esperar até a primavera, supondo, naturalmente, que eu conseguisse sobreviver até lá. Dadas as circunstâncias, contudo, nada parecia mais incerto.

Foi o pior inverno de que posso me lembrar — o Terrível Inverno, como passou a ser chamado — e mesmo agora, anos depois, ele permanece como um momento crucial na história da cidade, uma linha divisória entre dois períodos.

O frio durou cinco ou seis meses. De vez em quando, havia um breve degelo, mas aqueles curtos brotes de calor só faziam aumentar as dificuldades. Nevava durante uma semana — imensas e cegadoras tempestades que mergulhavam a cidade na brancura —, a seguir, saía o sol que brilhava fugazmente com uma intensidade de verão. A neve derretia de modo que, no calor da tarde, a cidade acabava inundada. As ruas se cobriam de águas agitadas e, em toda parte, a gente via alucinados reflexos de luz, como se o mundo inteiro tivesse se transformado num gigantesco cristal em dissolução. Depois, repentinamente, o céu escurecia, a noite caía e a temperatura voltava a descer abaixo de zero, congelando a água tão bruscamente que o gelo se formava nas mais insólitas configurações: bolhas, estrias, espirais, vagas inteiras surpreendidas em semiondulação, uma espécie de furor geológico em miniatura. De manhã, é claro, tornava-se quase impossível caminhar — as pessoas escorregavam e se chocavam, partiam os crânios no gelo, os corpos tombavam pesada e inexoravelmente nas duras superfícies lisas. Logo começava a nevar novamente, e o ciclo se renovava. O inverno durou meses e, ao terminar, deixou milhares de mortos. Para os desabrigados, a sobrevivência era impossível, e mesmo os que tinham casa e boa alimentação sofreram numerosas perdas. As velhas construções ruíam sob o peso da neve, esmagando famílias inteiras. O frio enlouquecia a gente; afinal, passar o dia num apartamento desprovido de aquecimento não era muito melhor que ficar do lado de fora. As pessoas chegavam a destruir e queimar os móveis para obter um pouco de calor e, muitas vezes, tais fogueiras escapavam ao controle. Quase diariamente destruíam-se prédios, por vezes quarteirões e bairros inteiros. Sempre que irrompiam incêndios, um vasto número de flagelados se reunia em suas proximidades e ali permanecia enquanto o edifício ardia, aproveitando o calor e aplaudindo as chamas que se erguiam ao céu. Todas as árvores da cidade foram derrubadas e usadas como combustível durante aquele inverno. Todos os animais domésticos desapareceram; todos os pássaros foram abatidos. A escassez de alimento se tornou tão drástica que a construção da muralha foi suspensa — apenas seis meses após seu início — para que todos os policiais pudessem ser empregados na proteção dos embarques de mercadoria rumo aos mercados municipais. Mesmo assim, houve saques que provocaram novas mortes, novos

ferimentos, novos desastres. Ninguém sabe quantas pessoas morreram durante aquele inverno, mas cheguei a ouvir estimativas que se elevavam a um terço ou um quarto da população.

Em todo caso, minha sorte não me abandonou. No fim de novembro, quase fui presa durante um saque no Bulevar Ptolomeu. Naquele dia, como de costume, formara-se uma fila interminável e, depois de ter esperado mais de duas horas no frio terrível sem conseguir avançar, dois homens começaram a insultar um policial. Este sacou o cassetete e veio em nossa direção disposto a bater em quem se interpusesse em seu caminho. A polícia costuma espancar primeiro e depois fazer perguntas; eu sabia que não teria chance de me defender. Sem parar para pensar, saí da fila e me pus a correr o mais depressa possível. Momentaneamente confuso, o guarda deu dois ou três passos em minha direção, mas logo desistiu, pois queria manter a atenção fixada na multidão. O melhor era ficar longe dele. Continuei correndo e, ao chegar à esquina, ouvi o irromper da turba atrás de mim num medonho e hostil clamor. Fiquei em pânico, pois sabia que em poucos minutos toda a região estaria ocupada por um novo contingente da polícia de choque. Continuei correndo a toda velocidade, vencendo uma rua após a outra, com medo até de olhar para trás. Finalmente, uns quinze minutos depois, estava passando em frente a uma grande construção de pedras. Não sabia se estavam me perseguindo ou não, porém, naquele momento, vendo que uma porta se abria alguns metros a minha frente, entrei precipitadamente. Um homem magro, pálido, de óculos, que estava parado no batente, pronto para sair, ficou horrorizado ao ver-me passar. O lugar devia ser um escritório ou algo parecido: uma salinha com três ou quatro escrivaninhas e um amontoado de papéis e livros.

— Não pode entrar — disse ele com impaciência. — Aqui é a biblioteca.

— Mesmo que fosse a mansão do próprio governador — respondi voltando-me, ao mesmo tempo que tentava recuperar o fôlego. — Agora que já entrei, ninguém vai me fazer sair.

— Vou ter de dar parte — ameaçou ele com voz arrogante e afetada. — Você não pode se meter aqui desse jeito. Ninguém tem direito de entrar na biblioteca sem autorização.

Seus modos de pantarrão me aturdiam demais para que eu pudesse saber o que responder. Estava cansada, esgotada e, em vez de discutir, empurrei-o com força. Foi ridículo, mas não consegui me conter. Seus óculos voaram quando ele caiu ao chão e, por um momento, senti-me tentada a esmagá-los com os pés.

— Denuncie-me se quiser — gritei. — Mas não vou sair daqui, a menos que me arrastem à força.

E, sem esperar que se levantasse, dei-lhe as costas e passei correndo pela porta que se abria na outra extremidade da sala.

Penetrei num amplo saguão, um salão gigantesco, impressionante, com um alto teto em forma de cúpula e piso de mármore. O súbito contraste entre o pequeno escritório e aquele espaço enorme me deixou admirada. Meus passos ecoavam, era quase como se eu pudesse ouvir o eco de minha própria respiração nas paredes. Aqui e ali, grupos de pessoas andavam de um lado para o outro, falando em voz baixa, evidentemente absortas em suas conversas. Alguns rostos se voltaram para mim quando entrei, mas apenas por reflexo: um momento depois já haviam me esquecido. Passei por aquelas pessoas tão calma e discretamente quanto pude, olhando para o chão, fingindo saber aonde ia. Trinta ou quarenta metros mais adiante, encontrei uma escada e comecei a subir.

Era a primeira vez que entrava na Biblioteca Nacional. Tratava-se de um edifício esplêndido, com retratos de governadores e generais nas paredes, fileiras de pilares itálicos e revestimentos de mármore. Era um dos edifícios mais importantes da cidade. Como ocorria com tudo, no entanto, seus melhores dias já eram coisa do passado. Parte do teto do segundo andar ruíra, alguns pilares haviam tombado espedaçando-se, viam-se livros e papéis espalhados por toda parte. Os grupos de pessoas, homens em sua maioria, continuavam andando por ali, mas ninguém me dava atenção. Do outro lado dos arquivos de fichas catalográficas, avistei uma porta forrada de couro verde que dava para uma escada. Subi ao andar superior, entrando num longo corredor de teto baixo, com numerosas portas de ambos os lados. Não havia ninguém ali e, como não vinha ruído algum do outro lado, imaginei que os quartos estivessem vazios. Tentei abrir a primeira porta, à direita, mas estava trancada. Também a segunda estava trancada. A terceira, no entanto, contrariando minhas expectativas, se abriu. Do lado de dentro havia cinco ou seis homens que, sentados ao redor de uma mesa de madeira, conversavam em voz animada e urgente. O quarto praticamente sem mobília não tinha janela, a pintura amarelada das paredes estava descascando e do teto gotejava água. Todos eles tinham barba, estavam vestidos de preto e usavam chapéus. Fiquei tão estarrecida ao vê-los que, sem poder reprimir um leve gemido, tratei de fechar a porta. Todavia, o mais velho dos homens à mesa se voltou e me dirigiu um sorriso maravilhoso, um sorriso acolhedor e gentil que me fez hesitar.

— Podemos ser-lhe útil? — perguntou.

Falava com forte sotaque (o “r” era gutural e o “l” bastante carregado), mas eu não saberia dizer de que país era. “Podemos serrar-lhe útilill.” Então eu o mirei nos olhos e, reconhecendo nele algo de familiar, estremeci.

— Pensei que todos os judeus estivessem mortos — murmurei.

— Sobraram alguns — sorriu ele novamente. — Não é tão fácil livrar-se de nós, sabe?

— Também sou judia — confessei abruptamente. — Meu nome é Anna Blume, sou de um país muito distante. Faz agora um ano que estou na cidade

procurando meu irmão. Não creio que o conheçam. Chama-se William. William Blume.

— Não, meu bem — ele sacudiu a cabeça. — Não conheço seu irmão. — Voltando-se para os colegas à mesa, fez-lhes a mesma pergunta, mas ninguém sabia quem era William.

— Já faz muito tempo — murmurei. — Tenho certeza de que morreu, a não ser que tenha conseguido fugir.

— É bem possível — concordou o rabino gentilmente. — Foram tantos os que morreram, você sabe. É melhor não esperar milagres.

— Não acredito mais em Deus, se é isso o que está querendo dizer — repliquei. — Abandonei tudo isso quando era menina.

— É difícil não fazê-lo — admitiu o rabino. — Em face das evidências, há uma boa razão para que tanta gente pense como você.

— Por acaso está querendo dizer que o *senhor* acredita em Deus?

— Falamos com Ele. Se somos ouvidos ou não é outra coisa.

— Minha amiga Isabel acreditava em Deus — contei. — Morreu também. Vendi sua Bíblia por sete glotes ao senhor Gambino, o agente de ressurreição. Horrível, não?

— Não necessariamente. Afinal, há coisas mais importantes que livros. A comida vem antes da oração.

Era estranho o que estava acontecendo comigo na presença daquele homem, porém, quanto mais falava com ele mais me sentia criança, era como se ele me devolvesse àqueles tempos obscuros em que ainda acreditava no que diziam meus pais e meus professores. Não sei bem explicar, o fato é que me sentia segura em sua companhia, sabia que se tratava de alguém em quem podia confiar. Quase inconscientemente, pus a mão no bolso e tirei a fotografia de Samuel Farr.

— Também estou procurando este homem — disse. — Chama-se Samuel Farr, e é bem possível que saiba o que aconteceu a meu irmão.

Tendo examinado o retrato durante algum tempo, o rabino sacudiu a cabeça dizendo não conhecê-lo. Já estava começando a me sentir decepcionada quando, na outra extremidade da mesa, um homem falou. Era o mais jovem ali, e sua barba avermelhada era mais rala e hirsuta que a dos outros.

— Rabino. — disse timidamente. — Posso dizer uma coisa?

— Você não precisa de autorização, Isaac. Pode dizer o que quiser.

— É claro que não tenho certeza, mas acho que sei quem é essa pessoa — afirmou o jovem. — Pelo menos conheço alguém com esse nome. Pode não ser a pessoa que a moça está procurando, o nome, em todo caso, me é familiar.

— Então dê uma olhada na fotografia — disse o rabino empurrando o retrato em sua direção.

Isaac o examinou, mas a expressão de seu rosto ficou tão sombria, tão desprovida de resposta, que me fez perder imediatamente a esperança.

— Parece-se muito pouco com ele — disse finalmente —, mas, agora que pude examiná-lo, não tenho dúvida de que se trata da mesma pessoa. — Seu rosto pálido e tímido se iluminou com um sorriso. — Conversamos várias vezes, é um homem inteligente mas extremamente amargo. Discordamos em quase tudo.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Antes que pudesse pronunciar uma palavra, o rabino perguntou:

— Onde ele pode ser encontrado, Isaac?

— O senhor Farr não está longe — respondeu o jovem. — Mora aqui na biblioteca.

— É verdade?! — exclamei finalmente. — É mesmo verdade?

— Claro que sim. Posso levá-la até ele agora mesmo se quiser. — Hesitando, voltou-se para o rabino. — Supondo que tenha sua autorização.

O velho, contudo, parecia um tanto preocupado.

— Esse homem está vinculado a alguma das academias?

— Que eu saiba não — respondeu Isaac. — Creio que é independente. Disse-me que trabalha para um jornal.

— É verdade — confirmei. — É isso mesmo. Samuel Farr é jornalista.

— E que está fazendo agora? — quis saber o rabino, alheio a minha interrupção.

— Está escrevendo um livro. Não sei sobre o quê, mas acho que tem a ver com a cidade. Conversamos algumas vezes no saguão principal, lá em baixo. Faz perguntas perspicazes.

— É simpatizante?

— É neutro, nem a favor nem contra. É um homem atormentado, mas absolutamente leal, sem vínculo algum.

— Você sabe que temos muitos inimigos — explicou o rabino. — Nossa licença está ameaçada, pois já não temos pleno status acadêmico, e eu preciso proceder com muito cuidado.

Fiz que sim com a cabeça, tentando agir como se soubesse do que ele estava falando.

— Mas, nestas circunstâncias, não vejo mal algum em que Isaac lhe mostre onde mora o homem.

— Obrigada, rabino — respondi. — Estou muito agradecida.

— Isaac a acompanhará até a porta, mas não quero que vá mais além. Está claro, Isaac? — perguntou, olhando para o discípulo com um ar de calma autoridade.

— Sim, rabino — respondeu Isaac.

Levantando-se, o velho me apertou a mão.

— Venha visitar-me qualquer dia, Anna — despediu-se, parecendo subitamente mais velho e fatigado. — Quero saber o resultado de tudo.

— Eu virei. Prometo.

A sala ficava no nono andar, o último do edifício. Isaac se afastou precipitadamente no momento em que ali chegamos, desculpando-se com murmúrios mal articulados por não poder ficar, e, assim, de repente, vi-me sozinha outra vez, num corredor escuro feito breu, com uma pequena vela acesa na mão esquerda. Uma das leis da cidade determina que a gente nunca bata numa porta, a menos que saiba o que há do lado de dentro. Teria eu seguido aquele caminho apenas para que alguma nova calamidade me assolasse? Samuel Farr não passava de um nome para mim, um símbolo de impossíveis anseios e esperanças absurdas. Eu o mantivera como um estímulo que me fazia prosseguir, mas, agora que finalmente chegara a sua porta, sentia-me aterrorizada. Se a vela não estivesse se consumindo rapidamente, eu nunca teria conseguido reunir coragem para bater.

Uma voz rude e hostil gritou do lado de dentro:

— Vá embora.

— Estou procurando Samuel Farr. Ele está aí?

— Quem é? — perguntou a voz.

— Anna Blume.

— Não conheço nenhuma Anna Blume — disse a voz. — Dê o fora.

— Sou irmã de William Blume — insisti. — Há um ano que venho tentando encontrá-lo. Não pode me mandar embora agora. Ficarei batendo até que abra a porta.

Ouvi o ruído de uma cadeira que se arrastava no assoalho e, a seguir, passos que se aproximavam. O trinco estalou e a porta se abriu, inundando-me subitamente de luz, um poderoso caudal de raios de sol que, penetrando pela janela do quarto, se derramava no corredor. Minha vista demorou alguns momentos a se adaptar. Quando finalmente consegui distinguir quem estava diante de mim, a primeira coisa que vi foi uma arma diretamente apontada para meu estômago. Era Samuel Farr, sem dúvida, mas não se parecia com o da fotografia. O jovem robusto do retrato se transformara numa figura magra e barbuda, com escuras olheiras, de cujo corpo emanava uma nervosa e imprevisível energia que lhe dava a aparência de alguém que não dormia havia um mês.

— Como posso saber que você é quem diz ser? — indagou.

— Porque o estou dizendo. Porque você seria um idiota se não acreditasse em mim.

— Preciso de uma prova. Não a deixarei entrar se não me der uma prova.

— Você só precisa me ouvir falar. Meu sotaque é igual ao seu. Somos do

mesmo país, da mesma cidade. Provavelmente fomos criados no mesmo bairro.

— Qualquer um pode imitar um sotaque. Quero mais do que isso.

— Que tal? — disse eu tirando a fotografia do bolso do casaco.

Ele a examinou durante dez ou vinte segundos sem pronunciar uma palavra, e, pouco a pouco, todo seu corpo começou a se encolher, a mergulhar em si mesmo. Quando voltou a olhar para mim, notei que a arma pendia a um lado.

— Bem... está bem — disse ele em voz baixa, num quase sussurro —, onde foi que a conseguiu?

— Bogat. Entregou-me a foto quando eu ia viajar.

— Sou eu — disse ele. — Eu era assim.

— Eu sei.

— Difícil de acreditar, não?

— Nem tanto. Precisa levar em conta há quanto tempo já está aqui.

Por um momento, ele pareceu perdido em pensamentos. Quando tornou a olhar para mim, foi como se não estivesse me reconhecendo.

— Quem é você mesmo? — sorriu desculpando-se, e eu notei que lhe faltavam três ou quatro dos dentes de baixo.

— Anna Blume, irmã de William Blume.

— Blume...

— Isso mesmo.

— Acho que você quer entrar, não quer?

— Quero. É para isso que estou aqui. Temos muito que conversar.

Era um quarto minúsculo, embora pudesse acolher duas pessoas. Um colchão no chão, uma escrivaninha e uma cadeira junto à janela, um fogão a lenha, muitos livros e papéis empilhados perto da parede, roupas numa caixa de papelão. Lembrava um quarto de república de estudantes — não muito diferente do que você ocupava na universidade quando fui visitá-lo. O teto baixo se inclinava tão bruscamente que era preciso curvar-se para chegar à extremidade da sala. A janela que se abria naquela parede era, contudo, extraordinária — muito bonita e com forma de leque, tomava quase toda a superfície. Feita de grossas vidraças segmentadas e separadas por finas barras de chumbo, formava um motivo tão intrincado quanto a asa de uma borboleta. Podiam se ver quilômetros por ela, toda a extensão até a Muralha do Violinista e mais além.

Com um gesto, Sam mandou que me sentasse na cama e, acomodando-se na cadeira, girou-a em minha direção. Desculpou-se por ter apontado a arma para mim, porém explicou que sua situação era precária, não podia se arriscar. Fazia, agora, mais de um ano que estava morando na biblioteca, e corriam boatos segundo os quais tinha muito dinheiro escondido ali.

— A julgar pelas aparências, nunca teria imaginado que você fosse rico.

— Não gasto o dinheiro comigo. É para o livro que estou escrevendo. Pago para que as pessoas venham conversar comigo. Tanto por entrevista, dependendo

do tempo que dure. Um glote pela primeira hora, meio glote pelas adicionais. Já transcrevi centenas de histórias, uma após outra. Não concebo outro modo de fazê-lo. O livro é tão grande, compreende?, uma só pessoa não conseguiria contar tudo.

Sam fora enviado por Bogat à cidade e, mesmo agora, ainda não era capaz de dizer o que o levava a aceitar a missão.

— Todos sabíamos que algo terrível acontecera a seu irmão — disse. — Fazia mais de seis meses que não tínhamos notícias dele, e quem seguisse sua pista arriscava cair no mesmo buraco. Isto, naturalmente, não incomodava Bogat. Chamou-me a seu escritório certa manhã e disse: “Esta é a oportunidade pela qual você estava esperando, meu jovem. Vou mandá-lo para lá a fim de substituir Blume”. Minhas instruções eram claras: escrever reportagens, descobrir o que acontecera a William, ficar vivo. Três dias depois, organizaram uma festa de despedida, com champanhe e charutos. Bogat fez um brinde e todos beberam a minha saúde, apertaram-me a mão e deram palmadinhas em minhas costas. Eu me sentia como se estivesse assistindo a meu próprio enterro. Em todo caso, não tinha três filhos e um tanque cheio de peixinhos dourados esperando-me em casa como Willoughby. Por mais que se possa falar dele, o chefe é um homem sensível. Nunca o condenei por me haver escolhido. O fato é que eu, provavelmente, queria vir. Do contrário, teria sido fácil demitir-me. Foi assim que comecei. Fiz as malas, apontei os lápis e me despedi. Faz mais de um ano e meio. Nem preciso dizer que jamais mandei uma reportagem e que nunca encontrei William. De qualquer modo, tudo indica que consegui ficar vivo, se bem que eu não seria capaz de apostar quanto tempo isto ainda vai durar.

— Esperava que você pudesse me contar alguma coisa mais definida sobre William — eu disse. — De um modo ou de outro.

Sam sacudiu a cabeça.

— Nada há de definido aqui. Considerando as possibilidades, você até devia se alegrar por isso.

— Não vou perder as esperanças. Não enquanto não tiver certeza.

— É seu direito. Mas acho mais prudente esperar pelo pior.

— Foi o que me disse o rabino.

— É o que lhe diria qualquer pessoa sensata.

Sam falava com voz nervosa, saltando de um assunto a outro, de modo que me era difícil acompanhá-lo. Tinha a sensação de que ele estava à beira de um colapso, de que, havendo-se desgastado brutalmente, mal podia se manter de pé. Disse que acumulara mais de três mil páginas de anotações. Se continuasse trabalhando naquele ritmo, achava que poderia terminar o trabalho preliminar no livro em cinco ou seis meses. O problema era que o dinheiro estava acabando e tudo parecia ter-se voltado contra ele. Já não podia financiar as entrevistas e, ante aquela perigosa escassez de recursos, passara, ultimamente, a comer apenas de

vez em quando. Aquilo piorava ainda mais as coisas, naturalmente. As forças se lhe estavam esvaindo a tal ponto que, em certas ocasiões, não conseguia distinguir as palavras que estava escrevendo. Por vezes, disse-me, adormecia à mesa de trabalho sem sequer dar-se conta.

— Você vai acabar se matando antes de terminar o livro — comentei. — E de que lhe servirá isso? É melhor parar de escrever e tratar de se cuidar.

— Não posso parar. O livro é a única coisa que me mantém vivo. Impede que eu comece a pensar em mim mesmo e me deixe absorver por minha própria vida. Se parasse de trabalhar nele eu estaria perdido. Não creio que chegasse a sobreviver um único dia.

— Ninguém vai ler esse maldito livro — disse eu com raiva. — Será que você não entende? Pouco importa quantas páginas escreva, ninguém vai vê-las.

— Ai é que você é enganada. Vou levar os manuscritos comigo a nossa terra. O livro será publicado e todos hão de saber o que se passa aqui.

— Você não sabe o que está dizendo. Não ouviu falar no Projeto Amurada? Já não é possível sair daqui. Nunca mais.

— Sei da Amurada. Mas aquele é apenas um dos lugares. Há outros, creia. Seguindo pela costa, para o norte. Ou pelo oeste, através dos territórios abandonados. Quando chegar a ocasião eu estarei preparado.

— Não vai conseguir viver tanto tempo. Quando o inverno terminar, você não estará preparado para mais nada.

— Algo há de mudar. Do contrário... Bem, do contrário nada terá importância para mim.

— Quanto dinheiro tem guardado?

— Não sei. Algo entre trinta e trinta e cinco glotes, imagino.

Espantou-me a insignificância da quantia. Mesmo que tomasse o maior cuidado, limitando-se a gastar só quando fosse absolutamente necessário, trinta glotes não durariam mais que três ou quatro meses. Compreendi subitamente o quanto era precária a situação de Sam. Estava caminhando diretamente para a morte e nem sequer o notava.

Naquele momento, as palavras começaram a jorrar de minha boca. Não tive noção de seu significado até que passei a ouvi-las eu mesma, mas então já era tarde demais.

— Tenho algum dinheiro — confessei. — Embora não seja muito, é bem mais do que o que você possui.

— Sorte sua.

— Você não está compreendendo — insisti. — Se estou dizendo que tenho dinheiro é porque estou disposta a dividi-lo com você.

— Dividi-lo? Por que, diabos, o faria?

— Para que sobrevivamos — respondi. — Preciso de um lugar onde morar e você precisa de dinheiro. Se juntarmos nossos recursos, poderemos ter uma

chance de sobreviver até o fim do inverno. Do contrário, morreremos ambos. Não creio que haja dúvidas quanto a isso. Morreremos, e é uma estupidez morrer quando é possível evitá-lo.

A aspereza de minhas palavras nos chocou a ambos e, durante algum tempo, nenhum de nós voltou a falar. Era tudo tão violento, tão despropositado, mas, de um modo ou de outro, eu conseguira dizer a verdade. Meu primeiro impulso foi o de pedir desculpas, contudo as palavras ainda pairavam entre nós, continuavam a fazer sentido, e me impediam de voltar atrás. Creio que ambos entendemos o que estava acontecendo, muito embora isso não tornasse mais fácil pronunciar a palavra seguinte. Em tais situações, sabe-se que as pessoas, na cidade, costumam se matar. É comum cometerem-se assassinatos por um quarto ou um punhado de dinheiro. Talvez o que nos tenha impedido de nos matarmos tenha sido o fato de não sermos daqui. Não éramos da cidade. Fomos criados noutra lugar e isso, quem sabe, nos dava a impressão de já nos conhecermos um pouco. Não tenho muita certeza. O acaso nos reunira de um modo quase impessoal, fazendo com que nosso encontro tivesse uma lógica própria, uma força que não dependia de nós. Eu fizera uma rude proposta que impunha, abruptamente, uma intimidade, e Sam não dissera uma palavra. Para mim, aquele mero silêncio já era extraordinário, e quanto mais perdurava mais parecia validar o que eu dissera. Quando ele enfim se rompeu, já não havia o que discutir.

— Isto aqui é muito apertado — disse Sam, correndo os olhos pelo minúsculo quarto. — Onde pretende dormir?

— Não importa — respondi. — Daremos um jeito.

— William falava de você às vezes — disse ele, mostrando os leves vestígios de um sorriso nos cantos da boca. — Chegou até a me prevenir: “Cuidado com minha irmã caçula”, dizia, “ela é terrível”. Será verdade, Anna Blume, você é mesmo terrível?

— Sei o que está pensando — respondi. — Mas não precisa se preocupar. Não vou atrapalhar. Afinal, não sou tola. Sei ler e escrever. Sei pensar. O livro ficará pronto muito mais depressa comigo aqui.

— Não estou preocupado, Anna Blume. Você entra aqui vinda do frio, atira-se em minha cama e propõe me tornar um homem rico; como pode esperar que me preocupe?

— Não exagerar. Eu possuo menos de trezentos glotes. Não chega sequer a duzentos e setenta e cinco.

— Foi o que eu disse: um homem rico.

— Se você acha...

— Acho. E também acho o seguinte: foi muita sorte a nossa que a arma não estivesse carregada.

Foi assim que sobrevivi ao Terrível Inverno. Fiquei morando na biblioteca com

Sam e, nos seis meses seguintes, aquele quartinho passou a ser o centro de minha vida. Você não há de ficar chocado em saber que acabamos dormindo na mesma cama. Era preciso ser de pedra para resistir à tentação e, quando finalmente aconteceu, na terceira ou quarta noite, ambos nos sentimos tolos por ter esperado tanto tempo. Não passou de prazer físico a princípio, um alucinado entrelaçar-se e emaranhar-se de membros, uma erupção de desejos contidos. Foi enorme a sensação de alívio e, durante os dias que se seguiram, buscamos-nos até a exaustão. Depois, o ritmo diminuiu, como era de se esperar, e, pouco a pouco, nas semanas seguintes, acabamos realmente apaixonados. Não me refiro à ternura ou ao conforto de uma vida a dois. Ficamos profunda e irremediavelmente apaixonados e, por fim, era como se fôssemos casados, como se nunca houvésemos de nos separar.

Aqueles foram os melhores dias para mim. Não apenas aqui, compreende?, mas em toda parte, os melhores dias de minha vida. É estranho que me tivesse sentido tão feliz durante aqueles tempos terríveis, mas viver com Sam tornava tudo diferente. Aparentemente, as coisas não mudaram muito. A luta continuava a mesma, os problemas de sempre tinham de ser enfrentados diariamente, porém, agora, eu contava com a possibilidade de ter esperança e começava a acreditar que, cedo ou tarde, as dificuldades terminariam. Sam sabia mais sobre a cidade que qualquer pessoa conhecida. Era capaz de fazer a relação de todos os governos dos últimos dez anos; era capaz de dizer os nomes dos governadores, dos presidentes da Câmara Municipal e dos inúmeros funcionários; era capaz de contar a história dos que levantavam barreiras, de explicar como foram construídas as usinas elétricas, de fazer relatos detalhados até sobre as mais insignificantes seitas. O que me convenceu foi o fato de ele saber tanto e, mesmo assim, continuar tendo confiança em nossas possibilidades de irmos embora. Sam não costumava distorcer os fatos. Era jornalista, afinal, e se habituara a ver o mundo com ceticismo. Nada de ideias influenciadas pelo desejo, nada de suposições vagas. Se dizia que nos era possível voltar a nossa terra era porque sabia disso.

Em geral, Sam dificilmente se deixava levar pelo otimismo, dificilmente passava pelo que você poderia chamar de uma pessoa indolente. Nele havia uma espécie de fúria constante e, mesmo dormindo, parecia atormentado, debatia-se sob os cobertores como se, em sonhos, estivesse lutando com alguém. Estava com mau aspecto quando mudei para lá, mal nutrido, tossindo muito, e demorou mais de um mês para que se restabelecesse e adquirisse uma aparência saudável. Até então, eu me encarreguei de todo o serviço. Ia comprar comida, me incumbia de jogar fora o lixo e os dejetos, cozinhava e arrumava o quarto. Mais tarde, tendo recuperado as forças para enfrentar o inverno, Sam passou a sair de manhã a fim de executar aquelas tarefas, sempre insistindo para que eu ficasse na cama e dormisse mais um pouco. Era extremamente gentil — sim,

era — e me amava de fato, muito mais do que eu esperava poder ser amada. Os ataques de angústia que o separavam de mim às vezes não passavam de um problema íntimo. O livro continuava a ser uma obsessão à qual ele tendia a se dedicar excessivamente, trabalhando mais do que o tolerável. Confrontado com a necessidade imperiosa de organizar o volumoso material coletado e transformá-lo em algo coerente, ele costumava perder, subitamente, a confiança no projeto. Em tais ocasiões, dizia que não valia a pena estar às voltas com aquele monte de papéis, tentando dizer coisas que não podiam ser ditas; e mergulhava numa depressão que chegava a durar três dias. Esses estados sombrios eram invariavelmente seguidos de períodos de extrema ternura. Comprava-me pequenos presentes, então — uma maçã por exemplo, ou uma fita de cabelo, ou uma barra de chocolate. Provavelmente fazia mal em gastar dinheiro à toa, mas era difícil não me deixar comover por aqueles gestos. Eu é que sempre bancava a prática, a dona de casa sensata que economizava e ralhava, mas, quando Sam aparecia com alguma daquelas extravagâncias, sentia-me dominada, inundada de satisfação. Eu nada podia fazer. Precisava saber que ele me amava e, mesmo consciente de que nosso dinheiro haveria de acabar um pouco mais cedo, estava disposta a pagar aquele preço.

Ambos desenvolvemos uma paixão por cigarros. O fumo, além de extremamente caro, é difícil de se obter aqui, mas Sam fizera uma série de contatos com o mercado negro durante as pesquisas para o livro, e, frequentemente, conseguia maços de vinte unidades por apenas um glote ou um e meio. Estou falando de cigarros de verdade, dos antigos, daqueles que são produzidos em fábricas e vêm em maços coloridos, com celofane e tudo. Os que Sam comprava haviam sido roubados dos vários navios caritativos que aportavam na cidade antigamente, e suas marcas vinham geralmente impressas em idiomas ilegíveis para nós. Costumávamos fumá-los depois do anoitecer, deitados na cama e olhando pela enorme janela em forma de leque, contemplando o céu em suas agitações, as nuvens que deslizavam ante o luar, as pequeninas estrelas, a ventania que se despejava das alturas. Expeliâmos a fumaça pela boca e a víamos flutuar no quarto, projetando sombras na parede que se diluíam na medida em que elas se formavam. Havia uma linda brevidade naquilo tudo, a sensação de que o destino estava nos arrastando consigo para os mais desconhecidos recantos do esquecimento. Nessas ocasiões, era frequente falarmos de nossa terra, evocando tantas lembranças quantas possíveis, resgatando as mais insignificantes e específicas imagens, numa espécie de langoroso encantamento — os bordos da Avenida Miró em outubro, os relógios de algarismos romanos nas classes da escola pública, os dragões verdes e luminosos do restaurante chinês em frente à universidade. Éramos capazes de partilhar o sabor dessas coisas, de reviver a miríade de pequenas casualidades de um mundo

que ambos conhecíamos desde a infância, e acho que isso nos ajudava a manter o espírito erguido, ajudava-nos a acreditar que um dia conseguiríamos voltar.

Não sei quantas pessoas estavam morando na biblioteca naquela época, mas creio que eram mais de cem, duzentas talvez. Os residentes eram todos intelectuais ou escritores, sobreviventes do Movimento de Purificação que tivera lugar durante os tumultos da década precedente. Segundo Sam, o governo que se sucedera instituíra uma política de tolerância, instalando os intelectuais em alguns dos edifícios públicos espalhados pela cidade, o ginásio da universidade, um hospital abandonado, a Biblioteca Nacional. Tais alojamentos eram plenamente subsidiados (o que explicava a presença de um fogão de ferro no quarto de Sam e o miraculoso funcionamento dos esgotos e dos banheiros do sexto andar), e, ocasionalmente, o programa fora estendido a ponto de incluir certos grupos religiosos e jornalistas estrangeiros. No entanto, com um novo governo no poder dois anos depois, a política não teve continuidade. Os intelectuais não chegaram a ser expulsos de suas residências, mas deixaram de receber apoio governamental. Os atritos aumentaram, compreensivelmente, à medida que muitos intelectuais se viram forçados pelas circunstâncias a sair em busca de outros tipos de trabalho. Os que ficaram foram abandonados à própria sorte, esquecidos pelos governos que se sucederam no poder. Desenvolveu-se uma prudente camaradagem entre as distintas facções da biblioteca, ao menos a ponto de permitir que muitas delas se dispusessem a conversar com as demais, a trocar ideias. Isto explicava os grupos de pessoas que eu vi no saguão no primeiro dia. Colóquios públicos eram mantidos todas as manhãs durante duas horas — as chamadas Horas Peripatéticas — e todos os que moravam na biblioteca estavam convidados a comparecer. Sam conhecera Isaac numa dessas sessões, mas, geralmente, preferia manter-se à parte, pois achava os intelectuais desprovidos de interesse, a não ser como um fenômeno em si, um aspecto a mais da cidade. A maioria deles desenvolvia projetos bastante esotéricos: a busca de paralelos entre os fatos ordinários e os fatos da literatura clássica, análises estatísticas das tendências populacionais, a compilação de um novo dicionário etc. Sam não servia para esse tipo de coisa, embora, ciente de que os intelectuais podem ser traiçoeiros quando acham que estão sendo objeto de zombaria, tentasse manter boas relações com todos. Cheguei a conhecer vários deles de maneira casual — estando com o meu balde na fila do esgoto do sexto andar, trocando comida com as mulheres, ouvindo as conversas —, mas, seguindo o conselho de Sam, não me deixei envolver com nenhum deles, mantive uma gentil, mas reservada distância.

Além de Sam, a única pessoa com quem conversava era o rabino. Durante o primeiro mês, eu o visitei sempre que possível — uma hora livre no final da tarde, por exemplo, ou um daqueles raros momentos em que Sam ficava absorvido em seu livro e já não havia trabalho para mim. O rabino vivia ocupado com seus discípulos, o que significava que nem sempre tinha tempo para mim,

mas conseguimos ter várias boas conversas. A coisa de que mais me lembro é um comentário que ele fez durante minha última visita. Pareceu-me tão espantoso que, desde então, sempre volto a pensar nele. Todo judeu, disse-me, acredita pertencer à última geração de judeus. Estamos sempre acabando, sempre à beira do último momento, e por que haveríamos de esperar que fosse diferente agora? Talvez me lembre tão bem dessas palavras porque não tornei a vê-lo após essa conversa. Quando voltei a descer ao terceiro andar, o rabino havia partido e outro homem ocupava seu lugar na salinha, um homem magro e calvo, com óculos de aro de metal. Estava sentado à mesa, escrevendo furiosamente num caderno de anotações, cercado de pilhas de papéis e o que parecia ser uma coleção de ossos e crânios humanos. Quando entrei, ergueu os olhos para mim com expressão contrariada, quase hostil, no rosto.

— Nunca lhe ensinaram a bater antes de entrar? — perguntou.

— Estou procurando o rabino.

— O rabino foi embora — respondeu ele com irritação, enrugando os lábios e olhando para mim como se eu fosse uma idiota. — Todos os judeus foram embora há dois dias.

— De que está falando?

— Os judeus foram embora há dois dias — repetiu com um suspiro de impaciência. — Os jansenistas vão amanhã e os jesuítas devem partir segunda-feira. Você não sabe de nada?

— Não tenho a menor ideia do que está falando.

— As novas leis. Os grupos religiosos perderam o status acadêmico. Não consigo acreditar que alguém possa ser tão ignorante.

— Não precisa ser grosseiro. Quem você pensa que é, afinal?

— Meu nome é Dujardin — disse ele. — Henri Dujardin. Sou etnógrafo.

— Este quarto é seu agora?

— Exatamente, o quarto é meu.

— E os jornalistas estrangeiros? Seu status também mudou?

— Não sei. Não tenho nada a ver com isso.

— Suponho que tenha a ver com esses ossos e crânios.

— Tem razão. Eu os estou analisando.

— De quem eram?

— Cadáveres anônimos. Gente que morreu de frio.

— Sabe onde está o rabino agora?

— A caminho da terra prometida, sem dúvida — respondeu ele com sarcasmo. — Agora, por favor, vá embora. Já me tomou bastante tempo. Tenho um importante trabalho a fazer e não gosto de ser interrompido. Obrigado. E não se esqueça de fechar a porta.

Enfim, Sam e eu nunca sofremos com essas leis. O fracasso do Projeto

Amurada já debilitara o governo e, antes que tivessem tempo de criar problemas para os jornalistas estrangeiros, um novo regime tomou o poder. A expulsão dos grupos religiosos não passara de uma absurda e desesperada demonstração de força, um ataque arbitrário aos que eram incapazes de se defender. Sua inutilidade extrema me aturdiu e só tornava mais difícil aceitar o desaparecimento do rabino. Este país é assim. Tudo desaparece, tanto as pessoas quanto os objetos; convive-se com a morte. Lamentei a perda de meu amigo, senti-me oprimida sob o peso dessa dor. Não contava sequer com a certeza da morte para me consolar, não mais que uma espécie de vazio, não mais que a voracidade do nada.

Depois disso, o livro de Sam se tornou a coisa mais importante em minha vida. Eu percebia que, enquanto estivéssemos trabalhando nele, continuaria a existir, para nós, a noção de um futuro possível. Sam tentara me explicar isso no primeiro dia; agora, no entanto, eu o compreendia por mim mesma. Fazia qualquer tarefa necessária, classificava as páginas, ordenava as entrevistas, transcrevia as versões finais, passava a limpo os manuscritos. Teria sido melhor se contasse com uma máquina de escrever, é claro; meses antes, porém, Sam vendera sua máquina portátil, e não tínhamos como adquirir outra. Já era bastante difícil manter um estoque adequado de lápis e canetas. A escassez provocada pelo inverno elevava os preços a níveis inusitados e, não fosse pelos seis lápis que eu ainda possuía, assim como por duas esferográficas que achara casualmente na rua, teríamos ficado sem material. Dispúnhamos de papel em abundância (Sam trouxera um estoque de doze resmas ao mudar-se para lá), mas as velas eram outro problema que interferia em nosso trabalho. Usávamos a luz do dia a fim de reduzir as despesas, mas, como estávamos em pleno inverno, o sol descrevia em pouquíssimas horas seu breve arco no céu e, para evitar que o trabalho se arrastasse eternamente, tínhamos de fazer certos sacrifícios. Não só tentamos nos limitar a fumar quatro ou cinco cigarros por noite, como Sam, finalmente, voltou a deixar crescer a barba. As lâminas de barbear representavam um luxo e, afinal, era preciso escolher entre manter lisa a face dele ou lisas as minhas pernas. Ganhamos estas.

Para entrar nos depósitos, precisávamos de velas tanto de dia quanto de noite. Os livros ficavam guardados no centro do edifício e, conseqüentemente, não havia janelas nas paredes. Como a energia elétrica fora cortada havia muito tempo, cada um era obrigado a levar consigo sua própria luz. Antigamente, diziam, havia mais de um milhão de volumes na Biblioteca Nacional. Esse número se reduzira drasticamente à época em que fui para lá, mas ainda havia centenas de milhares, uma desnorreadora avalanche de impressos. Alguns deles ainda estavam enfileirados nas estantes, outros se empilhavam caoticamente no chão, e outros ainda se amontoavam em pilhas erráticas. Havia um severo regulamento proibindo sua remoção do edifício, muitos porém eram roubados e

vendidos no mercado negro. Era discutível se a biblioteca ainda continuava a ser, realmente, uma biblioteca. O sistema de arquivos fora totalmente destruído e, com tantos volumes em desordem, era praticamente impossível encontrar um livro que você quisesse. Considerando que havia seis andares forrados de estantes, afirmar que um volume se encontrava no lugar errado era o mesmo que dizer que ele deixara de existir. Mesmo que ainda estivesse no prédio, ninguém jamais voltaria a encontrá-lo. Procurei alguns antigos registros municipais para Sam, mas a maior parte de minhas incursões eram apenas para colher livros ao acaso. Não gostava de andar por ali sem saber com quem haveria de topar e tendo de respirar o ar pegajoso de toda aquela bolorenta decadência. Juntava, nos braços, o máximo de volumes e retornava apressada a nosso quarto no andar superior. Os livros é que nos aqueciam. À falta de qualquer outro tipo de combustível, tínhamos de queimá-los no fogão para obter calor. Sei que isso parece terrível, mas, na verdade, não tínhamos escolha. Tratava-se de queimá-los ou morrer de frio. Claro que não me escapa a ironia: passar todos aqueles meses trabalhando num livro e, ao mesmo tempo, queimar centenas de outros para nos manter aquecidos. O mais curioso é que nunca cheguei a sentir remorso. Para ser franca, acho realmente que me divertia atirando os volumes ao fogo. Talvez fosse uma maneira de aliviar algum secreto rancor em mim; talvez se tratasse, simplesmente, do reconhecimento do fato de que pouco importava o que acontecesse com eles. O mundo a que haviam pertencido deixara de existir e, agora, estavam tendo pelo menos alguma utilidade. Seja como for, a maioria dos livros nem merecia ser aberta: romances sentimentais, coleções de discursos políticos, compêndios obsoletos. Sempre que encontrava algo apreciável, eu o conservava e lia. Por vezes, quando Sam estava exausto, ficava lendo para ele até que adormecesse. Lembro-me de ter lido trechos de Heródoto e, certa noite, o estranho livrinho que Cyrano de Bergerac escreveu sobre suas viagens à Lua e ao Sol. Mas, no final, tudo acabava no fogão, tudo se transformava em fumaça.

Olhando para trás agora, ainda acredito que podia ter dado certo. Teríamos concluído o livro e, cedo ou tarde, haveríamos de voltar a nossa terra. Não fosse pelo erro estúpido que cometi no final do inverno, eu estaria agora diante de você, contando esta história com minha própria voz. O fato de ter incorrido num engano inocente não diminui minha dor. Devia ter sido mais sensata, e, como agi impulsivamente, como confiei em quem não podia confiar, destruí toda minha vida. Não estou dramatizando. Destruí tudo com minha própria estupidez, e não tenho a quem amaldiçoar senão a mim mesma.

Foi assim. Pouco depois da passagem do ano, descobri que estava grávida. Ignorando como Sam receberia a notícia, calei-a por algum tempo, mas, um dia, atacada de enjoo, suores frios, vômitos, acabei contando a verdade. Incrivelmente, Sam se alegrou com a notícia, talvez tenha ficado até mais feliz

que eu. Não que eu não quisesse a criança, compreende?, mas não conseguia evitar o medo, e havia ocasiões em que me faltavam os nervos, pois a ideia de dar à luz um filho naquelas condições me parecia uma verdadeira loucura. Sam, ao contrário, se mostrou tão entusiasmado que chegou a me preocupar. Animado pela ideia de vir a ser pai, desfez, pouco a pouco, as minhas dúvidas, levando-me a ver na gravidez um bom presságio. A criança era um sinal de que fôramos poupados. Superaríamos as dificuldades e, dali por diante, tudo seria diferente. Gerando um filho, tornáramos possível o começo de um novo mundo. Eu nunca o teria imaginado falando daquele modo. Quanta coragem, quanto idealismo! Quase me chocava ouvi-lo dizer aquelas palavras, muito embora isso não significasse que eu não as apreciasse. Eu as apreciava sim, a ponto de realmente começar a acreditar em mim mesma.

Mais do que tudo, eu não queria desapontá-lo. Apesar dos enjoos das primeiras semanas, minha saúde continuava boa e eu seguia fazendo minha parte do trabalho como de sempre. Em meados de março, surgiram alguns sinais de que o inverno estava começando a perder a força: as tempestades se tornaram menos frequentes, os períodos de degelo passaram a durar um pouco mais, a temperatura parecia não cair tanto durante a noite. Não digo que chegasse a fazer calor, mas havia numerosos indícios de que o tempo tendia a melhorar, uma leve sensação de que o pior já passara. Desgraçadamente, foi bem nessa época que meus sapatos se estragaram — os mesmos que Isabel me dera havia tanto tempo. Eu não podia sequer calcular quantos quilômetros caminhara com eles. Havia mais de um ano que estavam comigo, absorvendo cada passo que eu dava, acompanhando-me a cada canto da cidade e, agora, estavam completamente desgastados: as solas esburacadas, o couro em pedaços e, por mais que eu tratasse de tapar os buracos com jornal, já não estavam em condições de enfrentar as ruas alagadas, de modo que, inevitavelmente, meus pés acabavam molhados quando eu saía. Isso devia acontecer com excessiva frequência, pois, um dia, no começo de abril, apanhei um resfriado. Um típico resfriado, com dores e calafrios, garganta inflamada e espirros, como manda o figurino. Devido ao envolvimento de Sam com a gravidez, minha doença o alarmou a ponto de torná-lo histérico. Abandonando tudo mais para cuidar de mim, ele passou a rondar a cama feito uma enfermeira enlouquecida, e a gastar dinheiro em extravagâncias como chá e sopas enlatadas. Melhorei em dois ou três dias, mas Sam começou a ditar as leis, dizendo que, enquanto não conseguisse um novo par de sapatos para mim, não queria que eu pusesse os pés na rua. Ele se encarregaria de todas as compras e diligências. Cheguei a argumentar que aquilo era ridículo, mas Sam se manteve inflexível, não se deixou convencer.

— Não é porque estou grávida que hei de ser tratada feito uma inválida — eu lhe disse.

— Não é você — contestou Sam —, são seus sapatos. Sempre que sair, seus pés vão ficar molhados. O próximo resfriado pode não ser tão fácil de curar, sabe?, e o que seria de nós se você ficasse realmente doente?

— Neste caso, por que não me empresta os seus quando eu sair?

— São muito grandes. Cedo ou tarde você acabaria tropeçando e caindo, e, antes que chegasse ao chão, alguém já os teria arrancado de seus pés.

— Não tenho culpa de ter pés pequenos. Nasci assim.

— Seus pés são lindos, Anna. A coisa mais graciosa e delicada que já vi. Tenho adoração por eles. Beijo o chão que pisam. É por isso que devem ser protegidos. Não quero que nada de mal lhes aconteça.

As semanas seguintes foram difíceis para mim. Via Sam perdendo tempo em coisas que eu podia fazer facilmente, e o livro quase não avançava. Irritava-me pensar que um misero par de sapatos pudesse causar tantos problemas. O bebê estava começando a crescer em mim, e eu me sentia uma vaca inútil, uma princesa idiota encerrada o dia inteiro em casa, enquanto seu cavaleiro e senhor marchava para o combate. Se eu ao menos arranjasse um par de sapatos, dizia para mim mesma, a vida retomaria seu curso. Comecei a indagar, a perguntar às pessoas enquanto estava na fila do esgoto, cheguei até a descer ao saguão das Horas Peripatéticas em busca de alguém que pudesse me dar alguma indicação. Aquilo de nada serviu, mas, um dia, encontrei Dujardin no corredor do sexto andar, e, imediatamente, ele começou a conversar comigo como se fôssemos velhos amigos. Eu me afastara de Dujardin desde nosso primeiro encontro no quarto do rabino, e estava estranhando sua súbita gentileza. Aquele homenzinho pernóstico, que, durante meses, me evitara tanto quanto eu a ele, desfazia-se agora em sorrisos e simpáticos propósitos.

— Ouvi dizer que está precisando de um novo par de sapatos — disse ele. — Se é verdade, acho que posso ajudá-la.

Eu devia ter percebido que alguma coisa andava errada, mas a menção da palavra “sapato” me hipnotizou. Estava tão desesperada por conseguir um par, compreende?, que não me ocorreu questionar seus motivos.

— Acontece — prosseguiu Dujardin — que eu tenho um primo ligado ao, hum... como dizer?, ao negócio de compra e venda. Objetos usados, sabe? Artigos de segunda mão, coisas desse tipo. Sapatos também, às vezes (estes que estou calçando, por exemplo), e é de supor que tenha outros no depósito. Se eu for a sua casa esta noite, não me custará nada, absolutamente nada, perguntar. Claro que preciso saber o seu número (hum... não deve ser muito grande) e quanto está disposta a gastar. Mas isso são detalhes, meros detalhes. Se nos encontrarmos amanhã, pode ser que eu tenha alguma informação para você. Todo mundo precisa de sapatos, afinal, e, a julgar pelos que está calçando agora, posso entender por que esteve indagando por aí. Puros farrapos. Não servem para enfrentar o tempo que temos tido ultimamente.

Disse-lhe meu número, quanto podia gastar e marquei um encontro com ele na tarde seguinte. Seus modos melosos me levavam a crer, simplesmente, que Dujardin estava tentando ser gentil. Provavelmente receberia uma comissão do primo, mas eu não via mal nisso. Todos precisamos ganhar dinheiro de algum modo e, se ele tinha um ou outro bico, tanto melhor. Nada disse a Sam sobre aquele encontro. Era quase seguro que o primo de Dujardin não teria os sapatos, porém, caso desse certo, queria fazer uma surpresa. Esforcei-me para não exagerar nas esperanças. Nossas economias se reduziam a menos de cem glotes naquela época, e a soma que eu oferecera a Dujardin era irrisória: onze ou doze glotes, creio, talvez apenas dez. Por outro lado, como ele não hesitara ante minha oferta, sentia-me encorajada. Enfim, não fui capaz de perder as esperanças, de modo que as vinte e quatro horas seguintes foram cheias de ansiedade para mim.

Encontramo-nos no canto noroeste do saguão principal às duas horas do dia seguinte. Dujardin apareceu com um saco de papel pardo e, no momento em que o vi, compreendi que havia conseguido.

— Acho que tivemos sorte — disse, tomando-me conspirativamente pelo braço e levando-me para trás de uma coluna de mármore onde não seríamos vistos. — Meu primo tem um par do seu tamanho e está disposto a vendê-lo por treze glotes. Sinto não ter conseguido baixar o preço, fiz o que pude. Em vista da qualidade do produto, não está caro.

Voltando-se para a parede e me dando as costas, Dujardin tirou cautelosamente do saco um sapato de couro marrom para o pé esquerdo. Feito de material evidentemente legítimo, tinha uma robusta sola de borracha e parecia ao mesmo tempo resistente e confortável, ideal para percorrer as ruas da cidade. E mais: era quase novo.

— Experimente — sugeriu ele. — Vamos ver se serve.

Serviu. Acomodando os dedos na macia palmilha, senti uma felicidade que havia muito não experimentava.

— Você me salvou a vida — disse-lhe. — Por treze glotes, podemos fazer negócio. Dê-me o outro pé, vou pagar agora mesmo.

Dujardin, contudo, hesitando, com um olhar embaraçado, mostrou-me o saco vazio.

— Você está brincando? Onde está o outro sapato?

— Não está comigo — balbuciou.

— É um golpezinho sujo, não é? Você me mostra um bom sapato, convence-me a pagar adiantado pelo par e, depois, aparece com uma porcaria qualquer para o outro pé. Não tenho razão? Sinto muito, meu caro, mas não vou cair na sua vigarice. Não lhe darei um tostão enquanto não ver o outro sapato.

— Não, senhorita Blume, não está compreendendo, suponho. Não se trata disso, de modo algum. O outro sapato se encontra no mesmo estado que este, e ninguém lhe está pedindo dinheiro adiantado. É assim que meu primo faz

negócio. Exige que a senhora vá a seu escritório completar a transação. Tentei convencê-lo do contrário, mas não me quis ouvir. Por um preço tão baixo, disse ele, não há lugar para intermediários.

— Está querendo dizer que seu primo não confia em você num negócio de treze glotes?

— Isso me coloca numa situação embaraçosa, admito. Mas meu primo é um homem duro. Não confia em ninguém quando se trata de negócios. Pode imaginar como me senti quando ele me disse isso. Duvida da minha integridade, é uma coisa amarga para mim, pode ter certeza.

— Se não está ganhando nada, por que se deu ao trabalho de vir me encontrar?

— Eu lhe havia feito uma promessa, senhorita Blume, e não queria faltar a ela. Isso só teria dado razão a meu primo, e eu preciso pensar em minha dignidade, sabe?, tenho o meu orgulho. Essas coisas são mais importantes que dinheiro.

Dujardin representava seu papel com perfeição. Nenhuma falha, nenhum erro capaz de sugerir que ele não fosse senão um homem com os sentimentos profundamente feridos. Pensei: “Quer ficar bem com o primo e, por isso, está disposto a me fazer o favor. É um teste para ele, e, se for aprovado, o primo lhe permitirá fazer negócios por conta própria”. Veja como eu estava tentando ser esperta. E, acreditando ser mais esperta que Dujardin, não vi razão para sentir medo.

Era uma tarde clara. O sol brilhava em toda parte e o vento parecia nos carregar nos braços. Sentia-me como a convalescente de uma longa enfermidade, experimentando novamente aquela luz, sentindo as pernas moverem-se livres sob meu corpo. Caminhamos depressa, contornando numerosos obstáculos, desviando-nos com agilidade dos escombros deixados pelo inverno, e mal trocamos uma palavra durante todo o percurso. A primavera agora se anunciava definitivamente, embora, nas sombras projetadas pelos edifícios, ainda se apresentassem brancas manchas de neve, e, nas ruas onde o sol batia com mais força, caudalosas enxurradas lambessem as pedras e os fragmentos de asfalto. Passados os primeiros dez minutos, meus sapatos se transformaram numa lamentável porcaria, tanto por dentro quanto por fora: meias ensopadas, dedos úmidos e entorpecidos pela glacial infiltração. Talvez seja esquisito mencionar esses detalhes agora, mas são eles o que de mais vívido me ficou daquele dia: a alegria de caminhar, a flutuante, quase embriagadora sensação de movimento. Depois, ao chegarmos ao nosso destino, tudo aconteceu rápido demais para que me possa lembrar. Não vislumbro, agora, senão breves e confusos quadros, imagens isoladas, alheias a qualquer contexto, explosões de luz e sombra. O prédio, por exemplo, não deixou qualquer impressão em mim. Lembro-me de que estávamos nas proximidades do distrito comercial, na oitava

zona de recenseamento, não muito longe de onde Ferdinand tivera sua oficina de cartazes — isto porque uma vez, ao passarmos por ali, Isabel me mostrara a rua; eu tinha a sensação de pisar em terreno familiar. Pode ser que estivesse por demais distraída para ver além da superfície, por demais perdida em mim mesma para pensar em qualquer coisa que não fosse a alegria de Sam quando eu retornasse. Consequentemente, não fixei na memória a fachada do prédio nem o ato de entrar pela porta principal e subir diversos lances de escada. É como se essas coisas jamais tivessem acontecido, muito embora eu saiba que, de fato, aconteceram. Minha primeira lembrança nítida é a do rosto do primo de Dujardin. Talvez nem tanto o rosto, mas os óculos de aro de metal, iguaizinhos aos de Dujardin, e a pergunta que então me ocorreu — se não teriam sido comprados da mesma pessoa. Não devo ter olhado para aquele rosto durante mais que um ou dois segundos, pois, no momento em que ele se aproximou para me apertar a mão, uma porta se abriu a suas costas — aparentemente por casualidade, já que o ranger das dobradiças fez com que sua expressão cordial fosse substituída por uma de súbito desespero, e, imediatamente, desistindo de cumprimentar-me, ele se voltou para fechá-la, e, naquele instante, eu compreendi que fora iludida, que minha presença ali nada tinha a ver com sapatos, dinheiro ou qualquer outro tipo de negócio. Naquele instante, no minúsculo intervalo que ele demorou para fechar a porta, pude ver, clara e inconfundivelmente, o que havia na outra sala: três ou quatro corpos humanos nus, pendurados em ganchos de metal, e um homem que, debruçado sobre uma mesa, cortava os membros de outro cadáver com uma machadinha. Circulavam rumores, na biblioteca, sobre a existência de matadouros humanos, mas eu não acreditava neles. Agora, tendo visto a porta acidentalmente aberta atrás do primo de Dujardin, eu sabia o destino que me estava reservado. Creio que foi então que comecei a gritar. Às vezes, chego até a ouvir minha voz berrando muitas vezes “assassino”. Mas isso não deve ter durado muito. É impossível reconstruir os pensamentos que tive então, impossível saber sequer se cheguei a pensar alguma coisa. Vendo uma janela a minha esquerda, corri em sua direção. Recordo-me de ainda ter visto Dujardin e o primo arremetendo contra mim, mas eu passei velozmente entre seus braços estendidos e me lancei contra a janela. Lembrome do barulho do vidro despedaçado e do ar em minha face. Deve ter sido uma longa queda. Longa o bastante para que eu compreendesse que estava caindo. Longa o bastante para que soubesse que, no momento em que tocasse o solo, estaria morta.

Pouco a pouco, estou tentando contar-lhe o que aconteceu. Não tenho culpa se a memória me falha. Alguns fatos simplesmente desapareceram e, por mais que eu lute, não consigo desenterrá-los. Devo ter perdido os sentidos no momento em que cheguei ao solo, mas não me lembro da dor que senti nem do lugar onde caí.

No fundo, a única coisa de que posso ter certeza é que não morri. E isso me confunde até hoje. Mais de dois anos após a queda, ainda não compreendo como consegui sobreviver.

Disseram que cheguei a gemer quando me carregaram, mas depois fiquei inerte, mal respirando, quase sem emitir ruídos. Passou-se um longo tempo. Nunca me contaram quanto, mas aposto que foi mais de um dia, talvez três ou quatro. Disseram que, quando finalmente abri os olhos, foi mais uma ressurreição que uma recuperação, um verdadeiro ressurgir do nada. Lembrome de ter visto um teto sobre minha cabeça e de ter me perguntado como, diabos, conseguira chegar aonde quer que fosse; um instante mais tarde, porém, fui tomada de dores na cabeça, no lado direito do corpo, na barriga; de dores tão fortes que cheguei a arfar. Eu estava numa cama, numa cama de verdade, com lençóis e travesseiros, mas não conseguia ficar senão prostrada e inerte, soluçando ao mesmo tempo que as dores me percorriam o corpo. Uma mulher surgiu de repente em meu campo visual e ficou olhando para mim com um sorriso nos lábios. Devia ter uns trinta e oito ou quarenta anos, de cabelos escuros e ondulados e grandes olhos verdes. Apesar de meu mal-estar, consegui notar que era bonita — talvez a mulher mais bonita que vira desde minha chegada à cidade.

— Deve estar doendo muito — disse ela.

— Não precisa sorrir por causa disso — respondi. — Não estou com humor para sorrisos.

Só Deus sabe onde fui buscar tanta cortesia, mas as dores eram tais que eu dizia tudo o que me vinha à cabeça. A mulher, em todo caso, não pareceu se ofender, e continuou exibindo o mesmo reconfortante sorriso:

— Alegra-me ver que está viva.

— Está querendo dizer que não morri? Terá de provar para que eu acredite.

— Você quebrou um braço, algumas costelas e recebeu uma forte pancada na cabeça. Até agora, no entanto, parece que está viva. Acho que essa sua língua é uma prova.

— Quem é você, afinal? — perguntei, insistindo em minha petulância. — O anjo da misericórdia?

— Sou Victoria Woburn. Este é o Lar Woburn. Ajudamos as pessoas.

— Mulheres bonitas não podem ser médicas. É contra a lei.

— Não sou médica. Meu pai era, mas já morreu. Foi ele quem fundou o Lar Woburn.

— Ouvi falar neste lugar uma vez. Pensei que fosse mentira.

— Isso acontece. É tão difícil saber em que acreditar hoje em dia.

— Foi você que me trouxe para cá?

— Não. Foi o senhor Frick. Ele e seu neto, Willie. Saem de carro todas as tardes de quarta-feira para fazer a ronda. Nem todos os que precisam de ajuda

conseguem vir sozinhos para cá, entende?, por isso saímos a sua procura. Tentamos acolher ao menos uma pessoa por semana desse modo.

— Quer dizer que me encontraram por acaso?

— Estavam passando quando você saltou da janela.

— Eu não estava tentando me matar — atalhei defensivamente. — Não pense que...

— Os saltadores não costumam pular das janelas. E, quando o fazem, tomam o cuidado de abri-las primeiro.

— Eu nunca me mataria — afirmei com ênfase, e, ao pronunciar essas palavras, senti-me sombriamente sincera. — Nunca me mataria — repeti. — Vou ter um bebê, sabe? Por que uma mulher grávida haveria de querer se matar? Só uma louca faria isso.

Pela mudança de expressão em seu rosto, compreendi imediatamente o que acontecera. Compreendi sem que precisassem me contar. Meu filho já não estava em meu ventre. Não suportara a queda, morrera. Não sou capaz de expressar como tudo se tornou vazio naquele momento. Foi um rude padecimento animal que se apossou de mim, sem imagens nem ideias, sem absolutamente nada que ver ou pensar. Devo ter começado a chorar antes que ela tornasse a falar.

— Em primeiro lugar, é um milagre que tenha conseguido ficar grávida — disse, passando a mão em meu rosto. — Aqui já não nascem bebês. Você sabe disso tanto quanto eu. Há anos que não nasce ninguém.

— Não me interessa — gritei com raiva, tentando falar entre os soluços. — Você não sabe de nada. Meu filho ia viver. Sei que meu filho ia viver.

Cada vez que meu peito se agitava, eu sentia as costelas estocadas pela dor. Tentei sufocar tais explosões, mas só consegui tornar as dores mais intensas. Renunciei, então, ao esforço por manter-me quieta, o que desencadeou uma série de insuportáveis espasmos. Victoria tentava confortar-me, mas eu não queria seu consolo. Não queria consolo de ninguém.

— Vá embora, por favor — consegui dizer enfim. — Não quero ninguém aqui agora. Você foi muito boa para mim, mas eu preciso ficar só.

Demorou muito para que minhas feridas cicatrizassem. Os cortes no rosto não deixaram muitas marcas (uma cicatriz na testa e outra perto da têmpora), e as costelas sararam no devido tempo. O braço quebrado, contudo, não ficou plenamente curado e ainda me incomoda: dói sempre que o movo bruscamente ou na direção errada, sinto incapacidade de estendê-lo por completo. Fiquei com ataduras na cabeça durante quase um mês. Os galos e ferimentos desapareceram, mas passei a sentir frequentes dores: enxaquecas que me atacam de repente, um latejar na parte posterior do crânio. Quanto às demais

contusões, é difícil falar a respeito delas. Meu útero é um enigma, não tenho como avaliar os estragos ocorridos em seu interior.

O dano físico, entretanto, foi apenas uma parte do problema. Poucas horas após minha primeira conversa com Victoria, chegaram notícias tão temíveis que eu quase desisti, quase renunciei a continuar vivendo. No começo da noite, ela voltou a meu quarto com uma tigela de comida. Eu lhe disse que era preciso mandar, urgentemente, alguém à Biblioteca Nacional falar com Sam, ele devia estar preocupadíssimo: queria sua companhia naquele mesmo instante.

— Agora! Preciso dele agora! — gritei, de súbito, fora de mim, soluçando compulsivamente.

Mandaram Willie, o garoto de quinze anos, levar o recado, mas a notícia com que voltou era devastadora: irrompera um incêndio na biblioteca aquela tarde, e o telhado já desmoronara. Ninguém sabia como começara, mas, naquele momento, o edifício todo estava em chamas, e diziam que mais de cem pessoas haviam ficado presas lá dentro. Ainda não se sabia se alguém conseguira escapar; uns diziam que sim, outros que não. Porém, mesmo que Sam tivesse tido a sorte de conseguir sair dali, não havia como encontrá-lo. E, se tivesse morrido com os demais, tudo estava perdido para mim. Não havia saída. Se estivesse morto, eu não teria o direito de continuar vivendo. E, se estivesse vivo, era quase certo que nunca mais voltaria a vê-lo.

Foram esses os fatos que tive de enfrentar nos meus primeiros meses no Lar Woburn. Foi um período sombrio para mim, o mais sombrio de todos. No começo, permaneci no quarto do andar superior. Três vezes por dia, alguém vinha me visitar; duas para trazer comida, uma para esvaziar o urinol. Sempre havia movimento de pessoas no andar de baixo (vozes, pés que se arrastavam, gemidos e risos, gritos, roncos durante a noite), mas eu estava muito debilitada, muito deprimida, para ter coragem de sair da cama. Passava os dias aparvalhada, triste e pensativa sob as cobertas, sofria repentinas crises de choro. Com a chegada da primavera, eu passava a maior parte do tempo contemplando as nuvens pela janela, examinando o bolor que se espalhava no alto das paredes, olhando fixamente para os buracos do teto. Nos primeiros dez ou doze dias, não consegui sequer me aproximar do corredor contíguo.

O Lar Woburn era uma mansão de cinco andares com mais de vinte cômodos, afastada da rua e cercada por um pequeno parque privado. Fora construída pelo avô do dr. Woburn cerca de cem anos antes, e era considerada uma das mais elegantes residências particulares da cidade. Com o início do período de distúrbios, o dr. Woburn foi um dos primeiros a chamar a atenção para o crescente número de desabrigados. Sendo um médico respeitado, membro de uma família importante, seus depoimentos mereceram ampla publicidade, e não demorou para que se tornasse moda entre as pessoas abastadas apoiar a sua causa. Organizaram-se jantares para coleta de fundos, bailes caritativos e outros

eventos, de modo que, com o tempo, alguns edifícios da cidade acabaram transformados em asilos. O dr. Woburn abandonou seu consultório particular a fim de administrar essas pousadas, como eram chamadas, e todas as manhãs saía em seu automóvel com motorista para visitá-las, conversar com as pessoas ali albergadas, oferecendo-lhes assistência médica. Conhecido por sua bondade e seu idealismo, ele se tornou uma espécie de lenda na cidade, e, sempre que se falava na barbárie dos tempos atuais, seu nome era lembrado como prova de que ainda eram possíveis as atitudes nobres. Mas isso foi há muito tempo, numa época em que ninguém acreditava que as coisas pudessem se desintegrar como se desintegraram. Com o agravamento da situação, o êxito do projeto do dr. Woburn foi sendo paulatinamente solapado. A população desabrigada crescia em progressão geométrica, enquanto os recursos para financiar os asilos diminuíam em idênticas proporções. Os ricos começaram a abandonar o país, evadindo-se com seu ouro e seus diamantes, e os que ficaram já não podiam se permitir o luxo da generosidade. O médico gastou grande parte de sua fortuna nos asilos, mas nem assim conseguiu evitar sua ruína, e os estabelecimentos tiveram de fechar as portas. Outro homem teria desistido, mas ele se recusou a deixar que a coisa terminasse daquele modo. Se não podia salvar milhares, dizia, talvez conseguisse salvar centenas e, se tampouco isso fosse possível, quem sabe pudesse salvar vinte ou trinta pessoas. Os números não importavam mais. Diante dos fatos, sabia que qualquer ajuda prestada seria apenas simbólica, um gesto de oposição à ruína total. Isso foi há seis ou sete anos, quando o dr. Woburn já passava dos sessenta. Com a ajuda da filha, decidiu abrir sua casa aos necessitados, transformando os dois primeiros andares da mansão num misto de hospital e asilo. Compraram-se camas e instalações de cozinha, e, pouco a pouco, lograram levar adiante o projeto, graças ao que restava da fortuna Woburn. Quando o dinheiro acabou, começaram a vender os móveis e as antiguidades, esvaziando aos poucos os quartos dos andares superiores. Com muito esforço e dedicação, viram-se em condições de abrigar entre dezoito e vinte e quatro pessoas a qualquer hora. Aos indigentes era permitido passar dez dias ali; os gravemente enfermos podiam ficar mais tempo. Todos tinham direito a uma cama limpa e duas refeições quentes por dia. Isto não resolvia nada, é claro, mas as pessoas tinham, ao menos, ocasião de adiar seus problemas e reunir forças para seguir adiante.

— Não é muito o que podemos fazer — dizia o médico. — Mas o pouco que podemos estamos fazendo.

O doutor morrera havia apenas quatro meses quando cheguei ao Lar Woburn. Victoria e os demais estavam fazendo o que podiam para prosseguir sem ele, mas certas alterações foram inevitáveis, particularmente do ponto de vista médico, já que não havia quem pudesse substituir o doutor em seu trabalho. Tanto Victoria quanto o sr. Frick eram enfermeiros competentes, mas não tinham

condições de fazer diagnósticos ou prescrever tratamentos. Creio que isto ajuda a explicar por que recebi uma atenção tão especial. Dentre todas as pessoas feridas que foram levadas para lá desde a morte do médico, eu fui a primeira a reagir positivamente a seus cuidados, a primeira a mostrar sinais de recuperação. Assim, servi para justificar sua determinação em manter aberto o Lar Woburn. Eu era seu símbolo de sucesso, o exemplo que lhes dava a medida do quanto ainda eram capazes de realizar e, por essa razão, cercaram-me de carinho durante todo o tempo em que pareci necessitar dele, foram indulgentes para com meus acessos de mau humor e sempre me outorgaram o benefício da dúvida.

O sr. Frick estava convencido de que eu retornara, de fato, da morte. Tendo trabalhado durante quarenta anos como motorista do médico, conhecia de perto a vida e a morte, e afirmava que nunca houvera um caso como o meu.

— Não, dona, a senhora já estava no outro mundo. Vi com meus próprios olhos. Estava morta e voltou.

Ele falava de maneira estranha e incorreta, e quase sempre fazia uma grande confusão quando tentava explicar suas ideias. Não é que tivesse a mente desordenada, simplesmente as palavras o confundiam. Tinha dificuldade em articulá-las, por vezes parecia tropeçar nelas como em objetos físicos, verdadeiras pedras que lhe rolavam dentro da boca. Em compensação, era particularmente sensível às propriedades internas das palavras: os sons tão divorciados dos significados, as simetrias, as contradições.

— As palavras me ensinam a saber — explicou-me certa vez. — Por isso é que fiquei tão velho. Meu nome é Otto. É a mesma coisa de trás para a frente ou da frente para trás. Eu não acabo em lugar nenhum, sempre começo de novo. Por isso consegui viver duas vezes, duas vezes mais que qualquer outra pessoa. A senhora também, dona. Seu nome é como o meu. A-n-n-a. Pode começar de um lado ou do outro. Tanto faz. É como Otto. Foi por isso que a senhora conseguiu nascer de novo. É uma bênção do destino, dona Anna. A senhora estava morta e eu vi, com estes olhos, a senhora nascer de novo. É uma grande bênção do destino.

Havia uma singela graça naquele velhote magro e espigado, com rosto cor de marfim. Sua lealdade para com o dr. Woburn era inabalável, e mesmo agora continuava a cuidar do automóvel que dirigira para ele — um antigo Pierce Arrow de dezesseis cilindros, com estribos laterais e bancos revestidos de couro. Esse carro preto de cinquenta anos fora a única excentricidade do médico, e toda noite de terça-feira, abandonando qualquer outra obrigação, Frick ia até a garagem, nos fundos da casa, e passava no mínimo duas horas limpando-o e polindo-o, para que apresentasse o melhor aspecto possível nas rondas das tardes de quarta-feira. Adaptara o motor ao gás metano; sua habilidade manual era, sem dúvida, a principal razão por que o Lar Woburn ainda não desmoronara. Consertara os encanamentos, instalara os chuveiros, cavara um novo poço. Estes

e vários outros melhoramentos possibilitaram o funcionamento do lugar mesmo nos piores tempos. O neto, Willie, seu ajudante em todos esses empreendimentos, acompanhava-o silenciosamente de um serviço a outro: era uma figurinha taciturna e mirrada, sempre envergando seu abrigo verde com capuz. Frick planejava treiná-lo para que o substituísse após sua morte, muito embora Willie estivesse longe de ser um aluno aplicado.

— Não se preocupe — disse-me Frick certa vez a esse respeito. — Vamos dobrar Willie devagar. Por enquanto não há pressa. Quando eu estiver pronto para bater as botas, o moleque já haverá de estar velho também.

Era Victoria, contudo, quem mais se interessava por mim. Já mencionei a importância de meu restabelecimento para ela, mas acho que ainda havia outras razões. Ela carecia de alguém com quem conversar, e, à medida que fui recuperando as forças, passou a me visitar com mais frequência. Desde a morte do pai, vivia sozinha com Frick e Willie, administrando o asilo e cuidando dos negócios, e não contava com ninguém com quem trocar ideias. Pouco a pouco passei a ser essa pessoa. Não nos era difícil manter um diálogo e, à proporção em que nossa amizade se desenvolveu, pude compreender quanto tínhamos em comum. É verdade que eu não vinha de uma família rica como a dela, mas minha infância fora cômoda, cercada de luxo burguês e privilégios, de modo que eu sempre vivera com a sensação de que todos os meus desejos eram realizáveis. Frequentara boas escolas e era capaz de discutir livros. Sabia a diferença entre um Beaujolais e um Bordeaux e compreendia por que Schubert era um músico mais importante que Schumann. Levando em conta que Victoria nascera na família Woburn, eu era, provavelmente, uma pessoa mais próxima de sua classe que qualquer outra das que encontrara durante anos. Não estou querendo sugerir que ela fosse esnobe. O dinheiro não lhe interessava e havia muito que voltara as costas a tudo quanto ele representava. Simplesmente falávamos a mesma linguagem e, quando ela me contava sobre seu passado, eu era capaz de compreendê-la sem ter de pedir maiores explicações.

Casara-se duas vezes. O primeiro casamento fora breve e “cheio de brilho social”, como ela mesma dizia com sarcasmo, e, depois, escolhera um homem a quem se referia como Tommy e cujo sobrenome eu nunca cheguei a saber. Era advogado, ao que parece, e eles tiveram dois filhos, um menino e uma menina. Com o início dos distúrbios, ele se deixara envolver cada vez mais com a política, tendo atuado primeiramente como subsecretário do Partido Verde (houve um tempo em que todas as filiações partidárias, aqui, eram designadas por cores) e, mais tarde, quando o Partido Azul, mediante uma aliança estratégica, absorveu toda a militância de sua organização, fora coordenador urbano da cidade. À época das primeiras insurreições contra os chantagistas, há onze ou doze anos, fora preso num tumulto, na Avenida Nero, e baleado por um policial. Após a morte de Tommy, seu pai começou a insistir para que Victoria abandonasse o

país com as crianças (que tinham apenas três e quatro anos respectivamente), mas ela se recusou a partir, preferindo mandar os meninos à Inglaterra com os pais de Tommy. Muito embora não quisesse engrossar as fileiras dos que capitulavam e emigravam, não desejava submeter os filhos aos desastres que estavam por vir. Acho que há certas decisões que ninguém deveria ser obrigado a tomar, escolhas que simplesmente pesam demais sobre a gente. Porque você há de se arrepender de qualquer coisa que faça, e continuará se arrependendo enquanto viver. As crianças foram para a Inglaterra e, durante um ou dois anos, Victoria logrou com elas manter correspondência. Depois, com o colapso do sistema postal, as comunicações foram se tornando esporádicas e imprevisíveis — a permanente angústia da espera, das mensagens lançadas ao mar — e, por fim, deixaram de existir por completo. Fazia oito anos. Oito anos que não tinha notícias, e Victoria havia muito que perdera as esperanças de voltar a saber dos filhos.

Estou mencionando essas coisas para lhe mostrar as similaridades entre nossas experiências, os vínculos que ajudaram a formar nossa amizade. As pessoas que amava lhe foram arrebatadas do mesmo modo como me foram arrebatados os entes queridos. Nossos maridos e filhos, seu pai e meu irmão, todos haviam desaparecido na morte ou na incerteza. Quando me recuperei o bastante para poder ir embora (afinal, aonde haveria de ir?), foi natural que ela me convidasse a ficar no Lar Woburn, trabalhando como membro da equipe. Não chegava a ser a solução que eu desejava para mim, porém, naquelas circunstâncias, não via outra alternativa. A filosofia filantrópica do lugar me incomodava um pouco — a ideia de ajudar desconhecidos, de me sacrificar por uma causa. O princípio era abstrato demais para mim, sério demais, altruísta demais. O livro de Sam fora algo em que eu conseguira acreditar, mas Sam era o meu amor, a minha vida, e eu duvidava de que fosse capaz de me dedicar a pessoas que não conhecia. Victoria notou minha relutância, mas não discutiu comigo nem tentou me fazer mudar de ideia. Acho que, mais do que tudo, foi essa sua atitude que me levou a aceitar. Não fez nenhum discurso nem tentou me convencer de que se tratava de me salvar a alma. Simplesmente disse:

— Há muito trabalho por aqui, Anna, muito mais do que somos capazes de executar. Não tenho ideia de como resolver o seu caso, mas, às vezes, a dor pode ser curada através do trabalho.

A rotina exaustiva e sem fim em que mergulhei era mais uma distração que uma terapia. No entanto, qualquer coisa capaz de me entorpecer a dor era bem-vinda. Afinal, eu não estava à espera de milagres, já esgotara minha reserva e sabia que, dali por diante, tudo o que me acontecesse viria de sobra, uma terrível espécie de vida póstuma, uma existência que se prolongava, muito embora eu já estivesse morta. A dor, enfim, não chegou a desaparecer, mas, pouco a pouco,

comecei a notar que estava chorando menos, que não banhava necessariamente o travesseiro antes de dormir e, certa vez, percebi que conseguira passar três horas seguidas sem pensar em Sam. Eram pequeninas vitórias, eu sei, mas, em vista de minha situação, não tinha por que menosprezá-las.

Havia seis quartos no andar térreo, com três ou quatro camas cada um. O primeiro andar tinha dois cômodos reservados para os casos difíceis, um dos quais eu ocupava durante minhas primeiras semanas no Lar Woburn. Ao começar a trabalhar, designaram-me um aposento no quarto andar. O dormitório de Victoria ficava perto do saguão, enquanto Frick e Willie ocupavam um quarto grande diretamente sob o dela. A única outra pessoa da equipe, Maggie Vine, uma surda-muda de idade indefinível que servia de cozinheira e lavadeira, morava no térreo, junto à cozinha. Era muito baixa, de coxas grossas e robustas, e tinha um rosto largo emoldurado por uma selva de cabelos ruivos. A parte a conversa em linguagem gestual que mantinha com Victoria, não se comunicava com ninguém. Executava seu trabalho numa espécie de soturno transe, cumprindo rude e eficazmente cada tarefa que lhe era atribuída, trabalhando tantas horas que eu até duvidava de que chegasse a dormir. Nunca me cumprimentava nem aparentava notar minha presença, mas, de vez em quando, nas ocasiões em que ficávamos juntas e sós, dava-me palmadinhas nos ombros, abria-se num amplo sorriso e iniciava uma complicada pantomima digna de uma cantora de ópera a executar sua ária, uma combinação de gestos histriônicos e trêmulos ganidos. Depois de se inclinar com muita graça para agradecer aos aplausos de um público imaginário, voltava abruptamente ao trabalho, sem a menor pausa ou transição. Era completamente maluca. Isso aconteceu seis ou sete vezes, mas eu nunca fui capaz de saber se estava tentando me divertir ou me intimidar. Segundo Victoria, em todos os anos que ali passara, Maggie nunca cantara para mais ninguém.

Todo residente, como os chamávamos, tinha de aceitar determinadas condições para ser admitido no Lar Woburn. Nada de brigas ou roubos, por exemplo, e boa vontade para executar pequenos trabalhos como arrumar a própria cama, levar os pratos à cozinha após as refeições etc. Em troca, recebia um quarto e um leito, uma nova muda de roupa, oportunidade de tomar banhos diários e o uso ilimitado das instalações. Isto incluía a sala do andar térreo, equipada com sofás e poltronas, uma biblioteca bem sortida e vários tipos de jogos (baralho, bingo, gamão), assim como o pátio traseiro, que era um lugar bastante agradável quando o tempo estava bom. Ali havia um campo de críquete, uma rede para jogar peteca e numerosas espreguiçadeiras. De qualquer ponto de vista, o Lar Woburn era um paraíso, um idílico refúgio em contraste com a miséria e a sordidez que o rodeava. Você pode imaginar que uma pessoa que tivesse a oportunidade de passar alguns dias num lugar assim haveria de aproveitar cada momento, mas isso nem sempre acontecia. A maioria delas

ficava agradecida, é claro, a maioria apreciava o que estava sendo feito por elas, mas eram muitos os que também encontravam dificuldades. Com frequência surgiam brigas entre os albergados, qualquer coisa era capaz de gerar conflitos: a maneira como alguém comia ou coçava o nariz, as diferenças de opiniões, o tossir ou o roncar de um enquanto outros estavam tentando dormir, enfim, todas as alterações que costumam ocorrer quando as pessoas se veem subitamente reunidas sob o mesmo teto. Aquilo, embora nada tivesse de extraordinário, me parecia patético, uma triste e ridícula farsa que sempre voltava a ser representada. Quase todos os residentes do Lar Woburn haviam morado na rua durante muito tempo. Talvez o contraste entre a nova vida e a que haviam experimentado antes fosse um choque para eles. Você vai se acostumando a cuidar de si mesmo, a pensar exclusivamente em seu próprio bem-estar e, de repente, alguém vem lhe dizer que é preciso cooperar com um bando de desconhecidos, exatamente o tipo de gente da qual aprendeu a desconfiar. E, sabendo que dentro de poucos dias você estará novamente na rua, será que vale mesmo a pena alterar sua personalidade?

Outros residentes se mostravam quase decepcionados com o que encontravam no Lar Woburn. Eram os que haviam esperado tanto para ser admitidos, que suas expectativas já ultrapassavam os limites da razão, transformando o Lar Woburn num paraíso terreno, no objeto de todos os desejos de que eram capazes. A ideia de vir a ser acolhidos os mantivera vivos, porém, uma vez ali, o que experimentavam era o desengano. Não estavam penetrando num reino encantado, afinal. O Lar Woburn era um lugar delicioso, mas se situava no mundo real e não oferecia senão um pouco mais de vida, uma vida melhor quem sabe, todavia nada mais que a vida como a gente a conhece. Interessante era a rapidez com que todos se habituavam ao conforto material oferecido: camas e chuveiros, boa comida e roupa limpa, a oportunidade de não ter de fazer nada. Após dois ou três dias ali, homens e mulheres que até então iam buscar alimento nas latas de lixo tornavam-se capazes de sentar-se com toda pachorra a uma mesa caprichosamente decorada, vestidos da altivez e da compostura de um gordo cidadão da classe média. Talvez isso não seja tão estranho quanto pareça. Nós todos nos habituamos às coisas e, quando se trata de algo tão básico como alimento e abrigo, de algo que provavelmente nos pertence por direito natural, não demora para que o consideremos parte integrante de nós mesmos. Só quando as perdemos é que notamos as coisas que possuíamos. E, assim que as recuperamos, deixamos novamente de notá-las. Este era o problema de algumas pessoas no Lar Woburn. Havia passado privações por tanto tempo que já não conseguiam pensar em mais nada. Contudo, uma vez recuperadas as coisas perdidas, assombravam-se ao descobrir que nenhuma grande mudança lhes ocorrera. O mundo continuava a ser o que sempre fora. Estavam com a barriga cheia agora, porém nada mais se alterara afinal.

Sempre tomávamos o cuidado de alertar os residentes sobre as dificuldades do último dia, mas não creio que nossos conselhos fizessem bem a eles. É impossível estar preparado para uma coisa dessas, e não tínhamos como prever quem haveria de resistir ou não no momento crucial. Alguns eram capazes de partir sem traumas; no entanto havia os que não conseguiram enfrentar os fatos. Sofriam terrivelmente ante a ideia de ter de voltar às ruas, especialmente os delicados, os sensíveis, gente em sua maioria agradecida pela ajuda que vinham receber, e, em certas ocasiões, eu questionava seriamente a utilidade daquilo, e me perguntava se, na verdade, nada fazer não era melhor que oferecer presentes para, logo depois, tomá-los de volta. Havia uma crueldade fundamental no processo e, o mais das vezes, aquilo me parecia insuportável. Ver homens e mulheres adultos caírem subitamente de joelhos implorando por mais um dia. Testemunhar aquelas lágrimas, aqueles soluços, aquelas súplicas desesperadas. Alguns fingiam-se doentes, desmaiavam, simulavam paralisias, outros chegavam a se ferir deliberadamente: cortavam os pulsos ou as pernas com tesouras, amputavam os dedos das mãos ou dos pés. E, no limite extremo, havia os suicidas, ao menos três ou quatro de que me lembro. Julgávamos estar ajudando as pessoas no Lar Woburn, mas havia ocasiões em que, realmente, acabávamos por destruí-las.

A perplexidade, em todo caso, era imensa. A partir do momento em que admite a ideia de que pode haver algo de bom num lugar como o Lar Woburn, você mergulha num mar de contradições. Não basta simplesmente argumentar que os residentes deviam ficar mais tempo ali, particularmente se quiser ser imparcial. Pois, que fazer com todos os outros que ainda estão do lado de fora à espera de uma oportunidade de entrar? Para cada pessoa que ocupava um leito havia dezenas de outras pedindo para ser admitidas. O que é melhor? Ajudar um pouco um grande número de pessoas ou ajudar muito um número reduzido? Não creio que haja resposta para essa pergunta. O dr. Woburn iniciou o empreendimento de um modo determinado, e Victoria estava decidida a levá-lo a cabo. Isto não o tornava necessariamente mais correto, mas tampouco o tornava mais incorreto. A dificuldade não está tanto no método quanto na natureza do problema. Havia gente demais para ser ajudada e eram poucos os que podiam ajudar: uma aritmética poderosa e inexorável nos estragos que engendrava. Por mais que trabalhasse, você teria, obrigatoriamente, de fracassar. Apenas isso. A menos que estivesse disposto a admitir a extrema futilidade do trabalho, tudo o que podia fazer era prosseguir.

A maior parte do tempo eu me ocupava em entrevistar os candidatos a residentes, incluindo-lhes os nomes numa lista, organizando o catálogo dos que seriam acolhidos e estabelecendo as datas. As entrevistas eram feitas das nove da manhã à uma da tarde e, em média, eu falava com vinte ou vinte e cinco pessoas por dia. Conversava com cada uma delas em particular, no vestibulo da casa.

Devido a alguns incidentes desagradáveis ocorridos no passado, tais como ataques violentos, grupos tentando entrar à força, sempre contávamos com um guarda armado durante as entrevistas. Frick, com um fuzil, ficava do lado de fora, no alto da escada, vigiando a multidão, cuidando para que a fila avançasse organizadamente e nada escapasse ao controle. Às vezes havia muita gente lá fora, particularmente nos meses quentes. Não raro, agrupavam-se entre cinquenta e setenta e cinco pessoas na rua. Isso significava que a maioria dos entrevistados estivera esperando de três a seis dias, unicamente para falar comigo, dormindo na calçada, avançando centímetro a centímetro na fila, aguentando obstinadamente até que chegasse sua vez. Uma a uma, aquelas pessoas se aproximavam tropegamente, num fluxo interminável, incansável. Eu as mandava sentarem-se numa cadeira de couro vermelho, diante de mim, e lhes fazia as perguntas obrigatórias. Nome, idade, estado civil, última ocupação, último endereço permanente etc., coisa que não demorava mais que alguns minutos, porém, raramente as entrevistas terminavam aí. Todos queriam me contar suas histórias, e eu tinha de ouvir. Era sempre uma história diferente e, no entanto, sempre a mesma história. A má sorte, os enganos, o peso crescente das circunstâncias. Nossas vidas não passam de uma soma de múltiplas contingências e, por diversas que sejam nos detalhes, todas elas partilham uma acidentalidade essencial em seu fins: isto, depois aquilo e, por causa daquilo, isto. Um dia eu acordei e vi. Estava com a perna machucada e não consegui correr. Minha mulher disse, minha mãe caiu, meu marido esqueceu. Ouvi centenas dessas histórias, e houve ocasiões em que achei que já não as suportaria. Eu tinha de ser simpática, concordar no momento devido, mas as maneiras plácidas, profissionais, que tentava manter não eram mais que uma frágil defesa contra o que ouvia. Não estava preparada para acompanhar as histórias das moças que trabalhavam como prostitutas nas clínicas de eutanásia, não tinha talento para ouvir mães que me contavam como seus filhos haviam morrido. Era tudo muito cruel, muito impiedoso, e não me restava senão me esconder atrás da máscara da profissão. Colocava os nomes na lista e marcava uma data — dois, três, até quatro meses depois. Devemos ter uma vaga para você, então, dizia. Chegada a ocasião de ingressar no Lar Woburn, era também eu quem os recebia. Minha principal ocupação nas tardes consistia em mostrar a casa aos recém-chegados, explicar-lhes o regulamento, ajudá-los a se instalarem. A maioria tratava de chegar na data estabelecida tantas semanas antes, mas havia os que faltavam. Não era muito difícil saber a razão. O procedimento consistia em manter a cama desocupada durante todo um dia. Se a pessoa não aparecesse, eu retirava seu nome da lista.

Quem abastecia o Lar Woburn era um homem chamado Boris Stepanovich, que nos fornecia a comida de que necessitávamos, os sabonetes, as toalhas e tudo

mais. Aparecia quatro ou cinco vezes por semana para entregar os artigos encomendados e levar consigo algum dos tesouros do patrimônio Woburn: um jogo de chá chinês ou um de cobertura para móveis, um violino ou uma moldura, os muitos objetos armazenados nos quartos do quinto andar continuavam a fornecer o dinheiro que garantia o funcionamento do Lar. Segundo Victoria, havia muito que Boris Stepanovich vinha fazendo aquele trabalho, desde o tempo dos primeiros asilos do dr. Woburn. Aparentemente, os dois homens haviam se conhecido vários anos antes e, em face do que eu sabia sobre o médico, surpreendia-me que tivesse amigos de caráter tão duvidoso quanto o daquele homem.

Creio que sua relação estava ligada ao fato de o doutor ter lhe salvado a vida certa vez, mas é possível que houvesse uma outra razão. Ouvi diferentes versões da história e nunca pude saber qual delas era a verdadeira.

Boris Stepanovich era um homem espigado, de meia-idade, quase gordo para os padrões da cidade. Tinha preferência por roupas extravagantes (chapéus de pele, bengala, flor na lapela), e em seu rosto redondo e rijo havia qualquer coisa que lembrava um cacique ou um potentado oriental. Tudo o que fazia dava essa impressão, até mesmo sua maneira de fumar — segurando o cigarro firmemente entre o polegar e o indicador, tragando com elegante displicência e, depois, soltando a fumaça pelas vastas narinas, feito uma chaleira com água fervendo. Geralmente, era difícil acompanhar sua conversa e, à medida que comecei a conhecê-lo melhor, aprendi a esperar muita confusão toda vez que ele abria a boca. Tinha predileção pelos pronunciamentos obscuros e pelas alusões elípticas, e costumava florear as observações mais simples com tal profusão de ornamentos que a gente não demorava a se perder ao tentar compreendê-lo. Boris tinha horror a ser ludibriado, e utilizava a linguagem como um meio de locomoção, constantemente em movimento, voando, fugindo, circulando, desaparecendo para, subitamente, reaparecer noutro lugar. Contava-me tantas histórias sobre si mesmo de uma vez, apresentava tantos relatos conflitantes que acabei por desistir de acreditar nele. Um dia, afirmava ter nascido na cidade e aqui ter passado toda sua vida. Noutro, como que esquecido da história anterior, dizia ter nascido em Paris, sendo o filho mais velho de uma família russa emigrada. A seguir, desmentindo tudo novamente, confessava que Boris Stepanovich não era seu nome verdadeiro. Devido a desagradáveis dificuldades com a polícia turca na juventude, assumira uma falsa identidade. Desde então, mudara tantas vezes de nome que já não sabia quem era.

— Não faz mal — dizia. — A gente tem de viver cada momento. Que importa saber quem você era no mês passado se sabe quem é hoje?

Também dizia ter nascido como índio algonquino, mas, com a morte do pai, sua mãe se casara com um conde russo. Quanto a ele mesmo, ora se dizia solteiro, ora afirmava ter casado três vezes, dependendo das conveniências do

momento. Sempre que relatava uma de suas histórias pessoais era para provar alguma coisa, como se, partindo de sua própria experiência, pudesse reivindicar autoridade sobre o tema em questão. Por essa razão, exercera todas as profissões imagináveis, do mais humilde trabalho manual à mais elevada posição executiva. Fora lavador de pratos, prestidigitador, vendedor de automóveis, professor de Literatura, batedor de carteiras, corretor de imóveis, editor de jornal e gerente de uma grande loja de departamentos especializada em moda feminina. Sem dúvida, estou omitindo outras atividades, mas creio que você já pode ter uma ideia. Boris Stepanovich nunca esperava que acreditassem no que dizia, embora não considerasse mentiras as suas ficções. Elas faziam parte de um plano quase consciente de compor um mundo mais agradável para ele, um mundo capaz de mudar de acordo com seus caprichos e que não se sujeitava às leis e amargas necessidades que oprimiam a todos os demais. Se isto não o tornava um realista no sentido estrito da palavra, tampouco chegava a iludi-lo. Boris Stepanovich não era tão jactancioso quanto parecia, e, sob seus blefes e meias verdades, escondiam-se os vestígios de alguma outra coisa, uma agudeza, uma percepção talvez mais profunda. Não chegaria a afirmar que era uma boa pessoa (não da maneira como Isabel e Victoria eram boas), mas tinha lá suas regras e se apegava a elas. Ao contrário de todos os que conheci aqui, conseguia pairar acima das circunstâncias. A fome, os assassinatos, as piores formas de crueldade, ele passava ao largo ou mesmo através de tudo isso sem se deixar afetar. Era como se, capaz de antecipar todas as possibilidades, não se deixasse surpreender pelos acontecimentos. Sua atitude estava impregnada de um pessimismo tão profundo, tão devastador, tão em harmonia com os fatos, que o fazia realmente capaz de ser alegre.

Uma ou duas vezes por semana, Victoria me pedia que o acompanhasse em suas rondas pela cidade, as “expedições de compra e venda”, como ele as chamava. Embora não chegasse a representar uma grande ajuda para ele, eu ficava contente em poder abandonar meu trabalho ainda que apenas por algumas horas. Victoria sabia disso e tinha o cuidado de me oferecer aquelas tréguas. Eu continuava com péssima disposição de ânimo e me sentia muito vulnerável, facilmente contrariada, mal-humorada, pouco comunicativa sem razão aparente. Boris Stepanovich era, provavelmente, um bom remédio para mim, e eu passei a encarar nossas excursões como um modo de romper a monotonia de meus pensamentos.

Nunca cheguei a testemunhar as compras de Boris (onde conseguia a comida para o Lar Woburn e os demais artigos que lhe encomendávamos), porém, muitas vezes o observei vendendo os objetos que Victoria lhe entregava. Embora ele ficasse com apenas dez por cento do resultado daquelas transações, quem o visse negociar acreditaria que ficaria com tudo. Boris tinha por princípio jamais procurar o mesmo agente de ressurreição mais de uma vez por mês.

Conseqüentemente, percorria toda a cidade, tomando cada vez um novo rumo, penetrando com freqüência em territórios desconhecidos para mim. Boris tivera um carro, um Stutz Bearcat, afirmava, mas as ruas já não eram dignas de confiança e ele, atualmente, fazia todo o caminho a pé. Levando debaixo do braço o objeto entregue por Victoria, ia improvisando as rotas à medida que avançávamos, sempre tomando o cuidado de evitar as multidões. Guiava-me pelas ruas mais afastadas e desertas, caminhando agilmente pelas calçadas esburacadas, navegando entre os azares e armadilhas, desviando-se ora para a esquerda, ora para a direita, sem jamais alterar a cadência dos passos. Deslocava-se com agilidade surpreendente para um homem de seu porte, sempre acompanhado pelas dificuldades. Cantarolando consigo mesmo, tagarelando sobre uma coisa ou outra, Boris parecia dançar nervosa e alegremente, e eu o seguia. Devia conhecer todos os agentes de ressurreição, com cada um dos quais tinha um procedimento diferente: de alguns, aproximava-se de braços abertos, outros, abordava com voz discretamente baixa. Cada personalidade tinha seu lado vulnerável, e Boris tratava de explorá-los todos. Caso um agente tivesse um fraco por lisonjas, Boris lisonjeava; caso tivesse predileção pelo azul, oferecia-lhe algo dessa cor. Uns preferiam um comportamento discreto, outros gostavam de mais camaradagem, e havia os que mantinham um procedimento estritamente profissional. Boris satisfazia a todos, mentindo sem o menor constrangimento. Aquilo fazia parte do jogo e em momento algum perdia de vista que se tratava de um jogo. Suas histórias eram absurdas, mas ele as inventava tão rapidamente, enriquecia-as com detalhes tão elaborados, falava com tanta convicção, que era difícil não se deixar absorver.

— Meu caríssimo amigo — dizia, por exemplo. — Olhe com atenção para esta xícara. Pegue-a se quiser. Feche os olhos, aproxime-a dos lábios, imagine-se tomando chá como eu fazia, há trinta anos, na sala de visitas da condessa Oblomov. Eu ainda era moço, estudava Literatura na universidade, e era magro, acredita?, magro e educado, com belos cabelos crespos. A condessa era a mulher mais encantadora de Minsk, uma jovem viúva, dona de um charme extraordinário. O conde, herdeiro da grande fortuna Oblomov, morrerá num duelo (um caso de honra que não preciso discutir aqui) e você pode imaginar o efeito que isto causou nos homens de sua classe. Havia legiões de pretendentes, seus salões eram a inveja de Minsk. A lembrança da incrível beleza daquela mulher nunca me abandonou: o cabelo ruivo e brilhante; os brancos e palpantes seios; o fulgor inteligentíssimo dos olhos e... sim, um leve toque de malícia. Era capaz de enlouquecer. Disputávamos uns com os outros para obter sua atenção, tínhamos adoração por ela, escrevíamos poemas, estávamos todos delirantemente apaixonados. Contudo, fui eu, o jovem Boris Stepanovich, fui em quem conseguiu merecer os favores daquela singular tentadora. Digo-o com toda modéstia. Se você tivesse me conhecido então, haveria de compreender como

isso foi possível. Tínhamos encontros nos mais longínquos recantos da cidade, encontros na madrugada, secretas visitas a minha mansarda (ela passava disfarçada pelas ruas), e houve um longo e dilacerante verão que passei como hóspede em sua casa de campo. A condessa me inundou com sua generosidade (não só com suas virtudes pessoais que já teriam bastado, asseguro, mais que bastado!), com os presentes que trazia, com a infinita cortesia com que me tratava. As obras de Pushkin encadernadas em couro. Um samovar de prata. Um relógio de ouro. Tantas coisas que eu nunca poderia enumerá-las. Entre elas, havia um refinadíssimo jogo de chá que pertencera a um membro da família real francesa (o duque de Fântomas, creio), que só usava quando ela vinha me visitar, exclusivamente naquelas ocasiões em que a paixão a impelia a percorrer as ruas cobertas de neve de Minsk para se atirar em meus braços. Mas, ai de mim!, o passar do tempo é cruel. O jogo de chá não foi poupado: os pires racharam, as xícaras quebraram, um mundo inteiro se perdeu. Todavia, uma única peça sobrevive ainda, meu último vínculo com o passado. Trate-a com carinho, amigo. O que você tem nas mãos é parte de minha vida.

Acho que sua habilidade consistia em fazer viver as coisas inertes. Boris Stepanovich afastava os agentes de ressurreição dos objetos, atraindo-os a um reino onde a mercadoria deixava de ser uma xícara para se transformar na condessa Oblomov em pessoa. Pouco importava que tais histórias fossem verdadeiras ou não. Bastava que a voz de Boris começasse a soar para que o resultado final fosse o esperado. Aquela voz era, provavelmente, sua melhor arma. Ele contava com uma fabulosa variação de tons e modulações, seus discursos eram um vaivém de sons ásperos e suaves que faziam com que as palavras subissem e descessem à medida que se derramavam num denso e intrincado caudal de sílabas. Boris tinha uma fraqueza por repetições e sentimentalismos, mas, apesar do linguajar monótono, suas histórias eram extraordinariamente vivas. Convencer era o principal, e ele não hesitava em lançar mão dos recursos mais baixos. Se preciso, era capaz de derramar lágrimas de verdade; se a situação exigisse, chegava a atirar um objeto no chão. Certa vez, para provar sua confiança num jogo de copos aparentemente frágeis, passou mais de cinco minutos fazendo malabarismo com eles. Eu sempre ficava um tanto embaraçada em face daquele teatro, mas não havia dúvida que funcionava. O valor, afinal, é determinado pela oferta e a demanda, e a demanda de antigas preciosidades não era lá muito grande. Somente os ricos podiam comprá-las, os especuladores do mercado negro, os traficantes de lixo, os próprios agentes de ressurreição, e seria bobagem insistir em sua utilidade. Na verdade, tratava-se de extravagâncias, de meros símbolos de riqueza e poder. Por isso ele contava aquelas histórias sobre a condessa Oblomov e os duques franceses do século 18. Ao comprar um vaso antigo de Boris Stepanovich, você estava, ao mesmo tempo, adquirindo um mundo.

O apartamento de Boris ficava num pequeno edifício da Avenida Turquesa, a uns dez minutos do Lar Woburn. Depois de fazer negócio com os agentes de ressurreição, era comum irmos até lá tomar uma xícara de chá. Ele gostava muito de chá e costumava servir algum tipo de guloseima para acompanhar — luxos escandalosos da Casa dos Bolos, no Bulevar Windsor: bolos de creme ou de canela, bombas de chocolate, tudo comprado a preços exorbitantes. Boris não conseguia resistir a esses pequenos prazeres, no entanto, e os saboreava lentamente, mastigando enquanto sua garganta emitia um leve ruído musical, um permanente murmúrio subterrâneo a meio caminho entre o riso e um prolongado suspiro. Eu também tinha prazer nesses lanches, embora menos pela comida que pela insistência de Boris em partilhá-los comigo.

— Essa viuvinha está muito pálida — dizia. — Temos de pôr mais carne nesses ossos, devolver a cor a essas bochechas, dar mais brilho aos olhos da senhorita Anna Blume.

Agradava-me aquele tratamento e, às vezes, eu tinha a sensação de que o entusiasmo de Boris não era senão uma farsa que ele representava em meu benefício. Fazia o papel de palhaço, de canalha, de filósofo; contudo, quanto mais o conhecia, mais eu notava que aqueles não eram senão diferentes aspectos de sua personalidade, armas reunidas num esforço para devolver-me à vida. Tornamo-nos bons amigos, e eu devo muito a Boris por sua compaixão, pelo tortuoso e persistente ataque que desencadeava contra as fortalezas de minha amargura.

O velho apartamento contava três cômodos nos quais, durante anos, foram-se acumulando peças de cerâmica, roupas, malas, cobertores, tapetes, enfim, todo tipo de antiguidades. Ao voltar para casa, Boris ia imediatamente para o quarto, tirava o terno, pendurava-o cuidadosamente no guarda-roupa, calçava chinelos, vestia uma velha calça e o roupão de banho. Este era uma fantástica reminiscência do passado, uma longa peça de veludo vermelho, com gola e punhos de pele de lontra, agora completamente surrada, toda puída nas costas e com buracos de traças nas mangas, mas Boris o envergava com sua costureira altive. Depois de esticar para trás o ralo cabelo e untar o pescoço com água-de-colônia, retornava a passos largos à estreita e empoeirada sala de visitas a fim de preparar o chá.

A maior parte do tempo, entretinha-me com histórias de sua vida, mas havia ocasiões em que ficava olhando para os vários objetos da sala e falando sobre eles, as caixas com publicações pornográficas, os pequenos e estranhos tesouros, os detritos de mil expedições de compra e venda. Boris se orgulhava particularmente de sua coleção de chapéus guardada num enorme baú de madeira junto à janela. Não sei quantos havia ali, mas os calculo em uma ou duas dúzias, talvez até mais. De vez em quando, ele apanhava um par para que usássemos enquanto estávamos tomando chá. Essa brincadeira o divertia muito,

e, embora me seja difícil explicar por quê, confesso que também gostava dela. Eram chapéus de caubói, chapéus-coco, barretes turcos, capacetes, quepes, boinas, tudo o que você puder imaginar. Cada vez que lhe perguntava por que os colecionava, Boris me dava uma resposta diferente. Numa ocasião, disse-me que usar chapéu fazia parte de sua religião; noutra, explicou-me que cada peça de sua coleção pertencera a um parente, e que as punha na cabeça a fim de comungar com as almas dos antepassados: ao usá-las, adquiria as qualidades espirituais de seu antigo dono. Cada chapéu tinha um nome, mas eu os considerava mais uma projeção de seus sentimentos íntimos que a representação de pessoas realmente existentes. O barrete turco, por exemplo, chamava-se tio Abduhl, o chapéu-coco era o *sir* Charles, o quepe, o professor Solomon. Contudo, noutra ocasião em que voltei a tocar no assunto, Boris esclareceu que gostava de usar chapéus porque eles impediam que se lhe escapassem os pensamentos. Pondo-os na cabeça enquanto estávamos tomando chá, seríamos capazes de conversas mais inteligentes e estimulantes. “*Le chapeau influence le cerveau*” dizia, empregando o francês, “*Si on protège la tête, la pensée n’est plus bête.*”

Houve uma única vez em que Boris pareceu baixar a guarda, e foi durante a conversa de que mais me lembro, a que mais vivamente se destaca para mim. Estava chovendo aquela tarde, uma chuva persistente e funesta, e eu me demorei mais tempo que de costume, relutando em deixar o calor do apartamento e voltar para o Lar Woburn. Boris se mostrara estranhamente pensativo, e fui eu quem falara a maior parte do tempo. Quando, enfim, tomei coragem para vestir o casaco e me despedir (lembro-me do cheiro da lã úmida, dos reflexos das velas na janela, da profunda intimidade do momento), Boris me tomou a mão e a reteve firmemente entre as suas, erguendo os olhos para mim com um sorriso tenso e enigmático.

— Você precisa compreender que é tudo uma ilusão, meu bem — disse.

— Acho que não sei do que está falando, Boris.

— O Lar Woburn. Foi construído sobre alicerces de vento.

— Parece-me bastante sólido. Passo lá os dias, você sabe, e a casa nunca se moveu. Nem sequer vacilou.

— Por enquanto não. Espere mais um pouco e saberá sobre o que estou falando.

— Quanto tempo significa “mais um pouco”?

— Pouco. Os quartos do quinto andar já não dão para muito, compreende?, cedo ou tarde não haverá mais o que vender. O estoque está se reduzindo, e, quando terminar, não haverá como substituí-lo.

— E isso é tão terrível? Tudo tem um fim, Boris. Não vejo por que o Lar Woburn haveria de ser eterno.

— Para você é fácil dizer isso. Mas o que será de Victoria?

— Victoria não é boba. Tenho certeza de que já pensou nisso.

— Mas Victoria também é teimosa. Vai prosseguir até o último glote e, depois, não estará em melhor situação que as pessoas que vem tentando ajudar.

— Problema dela, não?

— Sim e não. Prometi a seu pai que cuidaria dela, e não estou disposto a quebrar minha promessa. Se você ao menos a tivesse conhecido quando era jovem, há muitos anos, antes do colapso. Tão linda, tão cheia de vida. Atormenta-me pensar que possa lhe acontecer algo de ruim.

— Você me surpreende, Boris. Está muito sentimental.

— Acho que cada um de nós fala sua própria linguagem dos fantasmas. Li os grafites nas paredes, e nada me animou. Os recursos do Lar Woburn se esgotarão. É claro que tenho fundos adicionais aqui no apartamento — Boris fez um gesto amplo que abarcava todos os objetos da sala —, mas eles também se esgotarão rapidamente. Se não começarmos a olhar para a frente, não haverá recursos para nenhum de nós.

— Que está querendo dizer?

— Faça planos. Considere as possibilidades. Aja.

— E você espera que Victoria me acompanhe?

— Não necessariamente. Mas, se você estiver do meu lado, haverá pelo menos uma chance.

— O que o faz acreditar que eu possa ter influência sobre ela?

— Os olhos que possuo. Vejo o que está acontecendo lá, Anna. Victoria nunca se relacionou com ninguém como com você. Está positivamente fascinada.

— Somos apenas amigas.

— É mais do que isso, meu bem. Muito mais do que isso.

— Não sei o que está querendo dizer.

— Saberá. Cedo ou tarde você compreenderá cada uma das palavras que estou dizendo. Garanto.

Boris tinha razão. De fato, acabei compreendendo. De fato, tudo o que estava a ponto de acontecer aconteceu. Mas eu demorei muito a entender. Na verdade, só consegui entender quando fui atingida no rosto — coisa, aliás, perdoável, uma vez que sou a pessoa mais ignorante do mundo.

Tenha paciência comigo. Sei que estou começando a vacilar, mas as palavras não me saem com fluência quando se trata de dizer o que estou querendo dizer. Procure imaginar como eram as coisas então, aquela sensação de condenação, aquela atmosfera irreal que parecia pairar sobre nós a cada momento. Lesbianismo é apenas um termo clínico que não dá a dimensão dos fatos. Victoria e eu não nos tornamos “um casal” no sentido ordinário da palavra. Na verdade, cada uma de nós passou a ser um refúgio para a outra, o lugar onde a gente podia encontrar consolo na solidão. No fim das contas, o sexo era a parte menos importante. Um corpo, afinal, é apenas um corpo, e pouco importa se a

mão que está tocando a gente pertence a um homem ou a uma mulher. Ficar com Victoria me dava prazer, mas também me dava coragem para voltar a viver no presente. E era isso o que mais contava. Deixei de olhar para trás o tempo todo e, pouco a pouco, isso começou a curar algumas das inúmeras feridas que trazia dentro de mim. Não cheguei a me recuperar por completo, mas, pelo menos, deixei de odiar minha vida. Uma mulher se apaixonara por mim, e eu descobrira que era capaz de amá-la. Não lhe peço que compreenda isso, aceite-o simplesmente como um fato. Há muitas coisas de que me arrependo na vida, mas esta não é uma delas.

Começou lá pelo fim do verão, três ou quatro meses após minha chegada ao Lar Woburn. Victoria entrou em meu quarto para uma de nossas conversas noturnas; lembro-me de que estava morta de cansaço, com dor nas costas e sentindo-me mais desanimada que nunca. Ela começou a me massagear as costas de modo agradável, tentando relaxar-me os músculos numa atitude fraternal de que qualquer um é capaz em circunstâncias semelhantes. Havia meses que ninguém me tocava, desde a última noite que passara com Sam, e eu quase já me esquecera de como é bom ser massageada daquela maneira. Victoria corria as mãos por minha espinha e, às vezes, as escorregava por baixo de minha camiseta, tocando-me a pele. Era deliciosa a sensação que me provocava, e não demorou para que eu me entregasse ao prazer que me invadia, como se meu corpo estivesse a ponto de se desintegrar. Porém, mesmo então, creio que nenhuma de nós sabia o que ia acontecer. Foi um processo lento, tortuoso, que passava de um estágio para outro sem objetivo consciente. Houve um momento em que o lençol escorregou descobrindo-me as pernas, e eu não me dei ao trabalho de voltar a cobri-las. Victoria continuou a passar a mão em meu corpo, percorrendo-me as pernas e as nádegas, acariciando-me os flancos, os ombros e, por fim, já não havia lugar em que eu não desejasse ser tocada. Voltando-me para ela, vi-a debruçada sobre mim, nua sob o roupão de banho, com um seio de fora. “Você é tão linda”, disse-lhe, “acho que quero morrer.” E, erguendo-me um pouco, comecei a beijar aquele peito, aquele belo seio redondo e muito maior que o meu, e, beijando-lhe a aréola rosada, passei a língua pelo traçado levemente azul das veias que se desenhavam pouco abaixo da superfície. Era tudo espantoso e solene para mim, e, nos primeiros momentos, tive a sensação de estar possuída por um desses desejos que só existem na penumbra dos sonhos, mas isso não durou muito, fui me deixando levar, entreguei-me completamente.

Desde então passamos a dormir juntas, e eu comecei finalmente a me sentir em casa ali. A natureza do trabalho no Lar Woburn era muito desmoralizante sem alguém com quem contar, sem um lugar permanente onde ancorar meus sentimentos. Eram muitas as pessoas que iam e vinham, demasiadas vidas que passavam por mim e, quando eu começava a conhecer uma pessoa, ela já

estava fazendo as malas para partir. Então, uma nova pessoa viria, dormiria na cama antes ocupada pela outra, sentar-se-ia na mesma cadeira, caminharia pelo mesmo chão e, logo, também teria de partir, e o processo voltaria a se repetir. Victoria e eu, ao contrário, estávamos ali uma para a outra, nos bons e nos maus momentos, como costumávamos dizer, e aquilo era a única coisa que não se alterava apesar das mudanças que ocorriam a nossa volta. Em virtude dessa ligação, fui capaz de me reconciliar com o trabalho e isto, por sua vez, teve um efeito tranquilizador sobre meu espírito. Depois, aconteceram outras coisas, e já não foi possível continuarmos como antes. Vou falar rapidamente nisso, mas o importante foi que nada realmente chegou a mudar. O vínculo continuou existindo, e eu compreendi, de uma vez por todas, que pessoa extraordinária era Victoria.

Foi em meados de dezembro, no primeiro período de frio mais rigoroso. O inverno não chegaria a ser tão brutal quanto o anterior, mas ninguém podia saber disso antecipadamente. O frio trouxe consigo as tristes lembranças do ano precedente, e a gente podia sentir o pânico crescente nas ruas, o desespero das pessoas tentando preparar-se para o pior. As filas à porta do Lar Woburn tornaram-se mais longas que nos últimos meses e eu tive de fazer horas extras para dar conta daquela multidão. Na manhã a que me refiro, lembro-me de ter entrevistado dez ou onze pessoas em rápida sucessão, cada uma com uma história terrível para contar. Uma delas — seu nome era Melissa Reilly, uma mulher de cerca de sessenta anos — estava tão perturbada que chegou a cair e gritar diante de mim, agarrando-me a mão e suplicando que a ajudasse a encontrar o marido que, tendo saído em junho, nunca mais voltara.

— Que quer que eu faça? — perguntei. — Não posso abandonar meu trabalho para sair por aí com você, tenho muito o que fazer. — Ela, porém, continuou a gritar, e eu acabei me zangando com sua insistência. — Olhe — disse-lhe —, você não é a única mulher nesta cidade que perdeu o marido. O meu também desapareceu há tanto tempo quanto o seu e, pelo que posso saber, está tão morto quanto ele. Por acaso estou chorando e arrancando o cabelo? A gente tem de enfrentar essas coisas.

Eu me censurava por estar dizendo aquelas vulgaridades, por tratá-la com tanta grosseria, mas, com todo aquele blablablá incoerente e histérico sobre o sr. Reilly e seus filhos, sobre a viagem de núpcias que haviam feito trinta e sete anos antes, ela não me deixava pensar. Por fim, disse-me:

— Uma sacana feito você não merece ter marido e, além do mais, pode enfiar o seu maravilhoso Lar Woburn no cu. Se o doutor ouvisse o que você está dizendo, se viraria na sepultura.

Foi qualquer coisa assim, não consigo me lembrar exatamente de suas palavras. Pondo-se de pé, foi embora num último acesso de indignação. A seguir, apoiando a cabeça na escrivaninha, fechei os olhos e me perguntei se não estava

cansada demais para seguir entrevistando aquele dia. O incidente fora desastroso, eu cometera o erro de deixar extravasar meus sentimentos. Não havia desculpa para minha atitude, não era justificável eu ter descarregado meus problemas numa desgraçada mulher que, obviamente, devido ao sofrimento, estava fora de si. Devo ter cochilado naquele momento, talvez durante cinco minutos, talvez por um ou dois segundos apenas, não tenho certeza. Tudo o que sei é que pareceu haver uma distância infinita entre aquele momento e o seguinte, entre fechar e abrir os olhos. Quando os abri, vi Sam diante de mim, sentado na cadeira a minha frente, pronto para ser entrevistado. A princípio, imaginei que ainda estava dormindo. “É uma alucinação”, pensei. “É um desses sonhos nos quais você se imagina acordado, mas o acordar é apenas parte do sonho.” Depois, disse para mim mesma: “Sam”, e compreendi, imediatamente, que não podia ser outra pessoa. Era mesmo Sam, mas também não era. Tratava-se de Sam num outro corpo, com cabelos grisalhos e feridas no rosto, com os dedos enegrecidos, crispados, e vestindo farrapos. Estava ali com uma expressão ausente, vaga, nos olhos, mergulhado em si mesmo, extremamente perdido. Vi tudo num instante, num piscar de olhos. Era Sam, mas ele não me reconhecia, não sabia quem eu era. Meu coração palpitou, cheguei a pensar que ia desmaiar. Então, muito lentamente, duas lágrimas lhe escorreram dos olhos. Estava mordendo o lábio inferior, e o queixo lhe tremia descontroladamente. De súbito, todo seu corpo começou a se agitar, o ar lhe jorrava da boca, e o soluço que estava tentando conter lhe escapou dolorosamente. Afastando de mim o olhar, tentou ainda controlar-se, mas os espasmos continuavam a lhe sacudir o corpo, e o ruído sufocado e áspero ainda lhe escapava dos lábios cerrados. Levantei-me, caminhei tropeçadamente até o outro lado da mesa e o envolvi nos braços. No momento em que o toquei, ouvi o barulho do jornal amassado que lhe forrava o casaco. A seguir, comecei a chorar, e já não pude parar. Abraçando-o com toda força, mergulhei o rosto no pano de seu casaco. Eu não conseguia parar.

Isso foi há mais de um ano. Passaram-se semanas antes que Sam estivesse em condições de falar sobre o que lhe acontecera, mas, mesmo então, seus relatos eram vagos, inconsistentes e cheios de lacunas. Dizia que tudo parecia se fundir, e lhe era difícil distinguir os contornos dos fatos, não conseguia desemaranhar um dia do outro. Lembrava-se de ter esperado por mim no quarto até as seis ou sete horas do dia seguinte e, depois, de ter finalmente saído a minha procura. Era mais de meia-noite quando retornou, e encontrou a biblioteca em chamas. Permaneceu em meio à multidão que acorria a observar o incêndio e, depois, quando o telhado finalmente desabou, viu nosso livro queimar com tudo quanto havia no edifício. Disse ter conseguido ver, mentalmente, o exato momento em que as chamas penetraram em nosso quarto e devoraram as páginas do manuscrito.

Depois disso, tudo se tornara indefinido para ele. Estava com o dinheiro no bolso, a roupa do corpo e nada mais. Durante dois meses, quase nada fizera senão procurar por mim, dormindo onde encontrava lugar, comendo somente quando não conseguia evitá-lo. Desse modo, lograra sobreviver, mas, no fim do verão, seu dinheiro quase acabara. Pior ainda, disse ele, finalmente desistira de seguir procurando. Estava convencido de minha morte e já não suportava continuar se torturando com falsas esperanças. Tendo-se retirado a um canto do Terminal Diógenes, a antiga estação de trem da zona noroeste da cidade, passara a viver entre mendigos e loucos, as sombras humanas que erravam nos longos corredores e nas salas de espera abandonadas. Foi como transformar-se num animal, disse ele, numa criatura subterrânea em hibernação. Uma ou duas vezes por semana, trabalhava carregando peso para os catadores de lixo, em troca das ninharias que lhe davam, mas a maior parte do tempo não fazia nada, não se movia a menos que fosse obrigado.

— Renunciei a tentar ser alguém — contou-me. — O objetivo de minha vida era retirar-me do meio ambiente, viver num lugar onde nada pudesse me ferir novamente. Tentei abandonar, um a um, os meus compromissos, largar todas as coisas que me importavam. Minha intenção era a de alcançar a indiferença, uma indiferença tão poderosa e sublime que fosse capaz de me proteger contra toda agressão. Despedi-me de você, Anna; despedi-me do livro; despedi-me da ideia de voltar a nossa terra. Cheguei a tentar me despedir de mim mesmo. Pouco a pouco, tornei-me tão sereno quanto Buda, sentado em meu canto, sem dar atenção ao mundo a minha volta. Não fosse por meu corpo — as ocasionais exigências do estômago e dos intestinos —, poderia não ter voltado a me mover. Nada desejar, eu me dizia, nada ter, nada ser. Não conseguia imaginar melhor solução. No final, estive muito próximo de viver a vida de uma pedra.

Demos a Sam o quarto do segundo andar que eu ocupara antes. Ele se encontrava num estado terrível que, pelo menos nos primeiros dias, nos suscitou inquietação. Eu passava quase todo o tempo a seu lado, faltando tanto quanto possível aos outros deveres, mas Victoria nunca fez objeções. Foi isso o que achei mais admirável nela. Não só não fazia objeções como até me estimulava. Havia algo de sobrenatural em sua compreensão da situação, em sua habilidade para absorver o súbito, quase violento, fim da situação que vinhamos levando. Eu esperava que chegasse a forçar uma revelação, que irrompesse em alguma demonstração de decepção ou ciúme, mas nada disso ocorreu. Sua primeira reação à notícia foi de alegria. Alegria por mim, alegria pelo fato de Sam estar vivo. Depois, passou a trabalhar tanto eu para que ele se recuperasse. Sofrera uma perda pessoal, mas não deixava de ver que a presença dele significava um ganho para o Lar Woburn. A ideia de ter mais um homem na equipe, especialmente um homem como Sam, que nem era velho como Frick nem tolo e inexperiente como Willie, era-lhe uma compensação suficiente.

Aquela ingenuidade me parecia um tanto assustadora, porém, nada era mais importante para Victoria que o Lar Woburn. Nem mesmo eu, nem mesmo ela própria, se é que se pode conceber tal coisa. Não quero ser excessivamente simplista, mas, com o passar do tempo, quase cheguei a crer que Victoria deixara que eu me apaixonasse por ela para que me recuperasse. Agora que eu estava em boas condições, desviava o foco de sua atenção para Sam. O Lar Woburn era sua única realidade, compreende?, e, em última instância, nada existia que pudesse ter maior importância.

Finalmente, Sam veio morar comigo no quarto andar. Pouco a pouco, voltou a recuperar o peso, pouco a pouco, tornou a ser a pessoa que fora, muito embora nem tudo pudesse voltar a ser o mesmo para ele, nem agora nem nunca. Não estou me referindo às duras provas a que seu corpo fora submetido — o cabelo prematuramente grisalho, os dentes perdidos, o leve mas persistente tremor nas mãos —, estou me referindo também a seu interior. Sam já não era o jovem arrogante com quem eu vivera na biblioteca. Mudara com as experiências, fora quase humilhado por elas, e suas maneiras tinham, agora, um ritmo mais lento e suave. Falava com frequência em retomar o livro, mas eu notava que já não tinha fé no empreendimento. O livro deixara de ser uma solução para ele e, uma vez perdida aquela fixação, parecia mais capaz de entender as coisas que estavam lhe acontecendo, que estavam nos acontecendo a todos. Recuperou a energia e, vagarosamente, voltamos a nos acostumar um ao outro, se bem que minha impressão agora era a de que passáramos a nos relacionar em termos de igualdade. Talvez eu também tivesse mudado durante aqueles meses, mas o que notava era que Sam precisava mais de mim agora, e eu gostava de me sentir tão importante, gostava daquilo mais que de qualquer outra coisa neste mundo.

Ele começou a trabalhar lá pelo princípio de fevereiro. Primeiramente opôs-se ao serviço que Victoria lhe designara. Ela dizia ter pensado muitíssimo no assunto e, afinal, decidido que a melhor maneira de Sam servir aos interesses do Lar Woburn seria tornar-se o novo médico.

— A ideia pode lhe parecer estranha — argumentou ela —, mas desde a morte de meu pai temos tido muitas dificuldades. Falta coesão a este lugar, falta propósito. Oferecemos às pessoas alimento e agasalho por um curto espaço de tempo, e isso é tudo: um apoio mínimo que mal chega a ajudá-las. Antigamente, elas vinham porque desejavam estar perto de meu pai. Mesmo quando ele não as podia assistir como médico, estava presente, falava com elas e lhes ouvia os problemas. Isso é que importava. Sendo simplesmente quem era, fazia com que as pessoas se sentissem melhor. Além da comida, lhes era dada alguma esperança. Se tivéssemos outro médico agora, talvez conseguíssemos recuperar o espírito que a casa já teve.

— Mas Sam não é médico — contestei. — Seria uma mentira, e eu não compreendo como você há de ajudar uma pessoa, se a primeira coisa que faz é

mentir-lhe.

— Não é uma mentira — respondeu Victoria — É um disfarce. A gente mente por razões egoístas, mas, neste caso, não estamos em busca de vantagens pessoais. É para os outros, é uma maneira de lhes dar esperança. Enquanto pensarem que Sam é médico, acreditarão no que ele lhes disser.

— E se alguém descobrir? Estaremos liquidados. Ninguém voltará a acreditar em nós, nem quando lhes dissermos a verdade.

— Ninguém há de descobrir. Sam não poderá se trair porque não vamos praticar a medicina. Mesmo que quiséssemos, não teríamos remédios com que praticá-la. Contamos com alguns frascos de aspirina, uma ou duas caixas de gaze e nada mais. O simples fato de ele se autointitular doutor Farr não significa que esteja fazendo o que faz um médico. Falará, as pessoas lhe darão ouvidos. Apenas isso. Trata-se de um modo de dar a elas a oportunidade de recobrar as próprias forças.

— E se Sam não conseguir?

— Se não conseguir não conseguiu. Mas não podemos saber sem que ele tente, podemos?

Finalmente, Sam concordou em representar a farsa.

— É algo que eu jamais pensaria em fazer — disse ele —, nem que vivesse mais cem anos. Anna acha isso cínico e, pensando bem, creio que tem razão. Mas quem sabe se os próprios fatos não são igualmente cínicos? As pessoas estão morrendo lá fora e continuarão morrendo mesmo que lhes demos um prato de sopa ou lhes salvemos a alma. Não sei como contornar essa situação. Se Victoria acha que a presença de um falso médico com que conversar pode tornar as coisas mais fáceis para elas, quem sou eu para dizer o contrário? Não creio que isto chegue a ser uma grande ajuda, mas tampouco acho que possa prejudicar. Não deixa de ser uma tentativa, e estou disposto a fazê-la.

Não censurei Sam por ter aceitado, mas, durante algum tempo, continuei zangada com Victoria. Chocara-me vê-la justificar seu fanatismo com argumentos tão elaborados sobre o certo e o errado. Aquele plano — e você pode chamá-lo como quiser: uma mentira, um disfarce, um meio para se obter um fim — me parecia uma traição aos princípios de seu pai. Eu já tivera muitos conflitos de consciência a respeito do Lar Woburn, e, se chegara a aceitar aquele emprego, fora por Victoria. Sua retidão, a clareza de seus motivos, o rigor moral que nela encontrara — tudo isso servira de exemplo para mim e me dera forças para prosseguir. Agora, de repente, parecia haver dentro dela um reino sombrio que eu não notara antes. Eu devia estar desiludida e, durante algum tempo, fiquei realmente ressentida, realmente espantada com a ideia de que ela fosse uma pessoa como qualquer outra. Porém, mais tarde, à medida que fui compreendendo mais claramente a situação, minha raiva passou. Victoria conseguira ocultar a verdade, mas o fato era que o Lar Woburn estava à beira da

falência. O papel atribuído a Sam não passava de uma tentativa de resgatar os destroços de um naufrágio, uma pequena e excêntrica coda acrescentada a uma peça já tocada. Estava tudo acabado. Eu é que simplesmente ainda não o sabia.

Ironicamente, Sam fez sucesso em seu papel de médico. Todos os apetrechos estavam a sua disposição — o avental branco, a maleta negra, o estetoscópio, o termômetro — e ele os utilizava com perfeição. Sem dúvida parecia um médico, mas, após algum tempo, passou também a agir como se o fosse. Era incrível. No começo, eu via com má vontade aquela transformação, sem querer admitir que Victoria tivera razão; depois, entretanto, fui obrigada a aceitar os fatos. As pessoas reagiam bem a Sam, que era capaz de ouvi-las de um modo que lhes dava vontade de falar, e as palavras lhes fluíam da boca quando ele se sentava para lhes fazer companhia. Sua prática de jornalista o ajudava muito, porém agora ele estava imbuído de uma dose suplementar de dignidade, uma aura de benevolência na qual as pessoas confiavam e, por essa razão, contavam-lhe coisas que nunca ouvira antes. Era como ser um professor, dizia ele, e, pouco a pouco, começou a apreciar o bem que fazia permitindo que os outros se aliviassem — o efeito salutar de pronunciar as palavras, de liberar o que lhes acontecera. O perigo estava em acreditar demais no papel que representava, creio eu, mas Sam conseguia manter certa distância. Brincava com aquilo quando estávamos a sós e, às vezes, subia com uma nova coleção de nomes: dr. Shamuel Farr, dr. Treme-treme, dr. Beliche. Por trás daquela jovialidade, contudo, eu percebia que o trabalho significava para ele muito mais do que estava disposto a admitir. Sua posição de médico dera-lhe, subitamente, acesso aos pensamentos íntimos dos demais, e tais pensamentos passaram a fazer parte de seu ser. Seu mundo interior se ampliou, robusteceu-se, tornou-se mais capaz de absorver o que lhe era ofertado.

— É melhor não ter de ser eu mesmo — disse-me certa vez — Se eu não tivesse esta outra personalidade sob a qual me esconder, a que usa avental branco e exhibe um olhar simpático, não creio que pudesse suportar, as histórias haveriam de me esmagar. Agora, no entanto, eu tenho como ouvi-las, tenho como colocá-las em seu devido lugar, ao lado de minha própria história, ao lado da história daquele que já não preciso ser enquanto os estou ouvindo.

A primavera chegou mais cedo aquele ano, de modo que em meados de março o açafreão começou a florescer no quintal. Cachos amarelos e vermelhos a projetarem-se na erva, o verde a brotar entre poças de lama ressecadas. Até mesmo as noites eram quentes e, por vezes, Sam e eu íamos dar uma volta ali fora antes de nos recolher. Eram agradáveis aqueles momentos: às nossas costas, as janelas escuras da casa, sobre nós, o pálido cintilar das estrelas. Cada vez que saíamos para aqueles passeios, eu sentia que estava me apaixonando por ele novamente, admirando-o na escuridão, presa a seus braços e lembrando-me de

como havia sido no começo, nos dias do Terrível Inverno, quando morávamos na biblioteca e, todas as noites, olhávamos pela janela em forma de leque. Já não falávamos sobre o futuro. Não tínhamos planos nem pensávamos em voltar ao nosso país. O presente, agora, nos consumia inteiramente e, com todo o trabalho a ser executado diariamente, com toda a exaustão que dele resultava, não havia tempo para pensar em mais nada. Aquela vida tinha um equilíbrio fantasmagórico que entretanto não a tornava necessariamente ruim e, por vezes, eu quase me sentia feliz por vivê-la, feliz porque tudo continuava a ser como era.

Mas as coisas não podiam continuar, é claro. Era uma ilusão, como dissera Boris Stepanovich, e nada podia deter as mudanças que estavam por ocorrer. No final de abril, começamos a sentir o apuro. Victoria finalmente se rendeu e nos explicou a situação; a partir de então, uma a uma, as inevitáveis economias começaram a ser feitas. Em primeiro lugar, eliminaram-se as rondas das tardes de quarta-feira. Decidimos que já não podíamos seguir gastando dinheiro com o carro. O combustível era caríssimo e havia muita gente esperando à porta do Lar Woburn. Victoria achava que não havia necessidade de sair a sua procura, e nem mesmo Frick chegou a fazer objeções quanto a isso. Naquela mesma tarde, fomos dar uma volta pela cidade: Frick ao volante, com Willie a seu lado, Sam e eu atrás. Percorremos lentamente as avenidas periféricas, penetrando às vezes nos bairros para dar uma olhada, sentindo os solavancos provocados pelas pistas esburacadas. Nenhum de nós falou muito. Limitamo-nos a observar os lugares por onde passávamos, simplesmente sentados nos bancos e sentindo uma estranha desesperança enquanto rodávamos em círculos. Mais tarde, Frick guardou o carro na garagem e trancou a porta; creio que desde então não voltou a abri-la. Certa vez, quando estávamos juntos no jardim, ele apontou para lá e exibiu um amplo sorriso desdentado:

— As coisas que a gente vê, depois, não são — disse. — É dar adeus e esquecer. Só um brilho na cabeça, agora. Zás, vão embora, sabe? Já foram. Tudo brilha e, depois, esquece.

A seguir foram as roupas — tudo o que dávamos gratuitamente aos residentes, as camisas e sapatos, os paletós e os suéteres, as calças, os chapéus, os velhos pares de luvas. Boris Stepanovich comprava essas coisas por atacado de um fornecedor da quarta zona de recenseamento, mas este saíra do negócio, ou melhor, fora expulso por um consórcio de pistoleiros e agentes de ressurreição, e nós já não pudemos manter em atividade aquela parte da operação. Mesmo em melhores tempos, a aquisição de roupas consumia trinta a quarenta por cento do orçamento do Lar Woburn. Agora, chegado o período das vacas magras, só nos restava eliminar aquela despesa. Não houve cortes, não houve diminuições graduais, a coisa foi totalmente eliminada de uma vez, de uma hora para outra. Victoria inaugurou uma campanha intitulada “consertos conscientes”, armazenando vários tipos de instrumentos de costura, tais como agulhas, carretéis

de linha, retalhos, dedais, ovos de serzir meias etc., passando a fazer o possível para restaurar as roupas que as pessoas traziam no corpo ao chegar ao Lar. Tratava-se de economizar o máximo de dinheiro para a alimentação e, como esta era a coisa mais importante, a que mais bem fazia aos residentes, nós todos concordamos com a ideia. Entretanto, como o quinto andar continuava a se esvaziar, nem mesmo o abastecimento de gêneros alimentícios pôde suportar a erosão. Um a um, foram se eliminando produtos — açúcar, sal, manteiga, frutas, a pequena ração de carne que nos permitíamos, o ocasional copo de leite. Cada vez que Victoria anunciava um novo corte, Maggie Vine tinha um ataque, irrompendo numa terrível pantomima de palhaço a imitar uma pessoa em prantos, dando cabeçadas na parede, batendo os braços como se quisesse alçar voo. Não era fácil para nenhum de nós, em todo caso. Estávamos acostumados a ter o que comer e aquela privação causou um doloroso choque em nossos sistemas. Tive de aprender tudo novamente — o que significa ter fome, como separar a ideia de comer da expectativa de ter prazer, como aceitar o que me é dado e não pedir mais. No verão, nossa dieta se reduzira a uma variedade de cereal, tubérculos e raízes, tais como nabos, beterraba, cenouras. Tentamos plantar uma horta no quintal, mas as sementes eram raras e não conseguimos cultivar mais que alguns pés de alface. Maggie improvisava como podia, preparando algumas sopas ralas, cozinhando feijão com macarrão, amassando bolinhos em meio a uma nuvem de farinha, uma massa pegajosa que quase nos fazia vomitar. Comparado a nossa alimentação anterior, aquilo não passava de uma droga, mas era o que nos permitia seguir vivendo. O pior, na verdade, não era a qualidade da comida, mas a certeza de que as coisas só poderiam piorar. Pouco a pouco, a diferença entre o Lar Woburn e o resto da cidade começou a diminuir. Estávamos sendo devorados, e nenhum de nós sabia como impedir aquilo.

Então, Maggie partiu. Desapareceu um belo dia, e não encontramos um só indício capaz de nos dizer aonde fora. Deve ter saído quando estávamos dormindo lá em cima, mas, curiosamente, deixara todas as suas coisas. Se pretendia fugir, era lógico que fizesse a mala para a viagem. Willie passou dois a três dias procurando-a nas vizinhanças, mas não encontrou vestígio dela, nenhuma das pessoas com quem conversou a tinha visto. Ele e eu ficamos encarregados da cozinha. No entanto, quando estávamos começando a nos acostumar ao trabalho, algo novo aconteceu. Súbita e inesperadamente, morreu o avô de Willie. Tentamos nos consolar lembrando que Frick já era velho — quase oitenta anos, disse Victoria —, mas não adiantou muito. Morreu dormindo numa noite do começo de outubro, e foi o próprio neto quem encontrou o corpo: ao acordar, de manhã, notou que o avô ainda estava na cama; ao tentar acordá-lo, viu com horror o corpo do velho cair no chão. Foi duríssimo para o rapaz, é claro, mas cada um de nós, a sua maneira, sofreu com aquela morte. Sam chorou

lágrimas amargas aquele dia, e Boris Stepanovich, após receber a notícia, passou quatro horas sem falar com ninguém, pensando simplesmente. Victoria não deixou transparecer muito, mas depois tomou uma iniciativa tão temerária que eu compreendi o quanto estava próxima do mais extremo desespero. É totalmente ilegal enterrar os mortos. Todos os corpos são requeridos pelos Centros de Transformação, e quem transgride essa determinação está sujeito às mais severas punições: multa de duzentos e cinquenta gletes a ser paga no momento da intimação, ou exílio imediato a um dos campos de trabalho no sudoeste do país. Apesar disso, uma hora depois de se inteirar da morte de Frick, Victoria anunciou que pretendia sepultá-lo no quintal aquela tarde. Sam tentou dissuadi-la, mas ela não quis ouvi-lo:

— Ninguém ficará sabendo — respondeu. — E, mesmo que a polícia descubra, não importa. Temos de fazer o que é correto. Se nos curvamos ante uma lei idiota, perderemos a dignidade.

Tratava-se de um ato temerário, completamente irresponsável, mas, no fundo, creio que o estava fazendo por Willie. Ele era um rapaz de inteligência subnormal que, aos dezesseis anos, ainda estava preso à violência de um eu que quase nada compreendia do mundo a sua volta. Frick cuidara dele, pensara por ele, praticamente dera em seu lugar os passos da vida. Com a súbita morte do avô, o que seria do rapaz? Agora, ele precisava de um gesto nosso, da mais nítida e clara confirmação de nossa lealdade, de uma prova de que permaneceríamos a seu lado fossem quais fossem as consequências. O enterro implicava um risco enorme, porém, em vista do que aconteceu, não creio que Victoria estivesse cometendo um erro em insistir nele.

Antes da cerimônia, Willie foi à garagem, desparafusou a buzina do carro e passou quase uma hora polindo-a. Era uma daquelas buzinas antigas que a gente costuma ver nas bicicletas das crianças, se bem que maior e mais potente, com uma corneta de bronze e uma esfera de borracha preta quase do tamanho de uma toranja. Depois, ele e Sam abriram uma cova perto dos espinheiros brancos do quintal. Seis residentes levaram o corpo da casa à sepultura e, quando o estavam colocando na cova, Willie depositou a buzina no peito do avô, para que fosse enterrada com ele. Boris Stepanovich leu um curto poema que escrevera para a ocasião, e depois disso, Sam e Willie taparam a cova. Foi uma cerimônia sumária, sem orações nem música, mas o simples fato de a termos celebrado já significava muito. Estávamos todos reunidos ali, todos os residentes, todos os membros da equipe, e, quando terminou, quase todos tínhamos lágrimas nos olhos. Uma pequena pedra foi colocada sobre o tumulto, para marcar o lugar, e nós voltamos para casa.

Desde então, todos tentamos proteger Willie. Victoria lhe atribuiu novas responsabilidades, chegando até a permitir que ficasse de guarda, com o fuzil, quando eu estava fazendo as entrevistas no saguão, e Sam se esforçou por lhe

ensinar a barbear-se corretamente, a escrever o próprio nome, a somar e diminuir. Willie reagia bem a suas atenções. Não fosse por uma sinistra casualidade, creio que teria aprendido muito. Cerca de duas semanas após o enterro de Frick, no entanto, um policial da Corporação Central veio nos visitar. Era uma figura ridícula, um sujeito gorducho e avermelhado que ostentava um dos novos uniformes recentemente escolhidos para os funcionários daquele ramo de serviços: túnica vermelha, culotes brancos, botas pretas de couro e quepe. Ele rangia soberbamente dentro daquela roupa absurda e, como insistisse em manter o peito dilatado, cheguei realmente a crer que os botões fossem saltar. Cumprimentou-me batendo os calcanhares quando abriu a porta, e eu só não o enxotei porque vi a metralhadora que trazia ao ombro.

— Esta é a residência de Victoria Woburn? — perguntou.

— Sim — respondi. — Dela e de outras pessoas.

— Então, deixe-me passar, senhorita — ordenou, empurrando-me e penetrando no vestibulo. — Vamos começar a investigação.

Não vou entrar em detalhes. Alguém denunciara o enterro à polícia que, agora, estava investigando. Deve ter sido um dos residentes; tratava-se, contudo, de um ato de tão espantosa traição que nenhum de nós teve coragem de tentar imaginar quem era seu autor. Alguém que estivera presente ao funeral, sem dúvida, e que, tendo sido obrigado a deixar o Lar após o tempo regulamentar, resolvera vingar-se. Era a conclusão lógica, mas isso já não tinha importância. Talvez a polícia tivesse oferecido dinheiro a essa pessoa, talvez ela tivesse falado sem intenção de prejudicar. O fato é que a informação era terrivelmente exata. Acompanhado de dois auxiliares, o policial se dirigiu ao quintal, examinou-o durante algum tempo e, então, apontou justamente para o lugar onde a sepultura fora cavada. Munidos de pás, os dois ajudantes começaram, imediatamente, o trabalho de procurar o cadáver que sabiam que estava ali.

— O enterro, em nossa época, é um ato de egoísmo: imaginem o quanto prejudica. Sem corpos para queimar, seríamos rapidamente liquidados, é claro, naufragaríamos todos. De onde viria o combustível? Como poderíamos viver? Nesta época de emergência nacional, temos de estar vigilantes. Nenhum corpo pode ser poupado, e os que se atrevem a subverter a lei não podem ficar em liberdade. São facinoras da pior espécie, traçoeiros malfeitores, escória de renegados. Devem ser punidos, extirpados!

Estávamos todos no quintal, em volta da sepultura, enquanto o maluco vociferava suas observações perversas e vazias. Victoria empalidecera e creio que, se eu não estivesse ali para sustentá-la, teria desmaiado. Do outro lado da cova que se aprofundava, Sam observava Willie atentamente. O rapaz estava em prantos e, à medida que os ajudantes do policial cavavam a terra, atirando-a negligentemente nas plantas, ele passou a gritar com voz cada vez mais desesperada:

— São os restos do vovô. Não podem jogá-los fora. Os restos são do vovô!

Ele gritava tanto que o policial teve de interromper sua arenga. Olhando com desprezo para Willie, começou a aproximar a mão da metralhadora, mas Sam interferiu e, tapando a boca do rapaz com a mão, arrastou-o para casa, esforçando-se por controlá-lo enquanto ele se debatia e esperneava na relva. Nesse ínterim, vários dos residentes já haviam caído de joelhos e suplicavam ao policial que acreditasse em sua inocência. Nada sabiam daquele crime atroz; não estavam ali quando fora cometido; se soubessem daquela loucura, nunca teriam aceitado hospedar-se no Lar Woburn; eram todos prisioneiros, estavam ali contra a própria vontade. Um depoimento de servilismo após o outro, uma erupção de covardia coletiva. Fiquei tão enojada que senti vontade de cuspir. Uma velha, de nome Beulah Stansky, chegou a agarrar e beijar as botas do policial. Ele tentou se livrar da mulher, mas como ela não o soltava deu-lhe um pontapé na barriga que a atirou no chão, gemendo e ganindo feito um cachorro. Por sorte, Boris Stepanovich decidiu entrar em cena naquele preciso momento. Abrindo as portas-janelas dos fundos da casa, pisou com cuidado na relva e se aproximou, lentamente, do local do tumulto, com um olhar calmo, quase divertido. Era como se já tivesse testemunhado aquela cena muitíssimas vezes, nada era capaz de perturbá-lo, nem a polícia, nem as armas, ninguém. Acabavam de retirar o corpo da cova quando ele se reuniu a nós: ali estava o pobre Frick, estendido na grama, já sem olhos no rosto, coberto de sujeira, com uma infinidade de vermes esbranquiçados refervendo-lhe na boca. Boris nem sequer se deu ao trabalho de olhar para ele. Caminhando diretamente para o policial de casaco vermelho, chamou-o de general e o afastou a um lado. Não consegui ouvir o que disseram, mas pude observar que Boris não parava de rir e mover as sobrancelhas enquanto conversavam. Finalmente, tirou do bolso um maço de dinheiro, contou várias notas e as depositou na mão do policial. Eu não sabia o que significava aquilo — se Boris estava pagando a multa ou se ambos haviam chegado a uma espécie de acordo —, mas a transação se reduziu a um breve e rápido pagamento, e a questão estava encerrada. Os ajudantes atravessaram o relvado com o corpo de Frick, passaram pela casa e, chegando à rua, jogaram-no na carroceria de um caminhão ali estacionado. Na escada, o policial voltou a nos repetir sua arenga — severíssimo, empregando as mesmas palavras que proferira no quintal — e, então, numa derradeira saudação, bateu os calcanhares e desceu rumo ao caminhão, afugentando com gestos bruscos os maltrapilhos curiosos. Assim que ele desapareceu com seus homens, voltei correndo ao jardim, em busca da buzina do carro. Pensava lustrá-la e entregá-la a Willie, mas não consegui encontrá-la. Cheguei até a entrar na sepultura aberta para procurá-la, mas tampouco estava ali. Como tantas outras coisas, a buzina desaparecera sem deixar vestígios.

Estávamos salvos por algum tempo mais; pelo menos, ninguém fora preso, mas o dinheiro com que Boris comprara o policial nos exaurira as reservas. Três dias após a exumação do corpo de Frick, foram vendidos os últimos objetos do quinto andar: um corta-papel folheado a ouro, uma mesa de mogno e as cortinas de veludo azul que cobriam as janelas. Depois disso, conseguimos ainda algum dinheiro vendendo os livros da biblioteca do andar térreo — duas estantes de Dickens, cinco coleções de Shakespeare (uma delas com trinta e oito volumes em miniatura, do tamanho da palma da mão), um Jane Austen, um Schopenhauer, uma edição ilustrada de *Dom Quixote* —, mas, como os preços haviam caído no mercado de livros, não obtivemos mais que uma ninharia. A partir de então, Boris passou a nos sustentar. Seu estoque de objetos, contudo, estava longe de ser ilimitado, e nós não tínhamos a ilusão de que fosse durar muito. Daria para três ou quatro meses na melhor das hipóteses. Considerando que o inverno já estava chegando, era provável que durasse menos.

O mais sensato era fechar o Lar Woburn imediatamente. Tentamos convencer Victoria a fazê-lo, mas, como era difícil para ela tomar tal decisão, seguiram-se várias semanas de incerteza. Então, quando Boris estava a ponto de convencê-la, a decisão lhe foi retirada das mãos, nos foi retirada a todos nós. Estou me referindo a Willie. Avaliando as coisas agora, parece absolutamente inevitável que acabassem como acabaram, mas eu estaria mentindo se dissesse que algum de nós foi capaz de prever aquele desfecho. Estávamos todos por demais envolvidos com nossas tarefas e, quando finalmente aconteceu, foi como se tivesse caído um raio, foi como uma explosão nas profundezas da terra.

Desde que o corpo de Frick foi levado embora, Willie não voltou a ser o mesmo. Continuou a fazer seu trabalho, mas sempre em silêncio, numa solidão de olhares vazios e gestos de indiferença. Bastava que a gente se aproximasse dele para que seus olhos brilhassem hostis e ressentidos; certa vez, chegou a afastar minha mão de seu ombro com toda brusquidão, como se estivesse disposto a me agredir se eu voltasse a tocá-lo. Como trabalhávamos juntos na cozinha, era eu, provavelmente, quem mais tempo passava com ele. Fiz o que pude para ajudá-lo, mas não creio que tenha dado ouvidos a minhas palavras.

— Seu avô está bem, Willie — eu dizia. — Está no céu, e o que aconteceu a seu corpo não tem a menor importância. Sua alma continua viva. Ninguém pode lhe fazer mal. Está feliz agora, e quer que você também seja feliz.

Eu me sentia como uma mãe tentando explicar a morte a uma criança pequena, dizendo as mesmas besteiras hipócritas que eu ouvia de meus pais. Pouco importava o que eu dizia, no entanto, Willie não acreditava em nada. Era um homem pré-histórico e só conseguia reagir à morte mediante a adoração de seu ancestral desaparecido, considerava-o um deus. Victoria compreendia aquilo instintivamente. O túmulo de Frick, que se transformara num lugar sagrado

para Willie, fora violado. A ordem das coisas fora rompida e meu discurso não era capaz de corrigir aquela situação.

Ele começou a sair após o jantar e raramente voltava antes das duas ou três da madrugada. Era impossível saber o que ficava fazendo na rua, pois nunca falávamos no assunto, e era inútil perguntar-lhe o que quer que fosse. Certa manhã, notamos que ele simplesmente não voltara. Pensei que talvez tivesse partido para sempre, mas, logo depois do almoço, vi-o entrar na cozinha sem pronunciar uma palavra, e começar a picar os legumes, com uma arrogância que chegou a me impressionar. Estávamos no fim de novembro, e Willie se havia desviado de sua própria órbita, era uma estrela errante, sem trajetória definida. Deixei de contar com ele; quando estava aqui, aceitava sua ajuda; quando não estava, fazia o trabalho sozinha. Uma vez, demorou dois dias a voltar; noutra ocasião, foram três. Aquelas ausências cada vez mais prolongadas levaram-nos a supor que, de algum modo, estava se preparando para nos abandonar. Cedo ou tarde, pensávamos, chegaria o dia em que ele já não estaria conosco, desapareceria mais ou menos como Maggie Vine. Tínhamos tanto que fazer naquela época, a luta para manter à tona o nosso barco que ia a pique era tão exaustiva que tendíamos a não pensar em Willie quando ele não estava presente. Quando ficou seis dias sem aparecer, creio que todos acreditamos que não voltaríamos a vê-lo. No entanto, numa madrugada da primeira semana de dezembro, fomos arrancados do sono por um horrendo barulho de pancadas e objetos quebrados nas salas do andar térreo. A primeira ideia que me ocorreu foi a de uma invasão das pessoas que estavam fazendo fila do lado de fora, mas, no momento em que Sam, saltando da cama, pegou a arma que sempre guardávamos no quarto, ouvimos disparos de metralhadora lá em baixo, os tremendos e incessantes estampidos dos projéteis. Enquanto a metralhadora rasgava as paredes, as janelas, o soalho, eu ouvia gritos e sentia a casa vibrar com os passos. Acendendo uma vela, segui Sam até o alto da escada, na expectativa de ver o policial ou um de seus homens, preparando-me para ser massacrada pelas balas. Victoria já estava descendo, apressada, à nossa frente e, pelo que pude perceber, ia desarmada. Claro que não era o policial, muito embora eu tenha certeza de que se tratava de sua arma. Willie, que subia em nossa direção com a metralhadora nas mãos, já se encontrava no vão de escada do segundo andar. A luz de minha vela estava muito distante para que eu pudesse lhe distinguir o rosto, mas notei que se deteve ao reconhecer Victoria.

— Basta, Willie — disse ela. — Jogue a arma no chão. Jogue-a imediatamente.

Não sei se ele pretendia atirar nela, o fato é que não deixou cair a metralhadora. Sam, que já se encontrava ao lado de Victoria, puxou o gatilho de sua arma pouco depois de ouvi-la dizer aquelas palavras. O tiro atingiu Willie no peito, fazendo com que saltasse repentinamente para trás e rolasse a escada até o

chão. Morreu antes de cair, creio que morreu antes mesmo de compreender que fora alvejado.

Foi há seis ou sete semanas. Dentre os dezoito residentes que aqui estavam hospedados então, morreram sete, cinco conseguiram fugir, três ficaram feridos e três saíram ilesos. O sr. Hsia, um recém-chegado que, na noite anterior, nos entretivera com truques de baralho, morreu, em virtude dos ferimentos, às onze horas da manhã do dia seguinte. O sr. Rosenberg e a sra. Rudniki se recuperaram. Cuidei deles durante mais de uma semana e, quando se viram em condições de caminhar, os mandei embora. Foram os últimos residentes do Lar Woburn. Na manhã que se seguiu à tragédia, Sam afixou uma placa na porta dianteira: LAR WOBURN FECHADO. As pessoas, do lado de fora, não se foram imediatamente, mas, começou a fazer muito frio e, com o passar dos dias, como a porta não se abria, acabaram dispersando-se. Estamos aqui desde então, fazendo planos para o futuro imediato, tentando sobreviver a mais um inverno. Sam e Boris passam algumas horas diárias na garagem testando o carro e cuidando para que funcione. Nosso plano é ir embora daqui tão logo comece a fazer calor. Até mesmo Victoria se declara disposta a vir conosco, mas não tenho muita certeza de que seja mesmo verdade. Saberemos quando chegar o momento. A julgar pelo aspecto do céu nas últimas setenta e duas horas, creio que não teremos de esperar muito.

Fizemos o possível para cuidar dos corpos, reparar os estragos, remover o sangue. Fizemos até mais do que isso. Só terminamos na tarde seguinte. Sam e eu subimos para tirar uma soneca, mas eu não consegui dormir. Sam adormeceu quase instantaneamente. Para não incomodá-lo, saí da cama e me sentei no chão, a um canto do quarto. Vi, casualmente, minha velha bolsa e, sem qualquer razão particular, comecei a vasculhá-la. Foi quando encontrei o caderno de anotações que comprara para Isabel. As primeiras páginas estão cheias de recados, as breves mensagens que ela escreveu durante os últimos dias de sua enfermidade. São coisas simples como “obrigado” ou “água” ou “minha querida Anna”, mas, ao rever aquela caligrafia insegura, aquelas letras exageradamente grandes, quando me lembrei do quanto ela lutou para tornar nítidas suas palavras, as mensagens deixaram de ser simples. Mil pensamentos me ocorreram ao mesmo tempo. E, sem parar de pensar, arranquei lentamente as primeiras páginas do caderno, dobrei-as com cuidado e voltei a guardá-las na bolsa. Então, tomando um dos lápis comprados do sr. Gambino há tanto tempo, apoiei o caderno nos joelhos e comecei a escrever esta carta.

Venho fazendo isso desde então, acrescentando algumas novas páginas diariamente, tentando contar-lhe tudo. Por vezes me pergunto quanto deixei de dizer, quanta coisa se perdeu para sempre, mas tais perguntas não podem ser respondidas. Não disponho de muito tempo agora, e não devo desperdiçar

palavras. No começo, não pensei que fosse demorar — alguns dias bastariam para lhe dizer o essencial. Agora, com quase todo o caderno preenchido, vejo que mal rocei a superfície. Isso explica por que minha caligrafia tem se tornado cada vez mais miúda à medida que avanço. Tenho tentado dizer tudo, tentado chegar ao fim antes que seja tarde demais, porém agora vejo o quanto me iludi. As palavras não permitem que se diga tudo. Quanto mais perto a gente chega do fim, mais há por dizer. O fim é apenas imaginário, um destino qualquer que a gente inventa para seguir adiante, mas vem o momento em que se percebe que nunca chegará. Você pode ser obrigado a parar, mas isto só acontece porque esteve perdendo tempo. Você para, mas isto não significa que chegou ao fim.

As palavras vão diminuindo, vão se tornando tão pequenas que talvez já nem sejam legíveis. Como não lembrar de Ferdinand, de seus barcos, de sua frota liliputiana de naus e galeras? Só Deus sabe por que persisto. Não creio que esta carta chegue até você. É como gritar no vazio, como gritar num imenso e terrível vazio. Depois, quando me permito um momento de otimismo, estremeço ao pensar no que pode acontecer se ela chegar a suas mãos. Você ficará atordoado com as coisas que escrevi, ficará terrivelmente preocupado, e cometerá o mesmo erro que eu. Por favor, não o faça, eu suplico. Conheço-o muito bem para saber que é capaz de cometer essa loucura. Mas, por favor, se ainda me tem algum amor, não caia nessa armadilha. Eu não suportaria a ideia de ter de me preocupar por você, a ideia de que pudesse estar vagando nestas ruas. Basta que um de nós tenha se perdido. O importante é que você permaneça onde está, que eu possa saber que continua aí. É meu único consolo; não faça nada capaz de destruí-lo.

Por outro lado, mesmo que este caderno chegue a suas mãos, nada o obriga a lê-lo. Você não tem dever algum para comigo, e eu não quero que se sinta obrigado a fazer alguma coisa contra sua vontade. Às vezes, chego até a esperar que seja mesmo assim, que você simplesmente não tenha coragem de começar. Compreendo a contradição, mas é assim que me sinto às vezes. Se for este o caso, as palavras que estou lhe escrevendo agora já são invisíveis para você. Seus olhos nunca as verão, seu cérebro jamais será oprimido pela mais insignificante fração do que eu disse. Quem sabe seja melhor assim? No entanto, acho que não gostaria que você destruísse esta carta ou a jogasse fora. Se preferir não lê-la, talvez possa entregá-la a meus pais. Com certeza eles gostariam de receber o caderno, mesmo que tampouco tenham coragem de lê-lo. Poderiam guardá-lo em meu quarto, numa das prateleiras sobre a minha cama, por exemplo, junto com minhas velhas bonecas e a roupa de bailarina que eu usava aos sete anos, uma última lembrança minha.

Já não saio muito. Somente quando é a minha vez de fazer compras, porém, mesmo nessas ocasiões, Sam prefere me substituir. Perdi o hábito das ruas, sair

me custa muito esforço e desgaste. Acho que é um problema de equilíbrio. Minhas dores de cabeça pioraram novamente neste inverno e, sempre que caminho mais que cinquenta ou cem metros, começo a sentir tonturas. A cada passo tenho a impressão de que vou cair. Prefiro ficar em casa. Continuo cozinhando, mas, depois de ter preparado refeições para vinte ou trinta pessoas de uma vez, cozinhar para quatro é uma brincadeira. Mesmo porque não comemos muito. O bastante para aplacar a fome, raramente mais do que isso. Estamos tentando economizar para a viagem e não podemos sair desse regime. O inverno tem sido rigoroso, quase tanto quanto o Terrível Inverno, mas sem as nevasdas incessantes nem as ventanias. Mantemo-nos aquecidos desmantelando parte da casa e atirando os pedaços ao forno. Foi Victoria quem o sugeriu, mas não sei dizer se isso significa que ela está pensando no futuro ou simplesmente deixou de se importar. Desmontamos os corrimãos, os batentes, as divisórias. No começo, sentíamos uma espécie de prazer anárquico nisso — desfazer a casa para obter combustível —, mas, agora, ela está simplesmente horrível. A maior parte dos cômodos ficou vazia, o que dá a impressão de estarmos morando numa garagem de ônibus, nas ruínas de um prédio em demolição.

Nas últimas duas semanas, Sam vem saindo quase diariamente para vasculhar a periferia da cidade, investigar a situação junto às muralhas, observar cautelosamente se há concentração de tropas. Tais informações podem ser muito importantes quando chegar o dia. Atualmente, a Muralha do Violinista parece a mais adequada. É a barreira mais ocidental e dá para uma estrada que leva ao interior do país. Contudo, o Portão Milenar, ao sul, também nos tentou. Disseram-nos que o tráfego é maior no outro lado, mas o Portão em si não é tão severamente controlado. A única opção que eliminamos definitivamente é o extremo norte. Tudo indica que há muito perigo, muitos distúrbios naquela parte do país e, ultimamente, têm falado numa invasão, em exércitos estrangeiros concentrando-se nas florestas, preparando-se para atacar a cidade quando a neve derreter. Claro que já ouvimos esse tipo de rumores antes, e é difícil saber em que acreditar. Boris Stepanovich, embora já tenha conseguido nossas autorizações de viagem subornando um funcionário, ainda passa várias horas por dia espreitando os edifícios municipais do centro da cidade, na esperança de recolher algum fragmento de informação que nos possa ser útil. Alegra-nos ter as autorizações de viagem, mas isto não significa necessariamente que funcionará. Podem ter sido forjadas e, neste caso, corremos o risco de ser presos quando as apresentarmos ao supervisor de saída. Ou pode ser que ele simplesmente as confisque, sem razão alguma, e nos mande de volta. Essas coisas acontecem, temos de estar preparados para qualquer contingência. É por isso que Boris continua espionando; porém, diz que o que tem ouvido é muito confuso e contraditório para merecer crédito. Segundo ele, tudo indica que, em breve, o governo será novamente deposto. Assim sendo, temos de estar preparados para

tirar vantagem da confusão temporária, se bem que nada esteja realmente claro quanto a isso. Nada está claro, e nós continuamos a esperar. Enquanto isso, o carro permanece na garagem, com nossas malas e nove latas de vinte litros de combustível suplementar.

Faz um mês que Boris passou a morar conosco. Está bem mais magro que antes e, de vez em quando, detecto certa palidez em seu rosto que lhe dá uma aparência doentia. Em todo caso, ele nunca se queixa, o que torna impossível saber qual é o problema. Não há dúvida de que perdeu parte da energia física, mas acho que seu espírito não foi afetado, pelo menos não de maneira evidente. Sua principal obsessão, atualmente, consiste em tentar imaginar o que fará quando tivermos saído da cidade. Quase toda manhã se levanta com um novo plano, cada um mais absurdo que o outro. O último deles é o cúmulo, mas eu creio que, secretamente, está disposto a executá-lo. Quer que nós quatro criemos um espetáculo mágico. Podemos percorrer o interior com o automóvel, diz, fazendo apresentações em troca de comida e hospedagem. Ele será o mágico, naturalmente, de fraque e cartola. Sam será o apresentador e Victoria, a empresária. Eu serei a assistente — a bela jovem saltitante, coberta de lantejoulas. Durante o espetáculo, darei os instrumentos ao mestre e, no grande número final, entrarei numa caixa de madeira e serei serrada ao meio. Seguir-se-á uma longa e delirante pausa e, então, quando todas as esperanças estiverem perdidas, sairei intacta da caixa, gesticulando triunfalmente, atirando beijos à multidão, com um amplo e artificial sorriso nos lábios.

Considerando o que teremos de enfrentar, é agradável sonhar tais absurdos. O degelo parece agora iminente, é até mesmo possível que partamos amanhã cedo. Foi o que combinamos antes de nos deitar: se o céu estiver promissor, viajaremos imediatamente. É tarde da noite agora, e o vento está soprando por entre as fendas da casa. Todos foram dormir e eu fiquei aqui em baixo, na cozinha, tentando imaginar o que me espera. Não consigo. É impossível ter ideia do que nos acontecerá lá fora. Tudo é possível, e isto é quase a mesma coisa que nada, quase a mesma coisa que nascer num mundo que jamais existiu. Talvez encontremos William depois de sairmos da cidade, mas procuro não alimentar grandes esperanças. Tudo o que peço agora é poder viver mais um dia. Esta é Anna Blume, sua amiga de outro mundo. Quando chegarmos aonde estamos indo, tentarei escrever-lhe novamente. Prometo.

PAUL AUSTER é romancista, poeta, crítico, tradutor e editor. Aos 43 anos, escritor-residente na Universidade de Princeton, é considerado o mais inventivo entre os novos autores norte-americanos. Foi consagrado quando lançou *A Trilogia de Nova York*, escrita entre 1982 e 1984. É um admirável contador de histórias, o que prova mais uma vez com *No País das Últimas Coisas*, extraordinária parábola sobre o futuro da humanidade.

Do autor, pela Best Seller:

A TRILOGIA DE NOVA YORK